

REVISTA COSMOVNI

Publicação do Grupo Ufológico Pato Branco - PATOVNI

ISSN 2675-8466

Ano 2 | Número 3 | Dezembro 2021



REVISTA COSMOVNI

**PUBLICAÇÃO DO GRUPO
UFOLOGICO PATO BRANCO | PATOVNI
NÚMERO 3. SEMESTRAL. 2021. ISSN 2675-8466**



**Tasca Editorial
Pato Branco - 2021**

GRUPO UFOLÓGICO PATO BRANCO | PATOVNI

EQUIPE

Coordenador: Flori Antonio Tasca
Diretor cultural: Rudinei Campra
Diretora de eventos: Solange Tasca
Colaboradores: Alana Amaral
Diego Tesser
Jeferson Eduardo Matiolo

Revisão: Henrique Luiz Fendrich
Diagramação: Diego Tesser
Capa: Galáxia de Hoag | HubbleSite
Imagem Interna: Nebulosa da Lagoa (parcial) | HubbleSite

R454 Revista COSMOVNI. / Flori Antonio Tasca (editor). Número 3. Semestral--
Pato Branco: Tasca Editorial, 2021.
157 f. : il.

ISSN: 2675-8466

1. Ufologia. 2. Cosmologia. I. Flori Antonio Tasca, editor. II. Título.

CDD - 501

Ficha Catalográfica elaborada por
Maria Juçara Vieira da Silveira CRB9/1359

REVISTA COSMOVNI
PUBLICAÇÃO DO
GRUPO UFOLOGICO PATO BRANCO
NÚMERO 3. SEMESTRAL. 2021. ISSN 2675-8466

COMPOSIÇÃO

EDITOR

Flori Antonio Tasca

CONSELHO

Douglas Albrecht

Fernando Manuel Araújo Moreira

Fred (Frederico) Guilherme Vega Morsch

Lallá Barretto (Maria Luiza Barretto)

Marco Antonio Petit

Marco Aurélio Leal

Monica Silvia Borine

Pedro Barbosa

Ricardo Varela Correa

Roger (Rogério) Rumor

Toni Inajar (Inajar Antonio Kurowski)

Van Ted (Vania Segura Tedesco)



Tasca Editorial
Pato Branco - 2021

SUMÁRIO

EDITORIAL.....001

**A ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS UFOLÓGICAS: ERROS E ENGANOS
RELACIONADOS AO EQUIPAMENTO FOTOGRÁFICO E FILMOGRÁFICO
INAJAR ANTONIO KUROWSKI e CLAUDEIR COVO (*in memoriam*)..005**

**COMO AS “VIKINGS” DESCOBRIRAM VIDA MICROBIANA NO
PLANETA MARTE EM 1976 E ISSO FOI ACOBERTADO
MARCO ANTONIO PETIT.....029**

**COMUNICAÇÃO ALIENÍGENA: LIMITES E POSSIBILIDADES
FLORI ANTONIO TASCA.....045**

**OS 40 ANOS DO INCIDENTE NA FLORESTA DE RENDLESHAM,
O ROSWELL BRITÂNICO | CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA.....085**

**A COMPROVAÇÃO DE VIDA INTELIGENTE EM OUTROS PLANETAS
E O IMPACTO NAS RELIGIÕES E NA CIÊNCIA
MARCO AURÉLIO GOMES VEADO.....112**

**A ABDUÇÃO DO PROFETA ELIAS: AS CARRUAGENS DE FOGO
BËN MÄHREN QADËSH.....123**

**LALIBELA: O REI USADO POR UM PROJETO DE ENGENHARIA
SOCIAL ALIENÍGENA | RUDINEI CAMPRA.....137**

O UNIVERSO E SUA IMENSIDÃO | DOUGLAS ALBRECHT.....150

EDITORIAL

Por mais moderno que se apresente o tema da ufologia, sabemos que há evidências de presença alienígena ao longo de toda a trajetória da espécie humana. São muitas as civilizações antigas que realizaram obras que não condizem com o conhecimento de suas épocas e há também relatos antigos de religiões em que alguns eventos “fantásticos” parecem ter uma explicação extraterrestre. Apesar dos sinais cada vez mais evidentes da passagem de alienígenas pelo nosso planeta, nota-se ainda muita resistência de setores mais tradicionais da sociedade em admitir a existência de vida inteligente em outros lugares. Não se nega, afinal, que haverá um grande impacto a partir do momento em que se admita e se oficialize o contato com civilizações alienígenas. Os que de alguma maneira podem perder com a revelação dessa realidade são também os responsáveis pelo acobertamento das evidências ufológicas.

Essas são questões presentes ao longo dos oito artigos que compõem a presente edição da Revista Cosmovni, nos quais se discute também a casuística ufológica e as evidências fotográficas de UFOs, além da promoção de reflexões sobre os desafios que a humanidade enfrentará no processo de interação com alienígenas. Ao mesmo tempo, são considerados os aspectos cosmológicos que podem explicar a difusão da vida por todo o Universo e que também impactam as possibilidades de contato com aliens.

De maneira específica, Inajar Antonio Kurowski (Toni Inajar) e Claudeir Covo (“*in memoriam*”) abordam em “Análise de fotografias ufológicas: Erros e enganos relacionados ao equipamento fotográfico e filmográfico” detalhes técnicos do funcionamento da fotografia, pois esse é um expediente necessário antes de validar determinada imagem atribuída a um UFO.

Há uma série de efeitos e erros de interpretação que precisam ser considerados para se poder fazer uma análise científica e imparcial de supostas imagens de UFOs.

Em seguida, Marco Antonio Petit, em “Como as ‘vikings’ descobriram vida microbiana no planeta Marte em 1976 e isso foi acobertado” mostra que, por mais que a ciência relute em admitir a vida alienígena, já houve a comprovação de que micróbios habitam o Planeta Vermelho. Uma política de acobertamento impediu que fosse feita essa revelação à época. A NASA considerou os resultados “inconclusivos”, mas usando argumentos destituídos de fundamentação. A revelação da vida microbiana em Marte é questão de tempo e, acredita-se, está na iminência de ocorrer.

Da minha parte, em “Comunicação alienígena: limites e possibilidades”, abordei as possíveis dificuldades de comunicação que irão emergir quando a humanidade tiver “contato oficial” (público, ostensivo e formal) com civilizações de outros planetas. As ferramentas de tradução humana têm melhorado, mas não se sabe se poderão permitir a comunicação com espécies distintas. É possível que a telepatia seja a forma de comunicação preferida dos aliens. São analisadas as formas de comunicação relatadas em casos da ufologia.

Um episódio ufológico dos mais significativos é o tema do artigo de Cláudio Tsuyoshi Suenaga, “Os 40 anos do incidente na floresta de Rendlesham, o Roswell britânico”. Trata-se de uma série de avistamentos em 1980 perto das bases militares gêmeas de Bentwaters e Woodbridge, operadas pela Força Aérea norte-americana (USAF), testemunhadas por dezenas de militares. O autor se dedicou a esmiuçar detalhes desse caso, inclusive as críticas dos céticos, para assim poder se aproximar da realidade sobre esse evento ufológico.

Em “A comprovação de vida inteligente em outros planetas e o impacto nas religiões e na ciência”, Marco Aurélio Gomes Veado trata da dificuldade que tanto as religiões como a ciência mais ortodoxa têm em admitir a possibilidade de vida alienígena. O autor também destaca que a crença é um dos principais desafios para uma ufologia consciente, sendo certo que ela deve usar os métodos da ciência para validar seus resultados e então apresentá-los de maneira compreensível para as pessoas leigas.

Por sua vez, Bën Mähren Qadësh, no artigo “A abdução do profeta Elias: As carruagens de fogo”, trata de um dos episódios mais singulares da Bíblia, quando o profeta Elias foi levado aos céus por um redemoinho. Tal fenômeno é interpretado, no meio ufológico, como um contato imediato. O que o autor se propõe a fazer então é evidenciar as marcas criptoufológicas desse episódio, presentes no próprio relato bíblico, encontrando assim resultados surpreendentes que não parecem ser obra de um mero acaso.

Rudinei Campra, na sequência, aborda em “Lalibela: O rei usado por um projeto de engenharia social” a significativa história das 11 igrejas lapidadas em pedra construídas na Etiópia durante a Idade Média. Trata-se de estruturas complexas mesmo para a atual tecnologia da humanidade. Um relato manuscrito chega a descrever a construção dessas igrejas, com o rei Lalibela sustentando que ela só foi possível com a ajuda de “anjos”. Ao que parece, as igrejas faziam parte de um projeto fracassado de alguma civilização alienígena.

Por fim, Douglas Albrecht promove uma reflexão sobre “O Universo e sua imensidão”. A questão sobre o tamanho do Universo e a quantidade de estrelas e galáxias que nele existem é frequente na ciência, sendo que as últimas estimativas apresentam números impressionantes.

Além de ter um tamanho colossal, o Universo também está em expansão, afastando de nós eventuais civilizações alienígenas. É possível, porém, que a energia escura desempenhe um papel importante para as viagens intergalácticas.

Nota-se, portanto, que os diferentes focos apresentados por cada autor convergem para oferecer, idealmente, uma melhor compreensão da questão alienígena, contribuindo, assim, para a assimilação desse cenário e para a preparação da realidade que há de surgir após o contato oficial.

Pato Branco, PR, Dezembro de 2021.

Prof. Dr. FLORI ANTONIO TASCA – Editor



A ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS UFOLÓGICAS: ERROS E ENGANOS RELACIONADOS AO EQUIPAMENTO FOTOGRÁFICO E FILMOGRÁFICO

**INAJAR ANTONIO KUROWSKI e
CLAUDEIR COVO (“in memoriam”)**

RESUMO

Ao longo de milênios de trajetória humana, todas as civilizações se preocuparam em deixar registros visuais das suas experiências de vida, o que inclui não apenas as ordinárias, mas também as extraordinárias, sendo várias as imagens antigas que parecem aludir a contatos com alienígenas. Atualmente, a humanidade dispõe de recursos fotográficos para registrar aquilo que vê, inclusive os fenômenos que observa no céu. A possibilidade de flagrar um UFO por meio de uma fotografia existe, mas, antes de chegar à conclusão de que a imagem registra um objeto não identificado, é preciso que ela seja analisada de modo científico e imparcial, afastando a hipótese de manipulação, efeito óptico ou simplesmente erro de interpretação. Para essa análise, mostra-se imprescindível o estudo contínuo de fotografia, de vídeo, de ótica, de física, de meteorologia, entre outras áreas, além de uma boa dose de ceticismo. O artigo acompanha a evolução da fotografia, além de explorar os detalhes técnicos do seu funcionamento, na certeza de que tal conhecimento é fundamental para validar possíveis imagens de UFOs, OSNIs e qualquer fenômeno de origem potencialmente alienígena.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Filmagem. Ufologia.



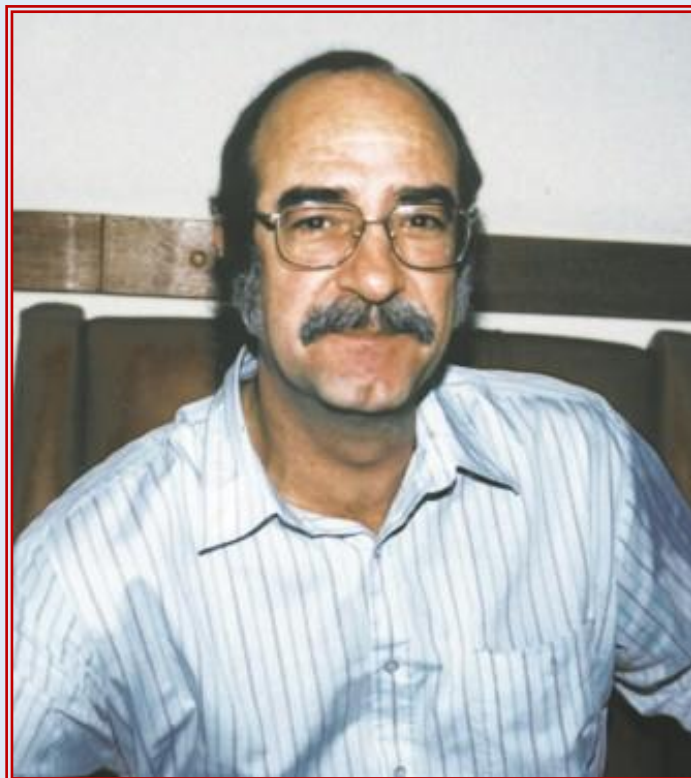
SOBRE OS AUTORES

TONI INAJAR (Inajar Antonio Kurowski), paranaense nascido e criado em Curitiba, é graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Paraná (1986), Pós-graduado (Latu Sensu) em Metodologia da Ciência (1994) pelas Faculdades Integradas Espírita e mestre em Gestão Ambiental (2010) pela Universidade Positivo. No campo profissional, é Perito Criminal (1994-), com ênfase em Fotografia Forense, Identificação Veicular, Balística Forense, Locais de Crimes contra a Pessoa e Locais de Crimes contra o Patrimônio.

Foi professor desses temas na Escola Superior de Polícia Civil do Paraná e atuou como professor convidado na Polícia Militar do Paraná. Foi professor universitário na FAPAR – Faculdade Paranaense e também como convidado em várias instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, dentre elas Universidade Federal do Paraná, Universidade Positivo, UniBrasil e Universidade Tuiuti.

Na área ufológica, realizou várias pesquisas de campo em avistamentos de naves e seres e também pesquisou “in loco” agroglifos, no Brasil e na Inglaterra. Palestrante consagrado na ufologia, já participou em diversos congressos e seminários ufológicos. É o coordenador do Grupo e Análises de Imagens da Revista UFO e Coeditor da Revista UFO. É Conselheiro e Padrinho do PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco.

Contato: inajark@yahoo.com.br.



CLAUDEIR COVO nasceu em São Paulo (09.06.1950) e faleceu também na capital paulista (05.05.2012). Foi Engenheiro Eletrônico, tendo presidido por 27 anos o Comitê de Iluminação Veicular da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

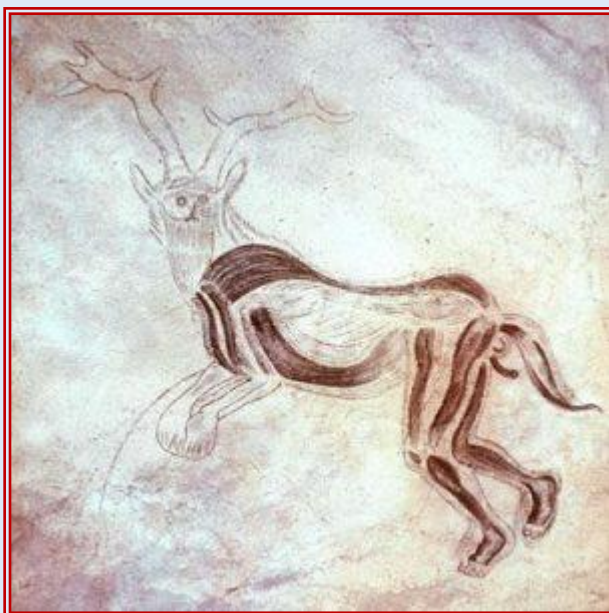
Em 1966, aos 16 anos de idade, interessou-se por ufologia, ao ler sobre a perseguição de objetos discóides a astronautas em órbita da Terra. Em 1975 fundou o Centro de Pesquisas Ufológicas (CEPU) e em 1994 fundou o Instituto Nacional de Investigação de Fenômenos Aeroespaciais (INFA). Durante sua trajetória na ufologia, foi considerado um dos melhores ufólogos brasileiros, especialista na análise de imagens atribuídas a discos voadores.

INTRÓITO

O ser humano buscou desde sempre registrar o mundo em que vivia, seus pensamentos e seus devaneios imaginativos. Nossos ancestrais deixaram registros em paredes de cavernas, em petroglifos ou em esculturas das imagens de seu cotidiano. Incontáveis gerações fizeram representações de coisas e fatos concretos como animais, guerras e sexo, assim como de coisas e formas abstratas, como espirais e figuras geométricas, e coisas imaginárias, como animais ou seres fantásticos. Um bom exemplo é a figura encontrada na gruta de Les Trois Frères (Os Três Irmãos), nos Pirineus franceses, que foi chamada de Feiticeiro Dançador.

Trata-se da representação de uma criatura masculina vista de perfil, olhando de frente para o observador, com os olhos muito redondos. Cada uma das partes da sua anatomia parece pertencer a um animal distinto: orelhas de lobo, chifres de veado, rabo de cavalo e patas de urso.

No entanto, o efeito geral é notadamente humano. Uma interpretação possível é a de que represente simultaneamente a essência de todas as espécies, algo como um espírito guardião dos animais.

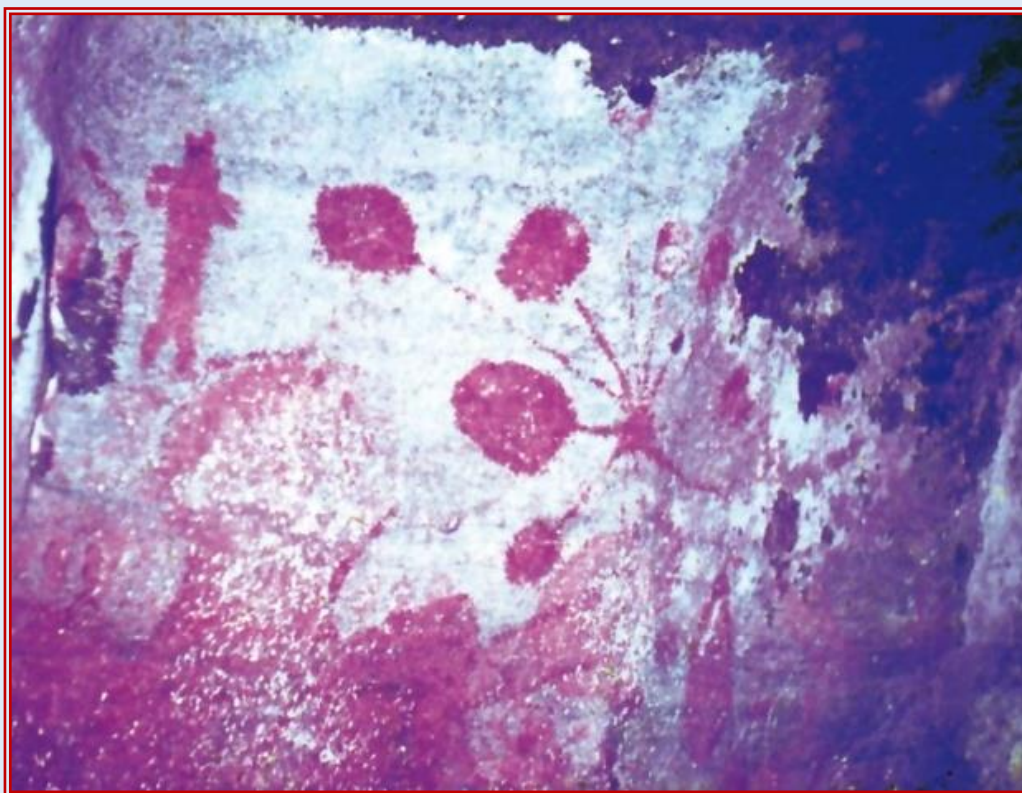


PINTEREST

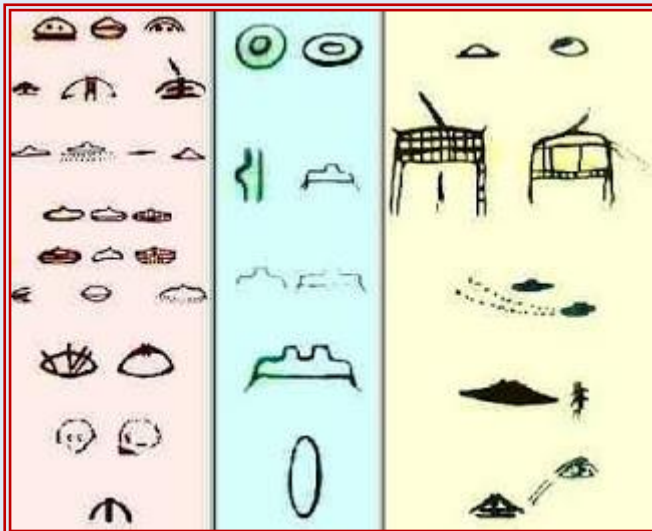
Será que poderíamos afirmar com segurança que a figura que nosso ancestral representou é algo real? Poderíamos afirmar que ele viu, concretamente, um ser composto pela mistura de diversos animais como o retratado? Evidentemente que não. E é assim, a partir deste enfoque, que analisamos imagens em nosso Grupo de Análises de Imagens da Revista UFO.

UFOS NA ANTIGUIDADE

Outras imagens rupestres e desenhos antigos sugerem, por seu formato, que sejam representações de discos voadores, iguais àqueles que são observados e fotografados contemporaneamente. Um exemplo são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas de Varzelândia, no estado de Minas Gerais, com aproximadamente oito mil anos de idade, cujas imagens apresentam discos voadores e esquemas do Sistema Solar.



PORTAL FENOMENUM

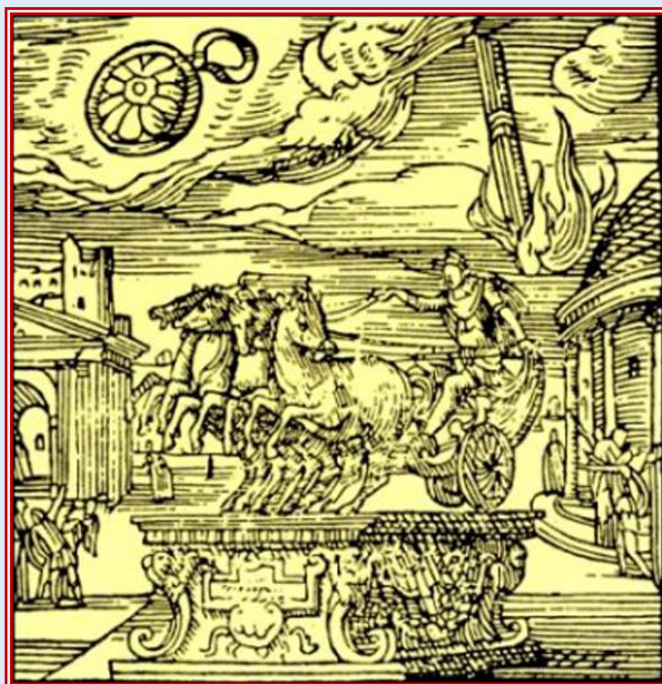


RUPESTRE BRASIL

À medida que as civilizações foram surgindo e evoluindo, também as formas de representar o mundo foram se aprimorando. Com pouco esforço, graças à Internet, podemos hoje contemplar obras de escribas, historiadores e pensadores da

antiguidade, nas quais registram, descrevem e por vezes ilustram com desenhos, objetos estranhos que viram nos céus. Não são poucos os exemplos que mostram ou descrevem máquinas e carruagens voadoras e eles vêm acompanhando a humanidade há milênios. Uma "placa inflamada" no céu de Roma foi detalhada no livro *Liber Prodigiurum* [Livro dos Prodígios] pelo historiador romano Júlio Obsequens. A obra, como o próprio nome diz, trata dos múltiplos prodígios que ocorreram no Império Romano, entre os anos 190 a.C. e 10 a.C..

A legenda diz: "Algo como uma espécie de arma ou míssil apareceu com um ruído alto da terra e subira para o céu"



LA MONETA

O que queremos dizer é que, seja qual for a época ou a tecnologia, as pessoas registram não apenas o ordinário, mas o extraordinário. Sumérios, egípcios, gregos, romanos e muitos outros povos, inclusive, como já vimos, os ancestrais, deixaram para as gerações posteriores informações visuais daquilo que viam e viviam. Nós não somos exceção, ao contrário, somos uma reafirmação desse comportamento. E as fotografias ufológicas são a prova viva de que, assim como os romanos, também nós registramos os prodígios no céu.

A EVOLUÇÃO DA FOTOGRAFIA

Para compreendermos como é feita uma imagem fotográfica é imprescindível conhecer, ainda que em linhas gerais para efeito deste artigo, a história da fotografia. No início do século XIX, descobriu-se que o cloreto de prata era sensível à luz e diversas experiências foram realizadas a partir de então. Em 1826, o francês Joseph Nicéphore Niépce, após oito horas de exposição, conseguiu fixar a imagem das construções vistas da janela da sua sala de trabalho. Ele utilizou uma placa de vidro revestida com verniz de asfalto (betume da Judeia) e uma mistura de óleos, destinada a fixar a imagem.

Surgiu, assim, a primeira fotografia com fixação da imagem “inalterável”.



DW

O passo seguinte foi dado por Louis J. Mandé Daguerre, um talentoso pintor de paisagens que esteve associado a Joseph Nicéphore Niépce desde em 1829. Porém, foi só em 1835, dois anos após a morte de Niépce, que Daguerre fez a descoberta que praticamente o firmaria como o único inventor da fotografia. Dois anos antes, em 1833, Daguerre guardara, displicentemente, uma chapa sensibilizada com iodeto de prata em um armário e, ao abri-lo no dia seguinte, encontrou uma imagem revelada. Segundo diz a lenda criada em torno da história, o então misterioso agente revelador, o vapor de mercúrio, teria vindo de um termômetro quebrado. Surgiam, então, as imagens chamadas de daguerreótipos.



WIKIPEDIA

A primeira câmara para daguerreótipos a ser comercializada foi construída por André Giroux. O equipamento compunha-se de dois estojos que se encaixavam, um dentro do outro, os quais que se afastavam ou se aproximavam para focalizar a imagem capturada pela lente objetiva (aquela que está na frente da câmara, voltada para o que se quer fotografar) em uma tela de vidro fosco, na face interna posterior.

Um simples disco de metal na frente da objetiva era o obturador. A lente tinha uma distância focal de 38 cm e uma abertura útil de f14.



RESUMO FOTOGRÁFICO

Quase 30 anos depois, em 1888, o empresário George Eastman, dono da Kodak, lançou uma câmara que permitia que fossem feitas 100 exposições em um filme em rolo. Qualquer objeto situado a uma distância superior a 1,2m entrava automaticamente no foco. Para revelar o filme, entretanto, era necessário enviar a máquina de volta à fábrica. A câmara Kodak, modelo *Brownie*, vendida na época por US\$ 1, finalmente tornou a fotografia acessível ao grande público, em 1900.



ACERVO DO AUTOR

A tecnologia de construção de câmaras fotográficas continuou evoluindo e em 1925 foi lançada no mercado a primeira máquina fotográfica miniaturizada de precisão, da marca Leica, que aos poucos foi chegando ao grande público. A popularização do equipamento, entretanto, só ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando houve a possibilidade de cada pessoa possuir uma máquina fotográfica, o que se tornou uma grande ajuda para a Ufologia.

De 1946 a 1960, a fotografia foi considerada como a melhor prova da existência dos discos voadores. Mas, se a técnica fotográfica ganhou grandes campos, a técnica de fraudar imagens (fotomontagens) também não ficou atrás. Muitas fotomontagens, truques e erros de interpretação foram cometidos nas últimas dezenas de anos e por isso o assunto se tornou tão polêmico. Por causa das fraudes nas imagens e das políticas de acobertamento de governos e outros órgãos “secretos”, as fotografias de UFOs caíram no descrédito popular. Atualmente, pode-se dizer que fotografar um UFO é apenas uma questão de ser a pessoa certa no local e hora exatos, sem esquecermos, é claro, uma boa dose de sorte.

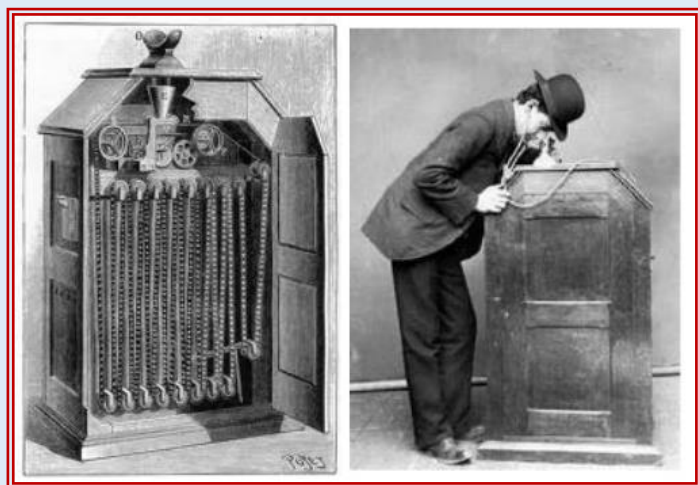
A CÂMARA ESCURA

O princípio da máquina fotográfica, que funciona como a câmara escura ou o olho humano, já era conhecido em Roma e na Grécia, no tempo de Cristo. Naquela época, a câmara era composta por uma sala fechada, tendo em uma das paredes um pequeno orifício para a entrada de luz solar, formando então uma imagem na parede oposta, que aparece invertida nos dois sentidos, vertical e horizontal. É possível fazer uma pequena câmara escura com uma caixa pequena e colocando-se na face oposta ao furo uma folha de papel semitransparente.

Alguns pesquisadores da área acreditam que a câmara escura foi utilizada por Leonardo da Vinci para produzir algumas de suas obras de arte, mas essa é outra história. A luz é definida pela física como sendo ondas eletromagnéticas que sensibilizam a retina humana. Quando o olho recebe a luz refletida pelos objetos, ela passa pela íris, pelo cristalino e atinge a retina humana, que é composta por dois tipos de células fotossensíveis: os cones, que nos permitem a visão colorida e direcionada, mais útil durante o dia, e os bastonetes que nos permitem a visão em tons de cinza e a visão periférica. A íris controla a quantidade de luz que entra no olho e o cristalino, que é uma lente, converge (focaliza) os raios de luz sobre a retina.

Basicamente, os equipamentos que registram imagens seguem o mesmo conceito do olho humano, que é uma câmara escura bem sofisticada. Tem uma lente objetiva na frente (cristalino), um diafragma (íris) que controla a quantidade de luz que entra na câmera, um obturador que controla o tempo de exposição e um elemento sensor (retina), que pode ser um filme (película) ou CCD. Algumas décadas após a descoberta da fotografia, em 1826, descobriu-se também que uma sequência de fotos podia dar a falsa sensação de movimento.

Para isso, era preciso usar uma exposição de fotos acima do tempo de retenção da retina humana, que é de aproximadamente 1/18 de segundo. Assim, chegou-se ao Cinetoscópio, no final do século XIX.



WIKIPEDIA

Mais tarde, a filmadora foi inventada, utilizando 24 quadros por segundo e cada quadro era apresentado duas vezes, tendo, portanto, 48 campos por segundo. Assim nasceu o cinema. Já no século XX, a televisão valeu-se do mesmo conceito, utilizando 30 quadros por segundo.

AS CÂMARAS FOTOGRÁFICAS E AS FILMADORAS

As máquinas digitais e as antigas “de película” ou fotoquímicas têm o mesmo princípio da câmara escura e do olho humano. O furo foi substituído por uma lente objetiva (ou conjunto de lentes, conforme o tipo de câmara) e a parede foi substituída por um elemento fotossensível. Também foi adicionado um diafragma entre as lentes para controlar a quantidade de luz e um obturador para controlar o tempo de exposição. Os demais recursos técnicos foram adicionados para facilitar os usuários. Assim, as máquinas digitais atuais funcionam exatamente como as máquinas “de película” ou fotoquímicas (sejam fotográficas ou filmadoras), sendo a única diferença o fato de que o filme fotográfico foi substituído pelo Dispositivo de Carga Acoplada (CCD).

O CCD é um sensor para captação de imagens, formado por um circuito integrado que contém uma matriz de capacitores acoplados. Sob o controle de um circuito externo, cada capacitor pode transferir sua carga elétrica para outro capacitor vizinho. Os CCDs são usados em fotografia digital, imagens de satélites, equipamentos médico-hospitalares, como os endoscópios, e na astronomia, particularmente em fotometria, ótica e espectroscopia UV e técnicas de alta velocidade.

A capacidade de resolução ou detalhe da imagem depende do número de células fotoelétricas do CCD. Expressa-se esse número em pixels. Quanto maior o número de pixels, maior a resolução da imagem. Atualmente, as câmeras fotográficas digitais incorporam CCDs com capacidades de até 160 milhões de pixels. “Pixel” é uma expressão surgida da aglutinação das palavras inglesas *Picture* e *Element*, ou seja, elemento de imagem, sendo *Pix* a abreviatura em inglês para *Picture*. É o menor elemento em um dispositivo de exibição qualquer, como um monitor, ao qual é possível se atribuir uma cor. Explicando de uma forma mais simples, um pixel é o menor ponto que compõe uma imagem digital, sendo que o conjunto de milhares de pixels forma a imagem inteira.

É importante saber que todos os defeitos que aparecem nas imagens obtidas com máquinas fotoquímicas também acontecem nas máquinas digitais, sendo que nestas, com uma sensibilidade bem maior, os defeitos são maiores e mais frequentes, fazendo com que falhas sejam confundidas com UFOs, OSNIs, sondas, assombrações, fantasmas, fadas, duendes etc. E é por isso que uma análise fotográfica tem que ser precisa e detalhada.

AS ANÁLISES

Analisar uma imagem de modo científico e imparcial não é uma tarefa muito simples. Para afirmar posteriormente se aquilo que uma foto ou *frame* mostra é original, se a imagem foi ou não manipulada, se vem a ser apenas um efeito óptico (“aberração fotográfica”) ou se houve um erro de interpretação, é preciso bem mais do que apenas boa vontade, é preciso conhecimento.

É imprescindível nessa atividade o estudo contínuo de fotografia e vídeo, ótica, física, meteorologia e ainda investigar de que modo as imagens são capturadas e como são armazenadas. É necessário conhecer geometria e perspectiva e também saber manipular dois ou três *softwares* de tratamento de imagem, além de sempre pesquisar e examinar muitas fotografias e casos ufológicos, principalmente aqueles que envolvem fraudes, para conhecer e estar atualizado sobre os “truques” utilizados.

Na área da ufologia, ter a mente ligeiramente cética também ajuda. Particularmente, encaramos todas as fotografias ufológicas *a priori* como fraude e, somente depois de esgotar todas as possibilidades e chances de se tratar de algum fenômeno explicável pela nossa ciência, é que se afirma ser um UFO, um OSNI ou qualquer outra coisa não identificada.

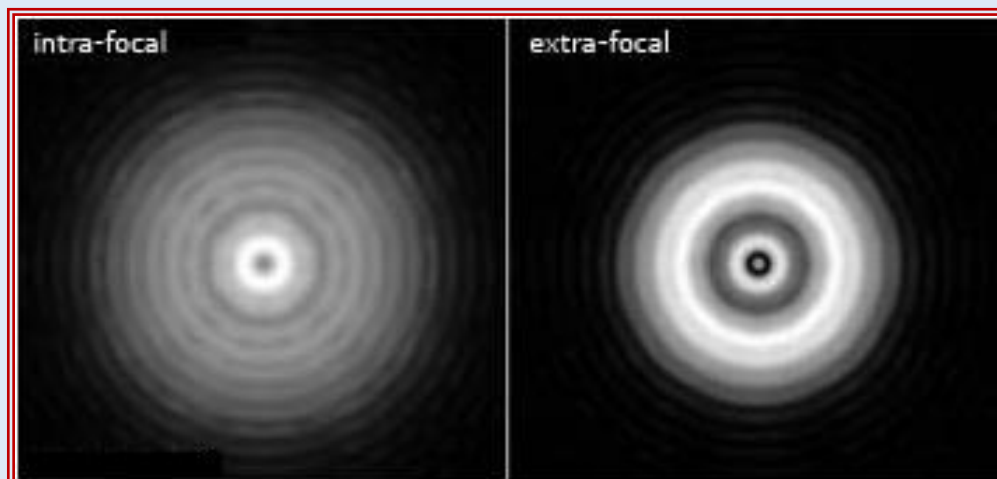
Neste artigo é inviável esgotar o assunto, mas, para reforçar o tema, as estatísticas apontam que só algo entre 0,5% e 2% das imagens são realmente de “algo” não identificado. E isso remete à principal característica de quem pretenda analisar imagens: a persistência. Ou seja, ser ufólogo pode até constituir um passatempo para alguns, mas analisar imagens com seriedade requer dedicação além da usual, além de ética e comedimento. Ética com a veracidade do fenômeno e comedimento na emissão do resultado da análise. Nada de paixão nesta hora.

ERROS E ENGANOS RELACIONADOS A EQUIPAMENTO FOTOGRAFICO E DE FILMAGEM

Para que se possa fazer boas e sólidas análises de imagem, deve-se conhecer, também, os erros e os enganos que podem ocasionar falhas na interpretação.

As lentes objetivas das máquinas fotográficas e filmadoras são compostas por várias outras lentes e têm em seu interior milhões de raios de luz refratando e refletindo, o que constitui um grande desafio aos fabricantes desses produtos, os quais têm, basicamente, sete tipos de aberrações óticas para eliminar ou atenuar ao máximo, na meta de obter a melhor qualidade de imagem. Dentre essas sete aberrações, há cinco aberrações primárias: aberração esférica, coma, astigmatismo, curvatura de campo e distorção. São chamadas de “Aberrações de Seidel”, por terem sido estudadas e descritas, por volta de 1850, pelo físico Ludwig von Seidel. Vamos examinar cada uma delas.

Aberração esférica: Acontece quando, na margem da imagem, o foco ocorre à frente ou atrás do exato ponto focal, comumente em torno de um objeto luminoso ou muito refletivo. É que os raios de luz incidentes próximos à borda das lentes são muito mais refratados do que os raios que incidem próximos ao eixo óptico ou centro da imagem. Em vez de se refratar no ponto focal, os raios se refratarão na frente ou atrás dele, formando, ao redor do ponto focal, um halo luminoso concêntrico que deteriora a qualidade da imagem. Semelhante à visão míope, faz com que um objeto pequeno perca sua forma original e pareça ser um pouco maior do que realmente é.



ACERVO DO AUTOR

Aberração cromática: Esta aberração é resultante da dispersão causada pela curvatura das lentes, semelhante ao fenômeno que pode ser observado em um prisma que, ao ser atravessado por luz branca, causa a decomposição da luz em um leque luminoso de várias cores. Isso acontece com maior intensidade nas bordas da imagem, pois ali o ângulo de incidência da luz se fecha mais. No centro da lente praticamente não há desvio, pois as superfícies anterior e posterior das lentes são praticamente paralelas. Por isso, o desvio em questão aparece mais próximo das bordas da lente, ou seja, próximo das bordas da imagem. A imagem formada em um anteparo por essa lente apresentará, assim, de maneira mais visível próximo de suas bordas, as cores do arco-íris misturadas com o desenho da imagem.

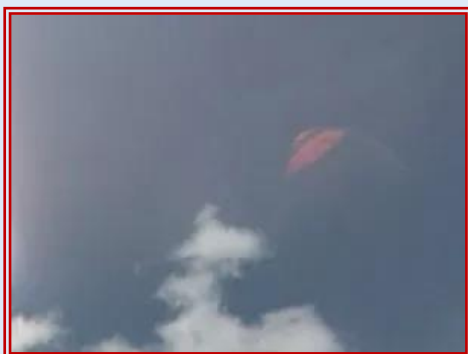


ALESSANDRO AZUOS

Aberração do tipo Coma, Coma Berenice, efeito cromático ou efeito de cometa: É um caso particular em que pontos fora do eixo óptico aparecem em forma de cometa (alongadas) na imagem por causa das lentes. Quanto mais afastado do centro da imagem se encontrar o objeto, maior é a aberração. O reflexo do tipo coma (cabeleira) ou em cauda de cometa é a incapacidade de uma lente de formar uma imagem pontual oblíqua, produzindo em seu lugar uma mancha de luz assimétrica que emana do centro. Esta aberração é a principal causadora do efeito conhecido como lens flare, UFO fantasma ou velo ótico. A imagem forma uma mancha luminosa que geralmente lembra a cauda de um cometa.

Cada região da lente objetiva faz com que os raios de luz atinjam um plano focal em posição distinta, formando diversos pontos focais para um único objeto pontual. Cada zona da lente objetiva forma uma imagem e, como a espessura não é a mesma em toda a lente, os círculos ou hexágonos (depende da forma do diafragma) que se formam são de dimensões diferentes. A coma será mais acentuada quanto mais oblíquos forem os raios de luz que atingem a objetiva da máquina fotográfica ou filmadora. Podemos reduzir a coma fechando o diafragma.

Quando a fonte de luz principal está dentro do campo visual da foto, a primeira mancha luminosa será simétrica em relação à fonte de luz principal, enquanto as outras serão assimétricas. Se a fonte de luz principal está fora do campo visual da foto, mas atingir a lente mais externa, a mancha luminosa sempre será assimétrica. É muito comum vermos esse tipo de aberração pela televisão, nas cenas externas envolvendo o Sol e nas cenas de estúdio ou palco envolvendo os holofotes. Na tela do televisor aparecem várias manchas alinhadas com a fonte principal de luz e, de acordo com os movimentos da câmara, essas manchas também se movimentam, atravessando a tela de ponta a ponta. É interessante notar que, apesar da fonte principal de luz ser normalmente branca, as manchas são coloridas, pois ocorrem duas aberrações conjugadas, a coma e a cromática.



ACERVO DO AUTOR



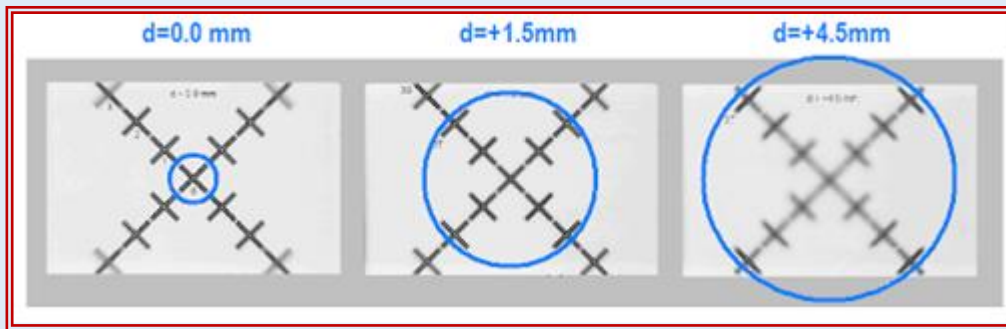
PARSEC

Astigmatismo: É a indesejada propriedade de um sistema ótico ser mais perfeito em uma direção do que em outra. Este desajuste faz com que a luz se refrate por vários pontos, em vez de se focar em apenas um. Assim, todos os objetos, próximos ou distantes, ficam distorcidos e as imagens parecem embaçadas porque alguns dos raios de luz são focalizados e outros não.



ACERVO DO AUTOR

Curvatura de campo: Corresponde à formação de uma imagem nítida fora de um plano. Ela é formada em uma superfície curva, portanto, incompatível com placas ou sensores planos. Ocorre quando tentamos, por exemplo, focalizar uma esfera de uma distância muito próxima. Desse modo, ou focamos a porção mais próxima ao centro ou então a periferia da esfera.



ACERVO DO AUTOR

Distorção curvilínea: Não corresponde à nitidez, mas à incapacidade de reproduzir linhas retas na imagem. A imagem correta é chamada de ortoscópica e distorções curvilíneas são respectivamente as de barril ou travesseiro, que é também chamada de “lençol-na-corda”.



TECHTUDO

MAIS PROBLEMAS

Além das distorções primárias que listamos, outros problemas podem interferir na qualidade das imagens, causando efeitos não desejados que, se mal interpretados, podem iludir um pesquisador com pouca experiência e conhecimento. Como dito antes, a análise de imagens não é um trabalho para quem quer resultados rápidos. Assim, vamos conhecer outros fatores que alteram fotografias e filmagens.

Filme exposto à luz antes de ser colocado na câmera: ocasionalmente, por falta de atenção ou de habilidade do fotógrafo, parte da película pode ser acidentalmente exposta à luz, causando manchas ou mesmo inutilizando o filme fotográfico. Por vezes essas manchas assumem formas que podem ser interpretadas como fantasmas, portais energéticos e outras coisas similares.



DIGIRO

Entrada de luz no interior da câmera: Esse efeito, somente observado em câmaras fotoquímicas, provoca a formação de manchas em parte ou mesmo em toda a extensão da fotografia. Comumente ocorre após a câmara ter sofrido uma queda e, devido ao impacto, sua tampa apresenta algum entortamento por onde entra luz.



BLOG EMANIA

Excesso de luz no exterior da câmara: algumas vezes, a regulagem do tempo de exposição, que é o tempo em que o obturador da câmara permanece aberto, pode ser excessiva ou a abertura do diafragma ser muito grande, ou mesmo ambos, para uma determinada luminosidade e então a fotografia pode apresentar uma parte muito “iluminada”, chegando a encobrir parcialmente o objeto retratado.



TECHTUDO

Distorções digitais: há, também, a questão de distorções exclusivamente digitais, provocadas pelo sensor ou mesmo pela forma como os arquivos são gravados. O popular formato JPG, por exemplo, invariavelmente provoca os chamados artefatos de compressão. Esse problema se agrava em níveis de compressão maiores e se repete a cada vez que a imagem é gravada. Não é à toa que os profissionais preferem fotografar em modo RAW e deixam para salvar em JPG somente quando terminam de tratar as fotos. Como já deve estar claro para o leitor, muitas coisas podem interferir em uma foto ou filmagem. A seguir, conheceremos mais sobre isso.

ARTEFATOS FOTOGRÁFICOS, PONTO FOCAL E CAMPO FOCAL

A distância focal – assim como a abertura do diafragma – é uma das mais importantes características de uma objetiva. É a partir dela que o usuário define, por exemplo, a maior ou menor aproximação de uma imagem ou escolhe o campo de visão que deseja trabalhar. A distância focal de uma objetiva é a distância, em milímetros, entre o ponto de convergência da luz até o ponto onde a imagem focalizada será projetada. Quanto maior for a distância focal, menor será o ângulo de visão da imagem e maior será a aproximação dos objetos focalizados. Ao aumentarmos a distância focal, também "achatamos" a imagem, fazendo com que objetos que estejam em uma mesma linha de visão, mas distantes entre si, pareçam mais próximos.

Já a profundidade de campo depende da abertura do diafragma (ou íris, para as câmeras de vídeo) e da proximidade que se está do objeto a ser fotografado ou filmado. O diafragma é um mecanismo da objetiva composto por várias lâminas justapostas e que regula a intensidade de luz que entra na câmara.

A regulagem na intensidade de luz afeta a nitidez entre os planos, ou seja, a profundidade de campo. A abertura do diafragma pode variar entre fechado e aberto, dependendo somente da objetiva utilizada para determinar os valores. Outro fator que afeta a profundidade de campo é a distância focal da objetiva a ser utilizada. Quanto maior a distância focal, maior será a área desfocada, e vice-versa. Por esse motivo, é impossível conseguir grandes áreas desfocadas com objetivas grandes angulares.

O valor do diafragma se dá por meio de números, conhecidos como números f ou "f-stop", e segue um padrão numérico universal, iniciando-se em 1, 1.4, 2, 2.8, 4, 5.6, 8, 11, 16, 22, 32, 45 etc. Cada numeração é 1,4x mais elevada que sua antecessora, sendo que os valores menores são os que representam maiores aberturas, que permitem maior incidência de luz. Entretanto, são os que darão uma menor profundidade de campo. O inverso é verdadeiro, portanto, os valores maiores representam os que permitem menor incidência de luz e darão maior profundidade de campo.

Com o obturador aberto, temos um "tempo de exposição longo" da foto. Há vários exemplos no livro de Marco Petit, Terra – Laboratório Biológico Extraterrestre [Biblioteca UFO, 1998], de fotos com tempo de exposição longo, feitas dessa forma para que se pudesse registrar o percurso de UFOs na Serra da Beleza, no estado do Rio de Janeiro. O efeito produzido é exatamente o que aparece na foto do vulcão que ilustra este artigo: a fonte luminosa sensibiliza o filme e, se houver movimento da fonte luminosa ou da máquina, a imagem produz um traço ou risco, tal qual está na foto. Mas isso não é tudo. Notem que o traço é pontilhado. As lâmpadas em geral (60hz X 2) acendem e apagam 120 vezes por segundo, fato que é imperceptível aos nossos olhos, mas esse fato fica evidenciado na foto com o risco pontilhado. Onde estão os pontos mais visíveis, a luz está acesa e onde estão os pontos menos visíveis a luz está apagada, daí o efeito pontilhado.

Logo, vemos que houve uma movimentação da câmara com o obturador aberto em uma lâmpada em um local escuro e, provavelmente, houve o que é conhecido como dupla exposição: foi batida a pose sobre a lâmpada em ambiente escuro e, depois, a palheta de avanço do filme "patinou", fazendo com que ficasse a mesma pose disponível para nova foto. Então, foi feita uma nova foto do vulcão nessa mesma pose. Impossível determinar se tudo isso foi acidental ou intencional. Mas, com certeza, não é um UFO.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Percebe-se, portanto, que há uma série de detalhes técnicos que devem ser considerados atentamente antes de se concluir que determinada figura em uma fotografia representa um objeto não identificado com possível origem alienígena. O rigor na análise é fundamental para que não se caia em fraudes ou erros de interpretação. Apenas dessa maneira é que a análise ufológica de fotografias poderá ser respaldada cientificamente.

REFERÊNCIA

PETIT, Marco. **Terra** – Laboratório Biológico Extraterrestre. Curitiba: CBPDV, 1998.

COMO AS “VIKINGS” DESCOBRIRAM VIDA MICROBIANA NO PLANETA MARTE EM 1976 E ISSO FOI ACOBERTADO

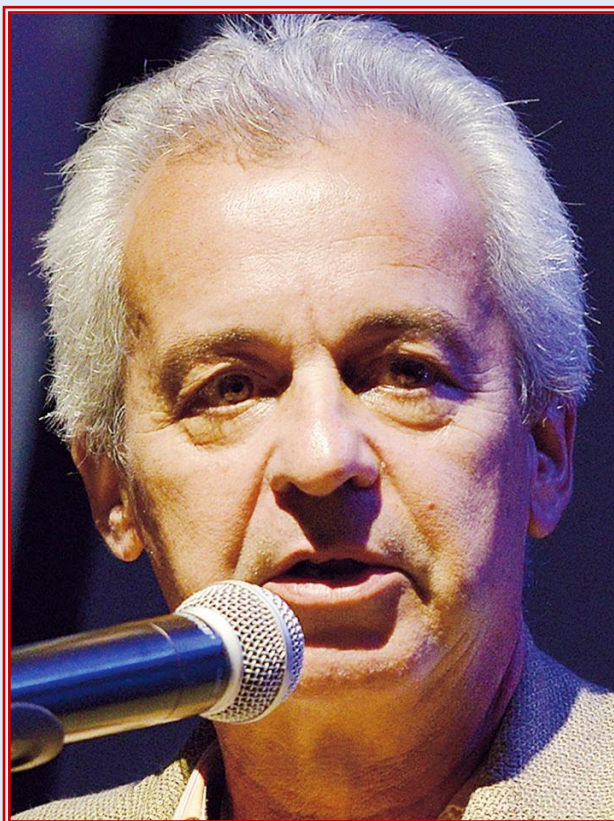
MARCO ANTONIO PETIT

RESUMO

Desde o início do programa de exploração de Marte, discute-se sobre a possibilidade da existência de vida microbiana no planeta. A espaçonave Mariner 9 trouxe as primeiras imagens indicando que Marte poderia ter tido, no passado, condições similares às da Terra, mas foi com o projeto Viking, que colheu amostras de solo marciano, que a vida microbiana foi confirmada no planeta. Duas das três experiências microbiológicas com amostras do solo de Marte deram resultados positivos para microrganismos. Entretanto, a NASA manifestou oficialmente a versão de que os resultados eram inconclusivos, aparentemente obedecendo comandos superiores que julgaram inconveniente revelar a existência de vida em Marte naquele momento. Aludiu-se à não detecção de material orgânico na ocasião, mas, além de isso não ser suficiente para negar a vida, sabe-se que os instrumentos da época não eram sensíveis o bastante para detectá-los e que hoje já há a confirmação de que os orgânicos, base para a vida, abundam em Marte. Cientistas defendem que a NASA revise os resultados obtidos anteriormente com as Vikings. A confirmação da vida microbiana em Marte, embora negada oficialmente, já aconteceu e a sua revelação é hoje uma questão de tempo.

PALAVRAS-CHAVE

Marte. Vida microbiana. Acobertamento.



SOBRE O AUTOR

MARCO ANTONIO PETIT, nascido em maio de 1957, começou a investigar o fenômeno UFO em 1975. Em 1979, ao proferir sua primeira conferência, foi premiado no I Encontro Nacional de Teses Ufológicas (Rio de Janeiro-RJ) com trabalho que relacionava os discos voadores à origem da humanidade. Desde então, tem

proferido centenas de conferências no Brasil e no exterior, sendo reconhecido nos meios de comunicação nacionais e estrangeiros como um “expert” no tema. Investigou e/ou divulgou os principais casos da Ufologia militar brasileira, como o Caso Trindade, Vôo 169 da Vasp, Operação Prato, A Noite Oficial dos UFOs e o Caso Varginha. Foi coeditor da Revista UFO desde sua criação até dezembro de 2018, tendo sido o articulista que mais publicou artigos na história do periódico. Como membro da Comissão Brasileira de Ufólogos, foi cocriador da campanha “UFOs – Liberdade de Informação, Já”, que resultou na liberação de documentos secretos sobre a presença dos UFOs no Brasil. Autor de 13 livros de cunho ufológico (o mais recente “UFOs – Depoimentos Históricos, 2021), é hoje o principal investigador brasileiro de imagens que estão sendo liberadas pela NASA, com identificação da presença alienígena em vários pontos do sistema solar. É Conselheiro do PATOVNI.

Contato: marcoantoniopetit@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A questão da existência de vida microbiana em Marte faz parte das discussões dentro da agência espacial dos EUA e fora dela praticamente desde o início de nosso programa de exploração espacial relacionado ao Planeta Vermelho, mas começou a ter uma maior valorização logo após as primeiras evidências, ainda no início da década de 1970. Na época, a espaçonave *Mariner 9* entrou na órbita do planeta e enviou as primeiras imagens indicando que Marte poderia ter experimentado, em uma época distante, condições semelhantes àsquelas que hoje existem na Terra.

As fotos documentando o que pareciam ser leitos de antigos rios e as primeiras evidências de estruturas geométricas gigantescas de forma piramidal, além de outros sinais de ruínas em sua superfície, chamavam, de fato, a atenção para as possibilidades de vida no passado do planeta. Além disso, por que algumas formas de vida em escala inferior, como bactérias, não poderiam ainda existir no planeta, pois desde a chegada da espaçonave, em 1971, o planeta já não parecia tão refratário às possibilidades de vida como, de início, as missões da própria NASA, que haviam passado ao largo de Marte, sem entrar em sua órbita, haviam revelado?

O PROJETO VIKING

A história da presença de vida microbiana em Marte começa, de forma objetiva, quando ainda estava na “prancheta” o projeto *Viking*, que se transformaria no mais ambicioso e caro projeto concebido na época para exploração planetária pela agência espacial norte-americana.

Havia naqueles dias a certeza de que a ideia de encontrar vida em Marte estava longe de ser uma ficção e era justamente essa a proposta da NASA, poucos anos após os feitos da *Mariner 9*. O projeto (*Viking*), que incluía módulos orbitais e de descida (*landers*), foi desenvolvido dentro dessa perspectiva. No caso dos módulos de descida, destacava-se a realização de três testes, com experimentos para a busca direta de vida de escala inferior, em nível microbiano.

Conforme eu escrevi no livro “Marte – A Verdade Encoberta” (2012), de acordo com critérios estabelecidos antes do início das missões pelos cientistas do Laboratório de Propulsão a Jato (JPL) em Pasadena, na Califórnia (a sede da NASA responsável pelo projeto), foram positivas duas das três experiências microbiológicas realizadas com amostras de solo marciano pelo braço mecânico de cada um dos *landers* que pousaram no ano de 1976, respectivamente, nas planícies de *Chryse e Utopia*, regiões separadas por cerca de 5 mil km. A bordo das *Vikings*, existiam três laboratórios automatizados para realizar os experimentos planejados com o material retirado da superfície.

EXPERIMENTOS E QUESTIONAMENTOS

Quando amostras do solo do planeta foram misturadas a uma espécie de “sopa orgânica estéril”, levada da Terra, surgiram sinais indicando a presença de microrganismos, os quais metabolizaram o alimento terrestre. Em outro teste, quando gases da Terra foram introduzidos e tiveram contato com amostras do solo do planeta, eles aparentemente se combinaram, quase como se existissem micróbios fotossintetizadores, gerando matéria orgânica a partir de tais gases. Isso é o que Carl Sagan, cientista ligado diretamente ao projeto, declarou anos depois, publicamente e de forma objetiva.

Na mesma época, em seu livro *Cosmos*, ele declarou: “*Talvez haja grandes formas de vida em Marte, mas não nos locais de pouso das Vikings. Talvez haja pequenas formas de vida em cada rocha e em cada grão de areia*”. (SAGAN, 2017)

Será que essa possibilidade levantada de forma tão objetiva pelo astrofísico na segunda parte de sua declaração seria uma realidade já conhecida por Sagan, mediante o que as próprias *Vikings* revelaram ao analisar as amostras da superfície marciana? E a possível existência de “grandes formas de vida” além dos locais de pouso das duas espaçonaves? Em que ele estava se baseando para publicar essa noção sobre a possível existência no planeta de formas de vida de grande porte?

A presença de vida microbiana em *Chryse* e *Utopia* já parecia evidente a partir dos próprios resultados obtidos após os pousos dos dois *landers*, conforme os critérios para interpretação dos dados na área da microbiologia, ou astrobiologia, estabelecidos antes dos próprios lançamentos das duas espaçonaves no ano de 1975 e que a agência espacial resolveu ignorar mais tarde, declarando publicamente que os resultados haviam sido inconclusivos. E as formas de vida de escala superior? É importante ressaltar que Sagan estava falando de vida na atualidade, e não em um passado remoto.

VIDA MARCIANA ACOBERTADA

Em minha opinião, como declaro há décadas, as *Vikings* descobriram de forma objetiva vida nos dois sítios explorados pelas espaçonaves e o recuo da agência espacial esteve ligado a uma espécie de “não autorização superior”, dentro da política mundial na época de acobertamento da questão extraterrestre.

Algo ligado a uma política que envolvia diretamente a questão ufológica e as potenciais evidências da presença de ruínas de uma antiga civilização marciana, que estavam sendo documentadas de forma objetiva pelos módulos orbitais das *Viking 1* e *Viking 2*, mediante suas fotografias.

Oficializar naqueles dias a vida marciana, mesmo que microbiana, potencialmente chamaria atenção da mídia e da população para toda a questão extraterrestre e o controle das informações pelo processo de acobertamento da presença alienígena na Terra. Do mesmo modo, o que estava sendo descoberto e já havia “vazado” sobre as ruínas seria certamente associado, já que as primeiras evidências sobre Marte ter sido, no passado remoto, um mundo semelhante à Terra, começavam a ganhar força, inclusive dentro da comunidade científica.

Sepultar a descoberta de vida microbiana foi, antes de tudo, uma decisão da política mundial ligada ao acobertamento. Toda e qualquer alternativa fora de processos biológicos que foi aventada dentro da própria agência espacial, como base para o questionamento dos resultados favoráveis à presença de vida microbiana, ou deram resultados negativos ou os elementos necessários simplesmente não existem em Marte, conforme as próprias missões espaciais revelaram.

A NASA acabou por ignorar a forte evidência de vida, mesmo sem uma base científica que pudesse ser defensável fora dos processos biológicos. O principal argumento utilizado que sobrou para o questionamento das evidências diretas de vida, como os resultados do experimento que indicou que microrganismos presentes nas amostras estavam metabolizando (comendo o alimento) levado da Terra e produzindo gás, foi a não detecção nas amostras de material orgânico.

Apenas quando o assunto já havia sido sepultado para a mídia e as *Vikings* faziam parte do passado é que a agência espacial se permitiu assumir que também essa suposta evidência contrária não tinha o menor valor e pesquisas mais recentes confirmaram isso de forma definitiva.

PUBLICAÇÃO DA NASA

Em um *release* publicado no site da agência espacial do *Ames Research Center*, 30 anos depois da chegada das espaçonaves a Marte, no dia 26 de outubro de 2006, cujo título é “*NASA Viking Landers Could Have Missed Organics on Mars*” (*Viking Landers* da NASA de 1976 podem ter perdido os orgânicos em Marte), foi explicado por que os instrumentos dos módulos de descida nas planícies de *Chryse* e *Utopia* não foram capazes de detectar esse tipo de material nas mesmas amostras.

A publicação da NASA revela que, recentemente, os cientistas realizaram testes em desertos e em outros solos quase estéreis da Terra, semelhantes aos que duas espaçonaves *Viking* realizaram em Marte em 1976.

Os pesquisadores descobriram que os instrumentos de detecção orgânica das espaçonaves não eram sensíveis o suficiente para perceber pequenos fragmentos orgânicos existentes nas terras improdutivas em nosso mundo. Um relatório técnico descrevendo os testes dos cientistas apareceu em uma edição dos *Proceedings of the National Academy of Sciences* no final de outubro de 2006.

"Nosso estudo mostra que os instrumentos Viking da década de 1970 podem ter sido incapazes de detectar baixos níveis de compostos orgânicos em Marte, devido à presença de ferro nos solos, porque o solo era aquecido na presença desse ferro. Futuras missões a Marte deveriam usar métodos que não envolvem aquecimento do solo, como extração de líquido", disse Christopher McKay, cientista do Centro de Pesquisa Ames da NASA no Vale do Silício da Califórnia e um dos autores do relatório.

Mesmo solos sem ferro podem conter material orgânico que as espaçonaves do projeto *Viking* não conseguiriam detectar. Os cientistas do estudo disseram que encontraram pequenas quantidades de material orgânico semelhante ao grafite (produzido pela vida) nos vales secos da Antártica, no Atacama chileno e nos desertos da Líbia. Como os níveis de orgânicos são tão baixos nesses solos, e o material orgânico se tornou muito parecido com o grafite, os instrumentos das *Vikings* não teriam detectado esse material semelhante ao grafite.

Os cientistas também estudaram solos de outros lugares da Terra que têm alto teor de ferro, assim como grande parte de Marte. Por exemplo, solos contendo óxidos de ferro, ou seus sais, na área espanhola de Rio Tinto e no Vale Panoche, na Califórnia, oxidam materiais orgânicos para produzir dióxido de carbono, que bloqueia a detecção de orgânicos.

Além disso, os pesquisadores, conforme o *release* da agência espacial de 2006, testaram um solo vulcânico havaiano de um cone de cinzas ao sul do vulcão *Mauna Kea*, solo que também contém compostos orgânicos. Este solo é muito semelhante aos materiais da superfície marciana, de acordo com os cientistas, e é usado para simular o solo de Marte em experimentos de laboratório. Os instrumentos da era 1970 das *Vikings* não teriam detectado substâncias orgânicas nesse solo orgânico do Havaí, disseram também os cientistas.

NASA's 1976 Viking Landers Could Have Missed Organics on Mars

10.26.06



NASA's first major effort to look for life on Mars was carried out by two Viking spacecraft that landed, probed and tested the planet's soil for signs of martian life in 1976. The tests were inconclusive, because what first appeared to be chemical signs of life could have been caused by non-life chemistry. The spacecraft included a sensitive test for organic material. The apparent absence of organic material has led many to favor the non-life explanation for the red planet.

Viking 2 Image of Mars Utopian Plain (Click on the image for high resolution)

Recently, scientists conducted tests on desert and other nearly sterile soils on Earth similar to those that two Viking spacecraft conducted on Mars in 1976. The researchers found that the Vikings' organic detection instruments were not sensitive enough to perceive minute bits of organics existing in those barren wastelands on our world. A technical report describing the scientists' tests appeared in an issue of the Proceedings of the National Academy of Sciences in late October 2006.

"Our study shows the Viking instruments from the 1970s may have been unable to detect low levels of organics on Mars, due to the presence of iron in the soils, because the soil was heated in the presence of this iron. Future Mars missions should use methods that do not involve heating the soil, such as liquid extraction," said Christopher McKay, a scientist at NASA Ames Research Center in California's Silicon Valley, and one of the report's authors. The principal author is Rafael Navarro-Gonzalez from the Universidad Nacional Autonoma de Mexico.

Parte inicial do release publicado no ano de 2006 no site do Ames Research Center (NASA), pertinente às descobertas que revelam que a não detecção de materiais orgânicos pelas espaçonaves do projeto Viking, utilizada pela agência espacial na década de 70 para declarar que os resultados tinham sido inconclusivos, não sustenta o questionamento sobre a presença de vida na superfície marciana, como ficou posteriormente demonstrado e o próprio texto integral da matéria revela (Imagem: NASA, Ames Research Center).

NOVAS PERSPECTIVAS

Basicamente, o que pode ser dito é que a vida evidenciada em Marte pelos parâmetros de registro e confirmação estabelecidos dentro da concepção prévia de avaliação do projeto Viking, nos experimentos da década de 1970 na superfície marciana, acabou sendo descartada na época com o argumento “final” da não detecção de material orgânico, pelos motivos que só mais recentemente estão sendo compreendidos.

Na época, essa não detecção em Chryse e Utopia, dentro de uma visão de amostragem, valeria para a totalidade de Marte, até uma prova contrária. Mas o que aconteceu depois de algumas décadas para validar a descoberta de vida nas planícies marcianas do hemisfério norte onde as espaçonaves fizeram seus testes?

Com o advento da exploração da superfície marciana pelos rovers da própria agência espacial, além de novas tecnologias, hoje se sabe que aquilo que “faltou” na década de 1970 existe por todo o planeta. Os orgânicos, base para a existência de vida, exatamente do tipo que conhecemos na Terra, foram encontrados em Marte.

Vários dos cientistas envolvidos com a busca de vida em Marte e com as próprias missões do projeto Viking continuaram a manifestar opiniões positivas e a destacar a importância dos resultados obtidos pelos experimentos desenvolvidos com as amostras do solo marciano. Esses experimentos haviam sido não só cuidadosamente planejados, mas testados na própria Terra com vida microbiana terrestre e isso continua acontecendo até hoje na defesa dos resultados obtidos. Um desses cientistas é o próprio desenvolvedor do experimento conhecido como Labeled Release, selecionado pela agência espacial para a busca de vida marciana na década de 1970, Gilbert V. Levin. Em 1997, o cientista, depois de todas as revisões e análises dos dados obtidos pelas Vikings, deixou claro que os resultados revelam de fato a descoberta de vida microbiana.

O professor da Universidade do Arizona defende que a NASA revise oficialmente os resultados, tendo em mente, inclusive, as informações obtidas pelas missões seguintes, que “amparam” por uma série de descobertas o que foi detectado como resposta nas experiências realizadas na década de 1970. Levin produziu um trabalho detalhado não só destacando o que foi de fato evidenciado pelos experimentos realizados com as amostras marcianas como também mediante a apresentação de uma série de publicações com as devidas referências científicas para uma leitura apropriada do que chamamos de “bioassinaturas”. O cientista, em julho de 2018, participou do programa on-line de David Livingstone, "The Space Show", o qual teve grande repercussão. Na oportunidade, ele deixou claro que, em sua visão, a agência espacial sabe muito bem a verdade sobre Marte e aquilo que foi descoberto nas planícies de Chryse e Utopia.



O cientista Gilbert V. Levin declarou em julho de 2018, no popular programa on-line de David Livingston, "The Space Show": "Estou certo de que a NASA sabe que existe vida em Marte" (Imagem: Gilbert Levin).



Uma das publicações que repercutiram as declarações mais recentes do cientista Gilbert V. Levin, professor da Universidade do Arizona, envolvida há décadas diretamente com a NASA nas explorações do Planeta Vermelho, em vários aspectos do programa espacial dos EUA.

QUESTÃO “EM ABERTO” (?)

O mais surpreendente nessa história é o fato que a NASA, mesmo diante de toda a polêmica que foi estabelecida sobre a descoberta ou não de vida pelas *Vikings*, resolveu deixar fora das missões seguintes, programadas para o planeta, justamente a questão da existência de vida. Se os resultados tinham sido verdadeiramente inconclusivos, por que as missões *Pathfinder (lander)*, que pousou em 1997, *Phoenix (lander)*, em 2008, a dos *rovers Spirit e Opportunity*, que pousaram em 2004, e a do *Curiosity*, que continua se movimentando no interior da cratera *Gale* no momento em que escrevo essas linhas, não tinham um único instrumento, mesmo com todo os avanços tecnológicos das décadas que passaram, para testar a presença de vida?

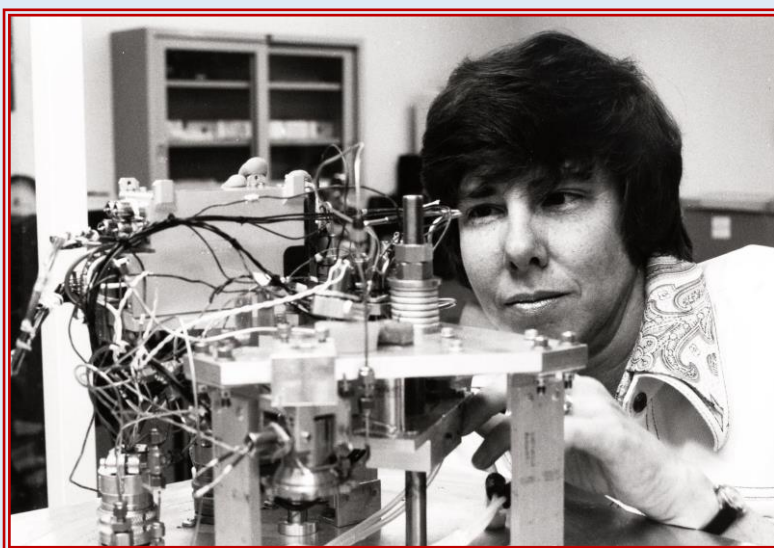
A resposta parece óbvia e pode ser dividida em duas partes para um perfeito entendimento: a agência espacial sabe mais do que ninguém que a vida microbiana foi evidenciada (provada) já na década de 1970 (já existia essa certeza); e o esquecimento da questão, por motivações relacionadas ao acobertamento da questão extraterrestre, devia ser mantido até o dia que os gestores de todo esse processo decidissem revelar a verdade para a mídia e a humanidade.

Esse abandono misterioso da “equação vida” por décadas foi ressaltado também em época mais recente por Patricia Ann Straat, outro nome de destaque envolvido diretamente com o experimento *Labeled Release*. Em uma entrevista publicada no dia 2 de abril de 2019 na prestigiosa revista *Scientific American*, a cientista revelou como foi convidada por Lavin para o projeto, falou sobre os momentos decisivos após o pouso da *Viking 1*, que viveu pessoalmente no *Jet Propulsion Laboratory* (NASA), em Pasadena, na Califórnia, e também sobre a sua decepção com a agência espacial.

“Estou desapontada porque as missões recentes não buscaram vida. Eles estudaram o meio ambiente e seu potencial como habitat. Eu simplesmente não entendo. Eles deveriam ter seguido uma segunda missão Viking para verificar e caracterizar melhor os resultados positivos alcançados”, declarou Patrícia para a revista científica norte-americana.

Na entrevista, aquela que ajudou Lavin a desenvolver o dispositivo que seria enviado para Marte descreveu, entre outros temas abordados ligados à mesma história da descoberta de vida, a sua participação direta na sede da NASA, quando os primeiros resultados começaram a chegar.

“O experimento Labeled Release começou no sol 10 [o décimo dia marciano da Viking 1 no planeta]. Os primeiros dados chegaram por volta das 7h30 da noite. Eu estava no computador cercado por Gil Levin e vários outros membros da equipe. Trabalhei no teclado e apertei o botão imprimir. Em seguida, o computador imprimiu os pontos de dados das primeiras nove horas de registro. Olhei para ele e disse: ‘Meu Deus, é positivo’. Não só o instrumento estava funcionando, mas os resultados foram positivos. Isso foi uma grande emoção. Reunimos toda a equipe de biologia para tentar entender o que significava, porque haveria uma coletiva de imprensa na manhã seguinte em que relataríamos esses resultados”.



Patricia Ann Straat trabalhando com os componentes de voo do instrumento Labeled Release antes das Missões do Viking em 1976. A cientista publicou o livro *To Mars with Love* contando sua histórica participação e visão pessoal sobre a exploração do Planeta Vermelho (Imagem: Patricia Ann Straat e Bruce Connor).

MARTE REVELADO

As histórias de pessoas como Gilbert V. Levin e Patrícia Straat nunca serão esquecidas, por mais que alguns tenham tentado sepultar a verdade. Mais cedo ou mais tarde, quando a vida em Marte for oficializada, haverá a natural lembrança dos nomes daqueles que participaram das mais diferentes formas desse processo em que a luta pela admissão da existência de vida fora da Terra foi mais do que um momento casual de suas vidas, sendo na verdade algo que parecia estar já escrito literalmente nas estrelas.

É um dos aspectos que eu também destaquei dentro do projeto “Marte Revelado”, que concebi e dei início em março de 2020, visando aprofundar os estudos sobre as questões relativas à existência de vida no passado e presente no Planeta Vermelho e interferir na divulgação da verdade, inclusive sobre a existência de uma antiga civilização avançada, cujas ruínas são visíveis em inúmeras imagens liberadas não só pela agência

espacial norte-americana (NASA), também pela Agência Espacial Europeia (ESA).

Banner do Projeto Marte Revelado sobre a missão do rover Perseverance, escolhido pela NASA para fazer finalmente a revelação da existência de vida. No quadro da parte direita pode ser verificada a referência à busca por sinais de vida ancestral (antiga). Desde a década de 70, é a primeira missão da agência espacial ao planeta oficialmente relacionada à astrobiologia (busca de vida).

CONCLUSÃO

Estamos chegando agora ao momento aguardado desde o início dessa jornada, que envolverá diferentes patamares e, de forma sequencial, a revelação da verdade sobre o vizinho mundo marciano. A história das descobertas das *Vikings* é apenas um dos episódios que já revelaram vida em Marte e o quanto as informações foram manipuladas no passado para manter “as coisas sobre controle”, mas não há como retardar mais o início do processo de revelação.

Finalmente, houve uma mudança de política para o Planeta Vermelho e hoje aguardamos, dentro da missão do *rover Perseverance*, que pousou no dia 18 de fevereiro de 2021 no interior da cratera Jezero, em Marte, a oficialização daquilo que já havia sido conseguido antes: a confirmação de que o planeta teve vida microbiana no passado e que a possui ainda no presente.

De fato, a missão do *rover*, oficialmente, destaca como sua prioridade a busca por vida microbiana ancestral (antiga), mas não está descartada a possibilidade de revelação da presença de vida microbiana na atualidade. Essa revelação pode parecer algo sem importância para muitos, mas não é. Para a maior parte da humanidade, a existência de vida extraterrestre continua sendo algo apartado de sua realidade e, inicialmente, a oficialização dessa existência em Marte, mesmo que com micróbios, representará uma revolução nos conceitos sobre nosso verdadeiro lugar no Universo. Enfim, será o início de nossa jornada rumo à verdade sobre a pluralidade dos mundos habitados.

REFERÊNCIAS

NASA. Sítio Oficial na Internet. **Consultas diversas**. Disponível em <http://nasa.gov>. Acesso em 2021.

PETIT, Marco Antonio. **Marte** – A Verdade Encoberta. Rio de Janeiro: Editora do Conhecimento, 2013.

SAGAN, Carl. **Cosmos**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

**COMUNICAÇÃO ALIENÍGENA:
LIMITES E POSSIBILIDADES**

FLORI ANTONIO TASCA

RESUMO

A perspectiva de encontrar e se comunicar com seres de outros planetas tem fascinado a humanidade há muito tempo. Enquanto a ciência parece se aproximar do momento em que irá confirmar a existência de vida fora da Terra, a comunidade ufológica já tem essa realidade como certa, diante das ostensivas e sucessivas evidências, em vários lugares do planeta. Talvez seja apenas questão de tempo até que os alienígenas se manifestem de forma aberta para a humanidade. Entre as muitas indagações que emergem diante dessa possibilidade está a da comunicação. Qual é a linguagem utilizada pelos aliens? Estamos em condições de compreendê-la ou existem barreiras intransponíveis para o diálogo entre espécies tão diferentes? Paralelamente, a humanidade tem aperfeiçoado mecanismos de tradução para romper as barreiras de comunicação entre os próprios seres humanos. Já não soa mais como absurda a criação de um “tradutor universal”, como nos seriados de ficção científica. Teriam os aliens algum mecanismo semelhante? Ou já resolveram a questão da comunicação de um jeito muito mais eficaz, por meio dos pensamentos? Teríamos nós essa mesma capacidade? O que sugerem os relatos de abdução por extraterrestres? São questões importantes e merecem que nos detenhamos um pouco mais sobre elas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação alienígena. Xenolinguística. Exossemiótica. Telepatia.

SOBRE O AUTOR



FLORI ANTONIO TASCA, gaúcho radicado no Paraná, é graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2018), mestre em Direito Privado (1997) e doutor em Direito das Relações Sociais (2001) pela Universidade Federal do Paraná. No campo profissional, é advogado (1993-) especialista em recursos, com forte atuação nos Tribunais brasileiros, além de empresário (2000-) no ramo cultural, titular de Tasca Editorial (projetos especiais), Instituto Flamma (educação corporativa) e Instituto Ômega (cultura geral). Exerceu a função de Juiz Leigo Voluntário (2009-2014) para o Tribunal de Justiça do Paraná. Foi professor universitário durante duas décadas, atuando como docente, pesquisador, consultor e gestor educacional em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. É membro benemérito do Grande Oriente do Brasil (2018), sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (2006), membro do Instituto dos Advogados do Paraná (2010), integra a Academia de Cultura de Curitiba (2000). É membro honorário da Força Aérea Brasileira (2009). Especialista em Exociências Sociais, participou de várias entidades de cunho ufológico, proferindo conferências e seminários em eventos de abrangência nacional (2015-). Fundou e coordena o PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco (2015-), entidade dedicada a estudar e a divulgar temas sobre Cosmologia e Ufologia. É editor da Revista COSMOVNI.

Contato: fa.tasca@tascaadvogados.adv.br

FALANDO A LINGUAGEM DOS ALIENS

Enquanto pensamos na possibilidade de contato com a vida extraterrestre nos próximos anos, podemos não estar dando a atenção devida para o modo como nos comunicaremos com eles, ou seja, como eles nos entenderão e se farão entender por nós. Esse talvez não seja um problema tão simples quanto parece. Muitos entendem que qualquer civilização avançada o bastante para entrar em contato conosco já terá resolvido qualquer dificuldade de comunicação que pudesse ter havido. Mas é preciso considerar que os seres de outros planetas seguiram caminhos evolucionários bastante diversos daqueles a que o ser humano esteve sujeito e que isso, provavelmente, levou à formação de uma estrutura de linguagem que guardaria pouca ou nenhuma semelhança com a da nossa espécie.

Há quem acredite que as diferenças entre nós e os seres inteligentes de outros planetas serão tamanhas que a comunicação será completamente inviabilizada. Essa foi a opinião do linguista Noam Chomsky, o qual entendia que, embora o cérebro humano pudesse ter algo como “o órgão da linguagem”, uma espécie de outro planeta, com sua trajetória única, teria um órgão totalmente distinto do humano, o que tornaria a comunicação entre eles altamente improvável. Os seres de outro planeta serão frutos de um contexto tão diverso do nosso que existiriam dificuldades quase intransponíveis para que estabelecêssemos um diálogo. Entretanto, mesmo Chomsky tem revisto algumas de suas posições e hoje já cogita que a linguagem alienígena, afinal, pode não ser tão diferente assim da linguagem humana (MAHON, 2018). Há, portanto, motivos para esperança.

A crença de que existem similaridades nas linguagens entre as civilizações espaciais é o que motiva cientistas à busca de “mensagens alienígenas” pelo espaço. A maior parte dos que lidam com astronomia está convencida de que há duas “linguagens universais” no Cosmos, isto é, a da matemática e a das demais ciências naturais.

Usando as duas como ponto de partida, esses cientistas acreditam que, por mais distintas que sejam, duas civilizações inteligentes estarão em condições de se fazer entender. Além de tentar “receber” mensagens, os cientistas estão preocupados em enviar comunicações a possíveis aliens.

Isso acontece no âmbito do SETI, o programa norte-americano de busca por inteligência extraterrestre. O envio de mensagens aos aliens, por sua vez, constitui o “METI” ou o “SETI ativo”.



EM BUSCA DE COMUNICAÇÃO | ARS TECHNICA

Mas, além da crença de que a matemática seja um ponto em comum que teríamos com qualquer civilização alienígena, existe a ideia de que há pontos convergentes na linguagem de todas as espécies inteligentes que existam pelo Cosmos. Essa, inclusive, foi a principal conclusão do simpósio “Linguagem no Cosmos”, ocorrido nos Estados Unidos em maio de 2018, sob a condução do METI (PATTON, 2018). Assim, não haveria nenhuma barreira básica e fundamental a impedir completamente a comunicação entre diferentes civilizações inteligentes, cada qual com sua linguagem. Isso não significa que a tarefa seja fácil. Os cientistas sociais costumam apontar uma série de dificuldades, mas já não seria a tarefa “impossível” que alguns acreditavam ser.

As discussões sobre as possibilidades de comunicação com aliens se desenvolveram de tal forma que já há até uma área voltada para o estudo das eventuais línguas faladas por eles, conhecida como “xenolinguística”. O acadêmico lusitano Pedro Barbosa (2021), por sua vez, sugere também outro conceito, a “exossemiótica”, que se ocuparia dos “signos” no processo de construção das mensagens de origem extraterrestre.

Embora essas áreas de estudo sejam ainda incipientes e um tanto especulativas, uma vez que não se sabe, com segurança, como funcionariam processos de comunicação alienígena, elas representam um notável esforço para aplicar o conhecimento acumulado pelos humanos ao contexto de comunicação interplanetária que, parece, se aproxima de nós. É uma forma de nos prepararmos para o dia em que o contato alienígena já for realidade.

Já há até quem pense nas melhores estratégias para a humanidade aprender uma língua alienígena que soe absolutamente estranha aos seus ouvidos.

Uma corrente da xenolinguística sugere que utilizemos para isso bebês de 15 meses, pois o cérebro deles, nessa fase, capta com muito mais facilidade as partes básicas e as estruturas de qualquer idioma. Naturalmente, isso tem se mostrado verdadeiro apenas em relação aos idiomas da Terra, mas, se existe alguma estrutura comum por trás de todas as linguagens universais, é possível que esses bebês as aprendam com maior facilidade.

A ficção científica tem, ao seu modo, “resolvido” o problema da comunicação com os habitantes de outros planetas, geralmente fazendo uso de algum sistema artificial de tradução. O caso mais evidente é o do “tradutor universal” apresentado em Jornada nas Estrelas. Como o nome sugere, trata-se de um dispositivo capaz de traduzir em tempo real qualquer idioma, até mesmo aqueles que ainda eram desconhecidos. O Capitão Kirk, no episódio “Metamorphosis”, da série original, explicou que há certas ideias e conceitos universais, comuns a toda vida inteligente, de modo que o tradutor podia comparar os padrões de ondas mentais do habitante de qualquer planeta, selecionar ideias e conceitos que reconhecia e, em seguida, produzir a gramática necessária (exossemiótica) para a comunicação, traduzindo “descobertas em palavras”, como acrescentou Spock.

Uma língua desconhecida poderia ser facilmente “aprendida” pelo tradutor universal, bastando que um alienígena a falasse suficientemente para que o aparelho reunisse as informações sobre ela. No contexto ficcional, o tradutor era realmente um “aparelho”, isto é, um dispositivo portátil com teclado, monitor e comunicador (MEMORY ALPHA, s.d.). O seu modelo foi sendo aperfeiçoado ao longo da série, permitindo a comunicação com seres de todo o espaço, falantes de todas as línguas.

O que não se explica, no seriado, é como as ondas mentais poderiam ser lidas sem proximidade física, como ocorre em vários episódios.

De toda forma, a proposta de semelhante tradutor é bastante interessante. Inicialmente, na série, ele serviu para romper as barreiras de comunicação entre os próprios terrestres, aproximando culturas. Pelo que se depreende de Jornada nas Estrelas, um tradutor universal seria quase uma consequência inevitável do desenvolvimento das civilizações tecnológicas. Nesse caso, podemos imaginar que outras civilizações, mais antigas do que a nossa, já tenham desenvolvido semelhante artefato e já não enfrentem dificuldades na comunicação.

Recursos semelhantes são usados em outras produções de ficção científica. Em “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, de Douglas Adams, por exemplo, existe o “Peixe Babel”, um tradutor universal biológico, ou seja, trata-se realmente de um peixe com capacidade de traduzir de forma instantânea qualquer linguagem. Assim como no caso de Jornada nas Estrelas, esse tradutor depende de ondas ou frequências mentais, que são captadas e absorvidas pelo peixe e em seguida traduzidas de forma inteligível para qualquer um que seja hospedeiro do peixe. Seu criador idealizou esse tradutor justamente por achar estranho que os alienígenas falassem sempre inglês, em diferentes produções de ficção científica.

O uso de tradutores universais, evidentemente, responde também a uma necessidade de agilidade das séries ficcionais. Afinal, seria gasto um tempo considerável se, a cada encontro com alienígenas, fosse necessário apresentar as dificuldades para se comunicar com eles. Ao mesmo tempo, esses tradutores refletem uma necessidade que se acredita bem plausível na vida real, quando o contato com alienígenas for estabelecido de maneira oficial.

A construção de um tradutor universal também não parece ser impossível na prática, fruto, meramente, de uma mente imaginativa. Temos, atualmente, razões para acreditar que a humanidade está em condições de criar algo semelhante e até que já se encaminha para isso.

O serviço de tradução do Google, apesar de ainda bastante limitado, é alvo de objetivos ousados. O cientista alemão Franz Joseph Och, responsável por esse setor no Google, afirmou que seu maior objetivo profissional era construir um tradutor universal perfeito, uma máquina tão rápida que a sua tradução “quebraria as barreiras das linguagens”, enquanto que o processo passaria quase despercebido pelo usuário (KLEINA, 2013). Ou seja, quer-se transformar em realidade o que era apenas matéria de ficção científica.

Os avanços nessa direção têm sido notáveis. O Google Tradutor já oferece uma opção em que a pessoa pode falar, em vez de escrever, e receber instantaneamente a tradução. Na CES 2019 (*Consumer Electronics Show*), maior feira de tecnologia do mundo, o Google apresentou uma funcionalidade que pretende fazer com que não apenas as falas isoladas, mas também as conversas sejam traduzidas em tempo real, mediadas por uma espécie de “assistente”.

O serviço consegue ouvir e interpretar o que a pessoa diz, usando então as definições do Google Tradutor para traduzir a mensagem para outro idioma – tudo muito rapidamente.



ROMPENDO BARREIRAS | GOOGLE

O recurso promete resolver dificuldades de comunicação em “dezenas de linguagens”, entre as quais o português. Seu uso é associado ao Google Home, um alto-falante que funciona como assistente de voz. Como essa funcionalidade está em fase inicial, ela ainda não é perfeita. Os seus usuários podem notar que ainda ocorrem erros na tradução, a exemplo do que acontece com o serviço de tradução de textos. Também é perceptível que, para que os resultados sejam melhores, é preciso que o usuário fale as palavras pausadamente (CRUZ, 2019). Mas essas são etapas naturais quando lidamos com uma tecnologia ainda recente e a tendência é que o serviço se aperfeiçoe continuamente.

Mesmo assim, o que já existe é “assombroso”, em termos de realização. A inteligência artificial do Google tem se mostrado capaz de interpretar praticamente qualquer coisa que for dita. Se acompanhada de dispositivos com tela, a tradução é exibida por escrito. Os porta-vozes do Google que apresentaram a novidade destacaram que ela funciona mesmo em salas barulhentas.

Eles também mostraram que é possível fazer a mesma pergunta de diferentes maneiras e conseguir respostas de um modo bastante preciso. A tecnologia, futuramente, deve se expandir para vários outros lugares, facilitando o *check-in* em hotéis e ajudando a entender os horários de ônibus em cidades estrangeiras.

Ou seja, não apenas não parece mais tão absurda a criação de um tradutor universal como, a julgar pelo desenvolvimento da nossa tecnologia, parece até provável que, um dia, a humanidade consiga tal feito e o tenha incorporado em seu cotidiano de maneira que não existirão mais barreiras para a comunicação entre os povos. Tudo indica que a humanidade está prestes a voltar a um estágio anterior à “Torre de Babel”, o mito que se propõe a explicar a divisão das línguas no mundo. Não será preciso aprender nenhum idioma além daquele que falamos naturalmente ao nascer, pois tudo o que dissermos a uma pessoa de outro país será imediatamente compreendido no próprio idioma dela.

Estamos caminhando para um cenário em que um “tradutor universal” revolucionará a comunicação entre os próprios terrestres. É exatamente isso o que Jornada nas Estrelas sugere que aconteceu inicialmente na Terra quando o seu dispositivo de tradução começou a ser utilizado: foram rompidos os limites para a comunicação entre os humanos, permitindo a aproximação das culturas. Só depois é que o tradutor foi usado em contexto cósmico.

Até o momento, os tradutores existentes dependem do conhecimento de um repertório prévio do idioma que se pretende traduzir. Não é possível ainda traduzir um idioma que o próprio tradutor ainda não saiba “falar”. Se tivermos contato com uma civilização de alienígenas que fale um idioma completamente desconhecido, não será por meio dos tradutores atuais que será possível a comunicação com eles.

Talvez essa barreira seja mais difícil de romper e leve mais tempo para ser superada, pois são precários os dispositivos capazes de ler “ondas mentais”, como se vê na ficção científica.

Mas o avanço da inteligência artificial nos permite imaginar que isso também pode virar realidade um dia. É interessante observar que, atualmente, os sistemas de tradução do Google já processam informações através de “redes neurais”, neurônios artificiais que imitam o funcionamento do cérebro humano (PAIVA, 2018). Com isso há uma melhor capacidade de interpretação daquilo que está sendo traduzido, levando a resultados mais precisos. Já sabemos, portanto, que aspectos mentais podem ser utilizados de maneira a facilitar um processo de tradução. Não é demais cogitar que um dia a humanidade tenha controle também sobre ondas mentais e as use para aprimorar ainda mais as traduções.

Se todos esses avanços servirão realmente para que a humanidade esteja em condições de se comunicar com falantes de línguas extraterrestres é coisa que não pode ainda sair do campo das hipóteses. A presunção, em Jornada nas Estrelas, de que existem ideias e conceitos “universais”, comuns a todas as espécies, permitindo o funcionamento de um tradutor em qualquer parte, pode apenas ser especulada nesse momento. O que já podemos notar é a tendência de a comunicação ser cada vez mais facilitada entre as pessoas da Terra e que no tempo de encontrarmos uma civilização espacial que fale idioma estranho, haverá esforços para se descobrir um meio que permita a compreensão mútua.

Geralmente, quando tratamos de alienígenas, a humanidade imagina civilizações mais antigas do que a nossa e que, portanto, tiveram também mais tempo para desenvolver a sua tecnologia.

De fato, em um contexto cósmico, a vida inteligente surgiu tarde aqui na Terra e não é nenhum despropósito pensar que tenha surgido antes em várias outras partes do Universo. Isso significa que essas civilizações já tiveram que lidar, há muito tempo, com questões de comunicação, seja interna ou interplanetária. Sendo assim, seria de se imaginar que já tenham criado uma aparelhagem ou um sistema apropriado para a comunicação, que seria facilitada em um nível que sequer temos condições de conceber.

Por mais que a humanidade não tenha tido, até agora, a confirmação oficial e irrefutável da existência e do contato com alienígenas, existem algumas evidências de que seres de outros planetas já estariam, há muito tempo, interagindo com os habitantes da Terra. Os relatos de pessoas que teriam tido, de alguma maneira, contato com extraterrestres, favorecem a ideia de que eles fazem uso de algum tipo de tradutor universal. O método mais frequente de comunicação, de acordo com esses relatos, é o da telepatia. Teremos a oportunidade de analisar, mais para frente, algumas formas de comunicação usadas em casos de abdução alienígena no Brasil e veremos a telepatia aparecendo em vários deles. Se é possível para os alienígenas, talvez a telepatia possa ser desenvolvida também entre os seres humanos e venha a representar o futuro da comunicação para nós aqui na Terra.



COMUNICAÇÃO TELEPÁTICA | ISTOCK

A telepatia representa uma comunicação “não semiótica”, “passando por cima da diferenciação civilizacional das línguas, dos sinais, dos sentidos, ou até por cima duma diferenciação biológica e mental” (BARBOSA, 2021, p. 166). A comunicação telepática, portanto, não precisaria levar em consideração as evidentes diferenças entre civilizações espaciais. Trata-se de uma modalidade de comunicação empática direta, que não possui uma “mensagem” material evidente. A falta de sinais identificáveis para o processo de comunicação torna-se um verdadeiro desafio para a semiótica, que depende deles.

Entretanto, o acadêmico Pedro Barbosa cogita a possibilidade de que uma linguagem verdadeiramente universal deva passar justamente pela “indiferenciação” dos sinais, em vez da “uniformização”, como se tem pretendido. Nesse sentido, a telepatia encarnaria o mito da “linguagem universal”. Uma comunicação “de mente para mente” supera as barreiras do tempo e do espaço que limitam as outras formas de linguagem. Uma vez que uma civilização dominasse o seu funcionamento, ela conseguiria entrar em contato inclusive com outra que não a conhecesse e fosse menos evoluída tecnologicamente.

Diante de todas essas possibilidades, não espantaria descobrir que a telepatia é o método de comunicação mais utilizado por civilizações alienígenas. Se admitirmos a existência da telepatia em diferentes quadrantes do Universo, a ponto de configurar uma comunicação realmente universal, significa dizer que mesmo nós, moradores da Terra, conseguiremos utilizá-la algum dia, como parte do nosso processo evolucionário. O que estudiosos como Barbosa (2021) defendem, inclusive, é que a humanidade já demonstra ter, no próprio dia a dia, uma capacidade telepática latente, embora ainda não devidamente explorada.

Existem várias “coincidências” no nosso próprio cotidiano que talvez signifiquem que a telepatia é exercida pela humanidade em grau incipiente. São casos como pensar em alguém e, em seguida, receber um telefonema da mesma pessoa. Essas situações, muitas vezes, não recebem muita atenção, mas podem ser indícios da capacidade telepática dos seres humanos. A ciência mais “tradicional”, contudo, ainda vê com bastante ceticismo essa possibilidade de uma comunicação “por pensamento” entre os seres humanos.

Barbosa (2021, p. 138), por sua vez, entende que não faz sentido negar a “comunicação telepática” enquanto realidade comunicacional generalizada, pois é algo que todos praticamos, em maior ou menor grau. Ele reconhece, entretanto, que ainda é grande o desconhecimento de como a telepatia ocorre, através de quais meios e sinais ela se processa e, sobretudo, como podemos controlá-la de forma consciente. Mas há motivos de esperança, sobretudo com o avanço das pesquisas envolvendo a física quântica, que alguns acreditam que irá conseguir explicar o fenômeno (GOMES VEADO, 2018).

Seja como for, não se pode descartar a possibilidade de o ser humano ter a capacidade de se comunicar telepaticamente, o que sugere que qualquer outra civilização espacial tenha igualmente condições de chegar ao mesmo resultado. Quanto mais antiga for uma civilização, maior a probabilidade de ela já ter desenvolvido essa capacidade. Como se imagina que os alienígenas em condições de nos visitar são muito mais antigos do que nós, a telepatia surgiria, entre eles, como um recurso já natural, que passaria por cima de todas as barreiras de comunicação entre espécies surgidas em contextos muito diversos.

Embora, normalmente, a telepatia sugira um tipo de comunicação que dispensa o uso de qualquer material físico, não havendo outras necessidades além da conexão de duas ou mais mentes, evidências ufológicas, como as que citaremos adiante, fazem crer que, ao menos de vez em quando, os alienígenas utilizam alguma aparelhagem a fim de que a comunicação com os seres humanos ocorra de maneira eficiente. Da mesma maneira, há evidências de pessoas que, ao serem abduzidas por alienígenas, receberam algum tipo de “implante” no próprio corpo, o que pode, também, ter como objetivo a comunicação.



IMPLANTES ALIENÍGENAS | ISTOCK

A materialidade do fenômeno dos implantes em pessoas que alegam ter tido contato com seres de outros planetas é atestada em trabalhos como “Implantes Alienígenas”, de Roger K. Leir (2002). Leir conduziu uma série de cirurgias de extração desses supostos implantes alienígenas, geralmente minúsculos e que se conformam sem dificuldades ao corpo das pessoas.

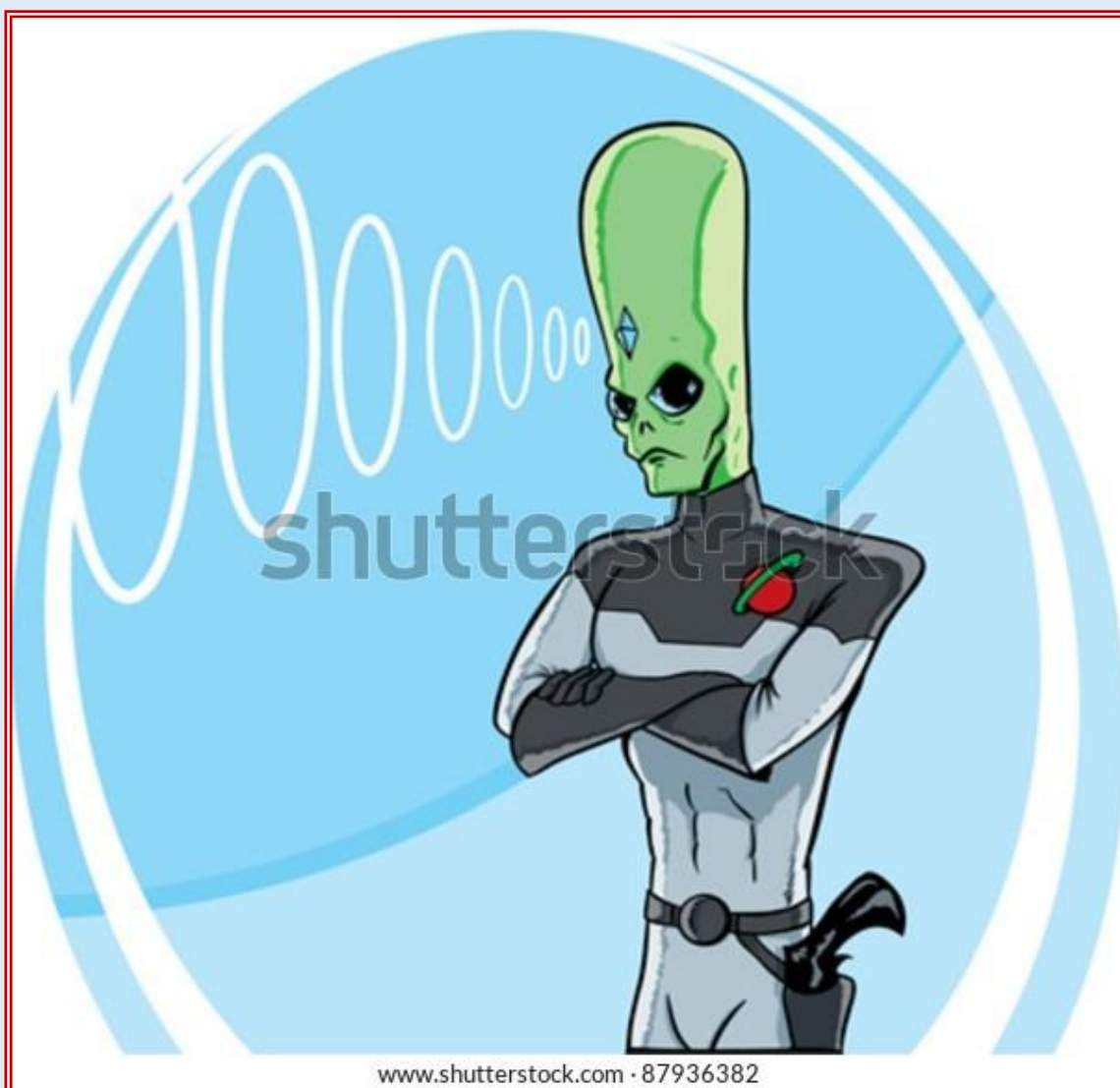
Os curiosos objetos que foram retirados nessas cirurgias têm, em sua composição, “metais cujas proporções isotópicas definitivamente não existem na Terra” (LEIR, p. 149). Além disso, são objetos que parecem ter sido engendrados com muita precisão, sugerindo que sua origem esteja em seres inteligentes vindos de fora da Terra.

Embora não seja muito o que se possa dizer a respeito do funcionamento e do objetivo que os alienígenas teriam com esses implantes em humanos, Leir considera que a razão principal seja uma espécie de “melhoramento genético” da humanidade. Novas gerações nasceriam com habilidades superiores às de seus antepassados, em um aprimoramento que, aos poucos, aproximaria a humanidade do padrão de vida alienígena. Entretanto, é possível que um dos objetivos desses implantes seja o rastreamento de uma pessoa que foi abduzida e, a partir disso, a comunicação telepática com ele. Relatos de abduzidos dão a entender que existe algum tipo de limite para a telepatia que o implante “resolve”.

David Jacobs (2017), um dos principais estudiosos de casos de abdução, reconhece o uso de implantes nos seres humanos e admite que a função deles ainda é desconhecida. Mas é significativo que ele, ao discorrer sobre a capacidade telepática dos alienígenas, sem a qual as abduções “seriam extremamente arriscadas, senão impossíveis” (p. 38), cogite a possibilidade de que exista alguma limitação da telepatia para as situações de distância (p. 263). Essa tese, se verdadeira, reforça a ideia de que os implantes tenham, entre as suas funções, a de permitir o contato telepático entre alienígenas e abduzidos.

A comunicação telepática poderia ter início antes mesmo de que a abdução ocorresse, pois são comuns os relatos de quem sabia que deveria fazer tal coisa ou ir a tal lugar para se encontrar com alienígenas.

Não se sabe quais são os mecanismos utilizados para que essa comunicação aconteça. De todo modo, o próprio ser humano passaria a ter a capacidade de se comunicar por telepatia com os alienígenas e com outros abduzidos. Isso poderia ser conseguido tanto por meio de alterações ou manipulações nos cérebros das pessoas abduzidas como pelo uso dos implantes ou de outras estruturas físicas. É bastante significativo que, nos relatos de abduções, os alienígenas raramente abram as suas bocas, e não se tem certeza de que eles consigam ouvir sons (JACOBS, 1999).



TELEPATIA ALIEN | SHUTTERSTOCK

Jacobs ressalta a importância da telepatia para a estrutura das sociedades alienígenas e reforça que o domínio dessa técnica implica significativas consequências para elas. Uma sociedade que se comunica telepaticamente não conhece o conceito de “privacidade”, e até mesmo o conceito de “identidade” pode não existir da maneira que nós conhecemos. Essas são implicações ainda difíceis de imaginar para o ser humano, mas com as quais teremos de lidar se a telepatia for realmente uma consequência do desenvolvimento das civilizações. Num futuro talvez nem tão distante, poderemos nos comunicar facilmente com qualquer outra espécie no Universo, mas isso certamente transformará, de maneira radical, o próprio ser humano.

Admitindo as dificuldades imaginadas para a conversação entre humanos e aliens que falariam um idioma completamente exótico, mas que compensariam essas diferenças por meio da telepatia e de certos recursos materiais, é hora de ver como essas questões se mostram “na prática”, ou seja, a partir de relatos de humanos que alegam ter tido contato com alienígenas. Para tanto, escolhemos episódios ufológicos ocorridos no Brasil e que se destacam pelas peculiaridades no processo de comunicação com aliens.

UM CAPACETE TRADUTOR

Um exemplo curioso de comunicação com alienígenas durante abdução foi o que teria ocorrido no “Caso Bianca e Hermínio”, em 1976. Trata-se de um casal que vivia no Rio de Janeiro e que se deslocava de carro até Belo Horizonte, onde eles pretendiam vender o veículo (um Karman Ghia 1965), aproveitando o fato de um amigo trabalhar nesse ramo. Em dado momento da viagem pararam para descansar.

Hermínio dormia, enquanto Bianca vigiava para que ninguém os incomodasse, quando ela percebeu uma estranha luz no céu, parecida com um balão, que foi se aproximando do veículo.

Bianca se assustou e acordou o marido, acreditando que um avião estava prestes a cair em cima deles. Mas, antes que pudessem fazer qualquer coisa, o casal se viu sugado com carro e tudo para dentro daquele estranho objeto luminoso. Foram parar em uma sala, na qual as paredes pareciam iluminadas sem que houvesse nenhuma lâmpada ou fonte de iluminação visível. Duas “pessoas” se aproximaram de maneira cordial da dupla e fizeram gestos para que saíssem do carro e os seguissem. (REVISTA UFO, 1995). É interessante observarmos, já neste momento, o uso da mímica para se estabelecer uma comunicação, o que parece significar que Bianca e Hermínio ainda não estavam em condições de compreender a linguagem comumente utilizada por aqueles aliens.

O casal, embora assustado, seguiu a dupla até outro compartimento, onde tomaram uma espécie de elevador e assim chegaram a uma sala semelhante a um laboratório. Nesse lugar é que as entidades alienígenas conversariam com os dois humanos. Para que isso fosse possível, os extraterrestres trouxeram capacetes e os colocaram não apenas sobre a cabeça do casal, mas também sobre as suas próprias. Esses capacetes, que apresentavam muitos fios, estavam conectados a um grande aparelho. Um dos alienígenas pegou então um objeto que, aos olhos de Bianca, era parecido com uma máquina de escrever. Ele a colocou sobre o seu colo e começou a bater nas teclas com os dedos (PETIT, 2014).

Foi quando Bianca ouviu, através do seu capacete, a frase “Seja bem-vinda”. Diante do susto que levou, o alienígena teria repetido a frase. Bianca perguntou então quem ele era e o homem respondeu que era Karran, de Klermer.

O mesmo procedimento ocorreu com Hermínio e deve-se notar que Bianca ouvia perfeitamente a conversa dos aliens com ele. Ou seja, o que se revelou foi que os capacetes usados por aliens e humanos serviam como tradutores, sem os quais os dois grupos não conseguiriam iniciar uma conversa.

Bianca sugere que o capacete servisse não apenas para traduzir o idioma dos aliens para o nosso, mas também o nosso para o deles. Entretanto, no próprio discurso proferido por Karran ao casal, tem-se a informação de que já havia terráqueos vivendo no planeta Klermer e que, por meio deles, os alienígenas tinham aprendido “as diversas línguas faladas na Terra” (REVISTA UFO, 1995). Mas Karran parece que realmente não falava o português, pois, em alegados encontros posteriores com Bianca, já em terra firme, ele precisava sempre de um intérprete para se comunicar com ela. Esse intérprete vinha do seu próprio planeta, mas vivia na Terra. Mais tarde, Karran aprenderia o nosso idioma.

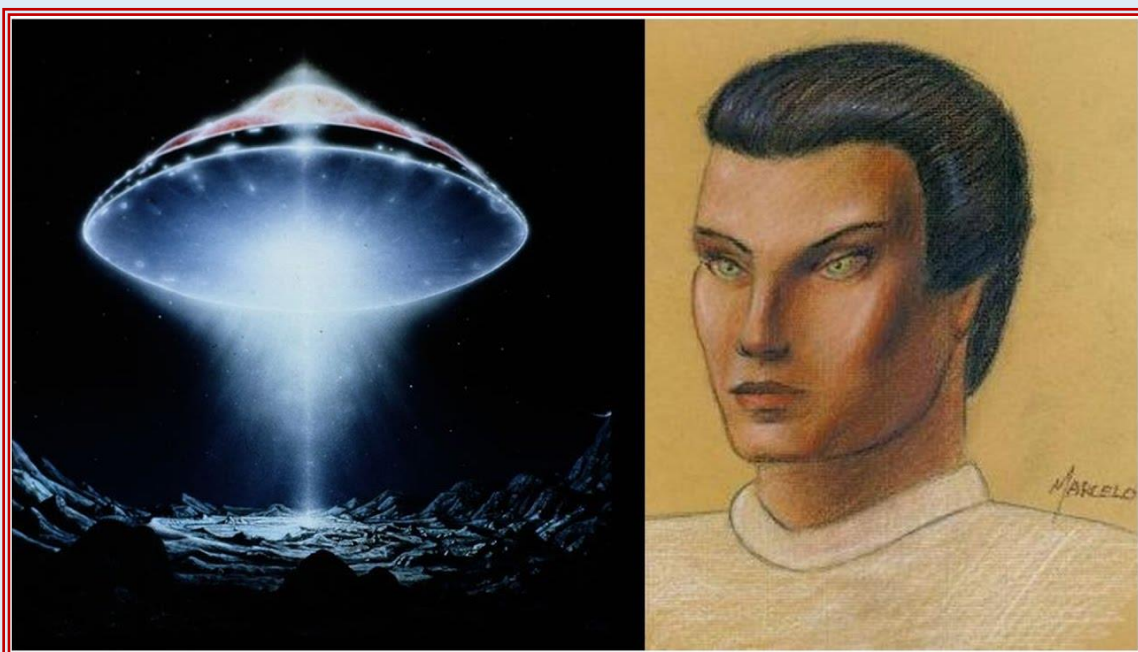


ILUSTRAÇÃO DO CASO KARRAN | CANAL YOUTUBE: PAZ E AMOR

Admitindo a veracidade do relato, significa que civilizações muito avançadas, não só em termos de tecnologia, mas também de espiritualidade, como demonstraram ser os alienígenas do planeta Klermer, podem precisar se valer de recursos físicos para se fazer compreender, em vez de aplicar a telepatia, como parece ocorrer em várias abduções. Isso não significa que não tenham conhecimento dos métodos telepáticos, mas pode ser que existam limitações no próprio ser humano que impeçam tal forma de comunicação.

Os encontros posteriores que Bianca alega ter tido com Karran parecem ser resultado de telepatia, mas que só teria sido possível pelo fato de os alienígenas terem registrado a frequência cerebral dela (PETIT, 2014). Desde então, os encontros aconteceriam sempre que Karran manifestasse a vontade. Isso sugere que o uso de métodos de comunicação físicos só existe enquanto outros, mais evoluídos, ainda não podem ser aplicados.

UM ALIEN FALANDO PORTUGUÊS

Outro caso interessante de abdução ocorreu com Elias Seixas e dois colegas que, no ano de 1980, faziam uma longa viagem de caminhão, de Manaus até o Rio de Janeiro. Os episódios inusitados tiveram lugar no interior de Goiás, próximo à cidade de Conceição do Araguaia. À noite, os faróis do caminhão começaram a piscar sem parar e o motor passou a emitir sinais de irregularidade. Mesmo depois de desligar os faróis, eles continuavam a piscar rapidamente. Não muito tempo depois, Elias teve a impressão de que alguém se dirigia a ele dizendo: “Elias, quero te falar”. Sentiu que algo frio e líquido pressionava a sua nuca e, assustado com aquilo, achou melhor parar o veículo (GRANCHI, 2011). Nota-se que a primeira manifestação de contato com Elias se deu por meio de telepatia.

Os colegas de Elias viram uma espécie de raio azul descer na direção do caminhão. Ao descerem, viram um estranho objeto em formato cilíndrico, como um charuto, que aos olhos dele pareciam uma fogueira sem fumaça. O objeto emitia uma faísca de luz branca. Essa luz então piscou quatro vezes. Os homens tiveram medo e voltaram ao seu caminhão, retomando a viagem. Mas ainda testemunharam situações bizarras, como a do chapéu que saiu voando sem razão aparente. O caminhão parou para que o chapéu fosse buscado, eles desceram do veículo e então teria ocorrido realmente a abdução.

Os detalhes, no entanto, só viriam à tona mais tarde, por meio de hipnose. Na ocasião, Elias só se lembrava de ter ficado sonolento e com a cabeça pesada. A viagem parecia seguir, se bem que de uma forma mais lenta que o habitual. Ao chegarem à próxima parada de descanso, os homens acreditavam que ainda eram 23h30, quando, na verdade, já eram 04h30. O tempo “extra” parece corresponder à abdução. Houve ainda uma série de outros eventos extraordinários na sequência da viagem, como o tanque de gasolina estar milagrosamente cheio e a viagem até o Rio de Janeiro ocorrer em tempo recorde, e outros ainda depois, como o sumiço de uma “verruga” que Elias tinha desde que nasceu. Aqui, no entanto, atentaremos para os aspectos referentes à comunicação com os aliens.

Pelo que Elias relevou por meio de hipnose, ele rodopiou para dentro de um aparelho metálico no formato de um ovo. Foi parar em uma sala onde um ser trabalhava, sem se virar para ele. Tentou fazer perguntas, mas não foi respondido. Depois o ser se voltou para ele e Elias observou, entre outras coisas, que tinha boca, mas não possuía lábios. A vestimenta dele não permitiu ver se tinha orelhas. O ser apontou para a janela, como que chamando Elias para que fosse até lá observar o que se passava do lado de fora da nave.

Ele viu esferas grandes e coloridas, além de estrelas cruzando rapidamente o fundo azul do céu. Mas o alienígena em seguida foi embora, sem responder a nenhuma pergunta. Esse foi o resultado de uma primeira sessão de hipnose, mas nas seguintes Elias traria novos detalhes. Se inicialmente podíamos aventar a possibilidade de que não havia meio de traduzir uma língua para a outra, o que justificaria o silêncio do alienígena, o mesmo não se depreende a partir da segunda sessão, pois foi quando Elias se recordou de ter perguntado ao ser de onde ele provinha, recebendo, em resposta, a informação de que vinha “de um lugar cheio de luz” (GRANCHI, 2011). O alienígena, portanto, entendia o que Elias dizia, do mesmo modo que Elias tinha condição de entender as suas palavras.

Também ficou subentendido que, em determinado momento, Elias foi conduzido a outro local, onde havia várias pessoas que não podiam vê-lo. Esse lugar seria o planeta alienígena. O abduzido demonstrou, de alguma maneira, que estava com sede, o que foi compreendido pelo alienígena que estava ao seu lado, bastando um toque dele para que a sede desaparecesse.

De volta à nave, Elias teve a oportunidade de assistir a sua viagem de volta ao lado do piloto do UFO, um alien por ele classificado como “boa-praça”.



ELIAS SEIXAS COM JÔ SOARES | ESTANTE FFF

Tanto que o piloto fazia várias brincadeiras para descontraí-lo. O curioso, para nós, é que esse piloto aparentemente falava o português (ou, pelo menos, falava de um jeito que Elias entendia na sua própria língua). Também é interessante a afirmação de Elias de que o piloto falava sem movimentar os lábios, exceto quando ria, ocasiões em que era possível ver seus dentes. Não se descarta a possibilidade de que a comunicação que, aos olhos de Elias, parecia ocorrer naturalmente fosse, na verdade, fruto de telepatia.

Os alienígenas revelaram a Elias que voltariam a entrar em contato com ele no futuro. Para que pudessem localizá-lo e se comunicar com ele, eles teriam colocado um tipo de metal cromado no peito de Elias. Segundo o abduzido, o objeto tinha a grossura de um dedo e ficou colado na pele de seu peito. Pode-se cogitar que a conversa que Elias teve com o alienígena já fosse resultado desse “implante”, que permitia a tradução das duas línguas de uma forma que, para ele, todo o diálogo se dava de forma muito natural.

Embora depois, ao que aparece, a marca desse implante tenha sumido, o gesto dos alienígenas já teria sido suficiente para que eles conseguissem rastrear Elias quando bem entendessem. No futuro, ele poderia ser encontrado onde quer que estivesse e em todos os casos poderia se comunicar com aliens, provavelmente por meios telepáticos. O implante era uma garantia de que a comunicação com Elias seria bem sucedida.

O uso de implantes, como já dissemos, é um fenômeno observado em outros casos de abdução. Às vezes é realizado nos ouvidos ou nas cavidades nasais da pessoa abduzida. A necessidade desse material no corpo do abduzido sugere que há alguns limites, mesmo para um alien, no conhecimento sobre as pessoas com quem eles interagem.

O implante parece facilitar a localização do abduzido e, ao mesmo tempo, permitir a ocorrência de comunicação telepática quando eles decidirem contatá-lo novamente. Mesmo a telepatia, geralmente entendida como um processo mental de comunicação, parece, em casos como esse, não dispensar certos recursos “físicos” para ser realizada.

APRENDENDO A LÍNGUA DOS ALIENS

Um caso bastante curioso que também lida com métodos semelhantes de comunicação entre alienígenas e humanos teve lugar no Maranhão, em 1975. Trata-se da história de Antonio Alves Ferreira, então apenas um adolescente de 16 anos, paraplégico, vindo de família bastante humilde e semianalfabeto à época dos acontecimentos. Tudo começou com ao menos uma “bola de luz” sobrevoando a periferia de São Luís, fenômeno que teria sido testemunhado por 500 pessoas (ATHAYDE, 2011). Repentinamente, a bola desceu sobre um povoado e atingiu a casa de Antonio, derrubando o telhado e também queimando algumas cadeiras. Uma árvore ali existente caiu, expondo 25 centímetros de sua raiz.

Naturalmente, a família se apavorou e o caso foi comunicado à base aérea local, assim como às Polícias Civil e Militar e à própria imprensa. Resposta para o caso não havia. A família passou a noite na delegacia e depois voltou para casa, até mesmo para limpar os destroços do que teria sido o impacto de um UFO. Pela manhã, os familiares de Antonio saíram para trabalhar e ele, por algum motivo, foi esquecido longe de suas muletas. Em razão disso, ele tentou se arrastar até elas, mas pisou em alguns espinhos e teve que se sentar para arrancá-los. Ele ainda não sabia que a sua abdução estava prestes a começar.

Estando com a cabeça abaixada, Antonio sentiu um calor forte se apoderar do seu corpo e logo viu surgir do alto um objeto do tamanho de um Fusca. Sem conseguir reagir, ele viu uma porta se abrir e uma escada aparecer. Dela desceram dois seres que o tomaram pelos braços e o levaram para o interior da nave. Lá, esteve em uma sala muito clara, onde teve uma singular experiência de comunicação com o suposto líder alienígena.

Esse alienígena tentou se comunicar com o adolescente, mas não conseguiu, porque ele não entendia a sua língua. Diante da dificuldade, Antonio relata que o alien chegou até a ficar irritado. É, sem dúvida, bastante curiosa a presunção do alienígena de que Antonio soubesse falar o idioma dele. A irritação é um indicativo de que as barreiras entre as línguas alienígenas já foram há muito tempo superadas por essas raças. Encontrar uma civilização que ainda não chegou a esse estágio significaria um notório atraso. Por outro lado, se diferentes civilizações espaciais já conseguiram resolver o problema da comunicação, imagina-se que a humanidade também está destinada a conseguir tal feito.

Entretanto, como Antonio, representante da humanidade naquela abdução, demonstrou que ainda não estávamos em condições de compreender uma linguagem extraterrestre, o alien precisou colocar o punho sobre o peito do adolescente para que a comunicação entre eles pudesse ser estabelecida. Também aqui se evidencia a necessidade de um contato “físico” entre alien e ser humano para a tradução de idiomas, mas, neste caso, dispensando o uso de capacetes ou de implantes. Coincidentemente, o local escolhido pelo alien para tocar o adolescente é o mesmo usado para o implante de Elias, no caso anterior, ou seja, o peito. Não se sabe se essa escolha tem algum significado particular.

Foi formulada a Antonio uma série de questionamentos a que ele não tinha condições de responder, como, por exemplo, o funcionamento dos nossos aviões. Essas perguntas também denotam que essa raça alienígena desconhecia aspectos básicos da humanidade, a ponto, como visto, de achar que saberíamos nos comunicar no idioma deles. Então o alienígena, que atendia pelo nome de Clóris, tocou levemente o lado esquerdo do peito de Antonio, fazendo com que se formasse ali um círculo vermelho. Clóris informou que, sempre que eles quisessem entrar em contato com o adolescente, aquele círculo se acentuaria e ele sentiria um zumbido nos ouvidos. Em seguida, receberia informações telepaticamente para ir a um lugar já predeterminado por eles (ATHAYDE, 2011). O que se percebe, novamente, é a necessidade de mistura de certos elementos físicos ou materiais com outros que são essencialmente mentais, como é o caso da telepatia.

O garoto foi levado de volta à sua casa e passou a demonstrar habilidades incomuns, como entortar metais. Isso seria resultado de uma pílula que precisou tomar, a qual dava a ele “poderes paranormais”, não se sabendo se aí estava incluída também a telepatia. Os encontros com os alienígenas se repetiram, sem que se tenha notícia de dificuldades de comunicação. Ao contrário, parece que, com o tempo, Antonio chegou até mesmo a aprender o idioma dos alienígenas. O adolescente chegou a realizar gravações em que conversa com os seres em um idioma não identificado pelos linguistas consultados.

O Centro de Pesquisas Ufológicas (CPU), que acompanhava o caso de Antonio, havia encaminhado as fitas com as gravações para um grupo de linguistas, para ver o que eles podiam dizer a respeito daquela linguagem.

Os linguistas não tiveram êxito em decifrar o que estava sendo dito, mas afirmaram que já era possível dizer que se tratava de um diálogo organizado, com perguntas e respostas. Antonio, como dito, era semianalfabeto e as perguntas que fazia, ao que parece, se limitavam à fisionomia dos alienígenas.

Seja como for, se isso for verdade, significa que não há nenhum impedimento físico ou biológico para que um ser humano aprenda o idioma de outras civilizações planetárias, ainda que, pelo menos inicialmente, ele precise se valer de algum instrumento ou algum gesto por parte dos alienígenas. Aparentemente, o problema da comunicação entre os habitantes de diferentes planetas já foi considerado pelos alienígenas e eles chegaram a algum tipo de solução que, um dia, poderá servir também para o uso da humanidade.

O caso de Antonio Ferreira é repleto de acontecimentos extraordinários, mas é bom que se diga que vários eventos tiveram testemunhas, as quais descrevem os fenômenos de forma semelhante e sem entrar em contradição, o que, para os pesquisadores do CPU, é um indício de sua veracidade, tanto mais que, na época, tratava-se apenas de um jovem simples e humilde que não poderia inventar semelhante trama, a qual sempre sustentou.

GRUNHIDOS E SOTAQUES ALIENÍGENAS

Outro caso que apresenta aspectos curiosos em relação à comunicação com alienígenas foi a abdução de Antônio Nelso Tasca, ocorrida em Santa Catarina em dezembro de 1983. Tasca dirigia o seu automóvel por uma rodovia, quando se sentiu atraído por uma estrada de terra, o que para ele já era uma espécie de “comando” (TASCA, 2007, p. 50).

Aparentemente, aliens já poderiam ter acesso à “mente” de uma pessoa mesmo antes de um contato prévio e, telepaticamente, fazer com que obedeçam aos seus desígnios.

Após seguir por essa estrada, Tasca parou e enxergou o que imaginou ser um ônibus. No entanto, o veículo não tinha rodas e estava a cerca de um metro do solo. Curioso, ele tentou se aproximar do estranho objeto, mas foi repellido pelas ondas de calor que ele emitia. Voltou ao seu carro, mas então surgiu uma esteira de luz no veículo voador, a qual se estendeu até ele, pegou-o e o conduziu rapidamente ao interior da nave. Dentro, Tasca passou por maus bocados ao se ver em um ambiente escuro e extremamente frio, achando-se sozinho e tendo, inclusive, a sensação de que estava prestes a morrer ou a imaginação de que havia sido “enterrado vivo”.

Entretanto, depois de algum tempo, ele percebeu que havia dois ou três seres ao seu redor. Para nós, é particularmente interessante a observação de Tasca dando conta de que os visitantes falavam entre si através de sons vocais que pareciam ganidos de cachorro, às vezes em um verdadeiro atropelo de grunhidos caninos, de maneira semelhante ao cachorro que chora e geme enquanto tenta tirar um bicho-do-pé de seu corpo. Isso dá uma boa noção de quão bizarra uma língua alienígena pode soar aos ouvidos humanos. Tasca reflete:

Sem dúvida, é esta a mais estranha forma de comunicação que já ouvi. Por mais que eu preste atenção, não consigo aprender um só vocábulo da exótica língua. E como pode haver vocábulos numa linguagem que não tem vogais? Concluo que a modalidade de conversação destes seres é inarticulada e que não possui nenhum som que se pareça com o fonema sonoro de uma vogal. Sua linguagem assemelha-se aos ganidos de um cachorro nas circunstâncias descritas. (TASCA, 2007, p. 58).

O relato de Tasca favorece a visão de cientistas, notadamente aqueles de áreas humanas, que são mais céticos quanto à possibilidade de o ser humano chegar a compreender uma língua falada por seres de estrutura e composição biológica completamente diversas. A hipótese desses cientistas é a de que nossas habilidades cognitivas sejam tão diversas das de uma inteligência extraterrestre que a comunicação seria impedida (RAYBECK, 1992, p. 5). Embora os casos ufológicos que temos trazido aqui evidenciem que existe como se comunicar com alienígenas, o estranhamento e a sensação de absurdo relatados por Antônio Nelso Tasca indicam o tamanho da dificuldade em se estabelecer alguma comunicação se não existirem métodos apropriados para a tradução desses idiomas.

Há, inclusive, muita semelhança entre a descrição de Tasca e a de Antônio Villas Boas referente à comunicação dos alienígenas. Villas Boas foi personagem de um dos primeiros casos de abdução da era moderna, em 1957. De acordo com ele, os seus sequestradores se comunicavam em sons irreconhecíveis, que “não tinham semelhança alguma com a fala humana” (BORGES, 2018). De fato, Villas Boas demonstrou muita dificuldade em conseguir dizer com o que se pareciam os sons que ouviu, mas, por fim, disse que eles pareciam grunhidos de animais misturados com algum tipo de tremor no final.

A experiência de Tasca, no entanto, não se limitou ao encontro com seres que falavam como cachorro. Eles levaram o abduzido para outro compartimento, onde, algum tempo depois, surgiu um pequeno ser feminino. Esse ser informou ao homem: “Tenha calma, sou de paz e amor”. Mas essa comunicação não se deu como acontece aqui na Terra:

Foram estas as suas primeiras palavras para mim, que eu não captei pelo sentido da audição. Eu as ouvi de forma diferente. Acho que mais me aproximo da realidade se disser que “senti” aquelas palavras porque, na verdade, senti-as tomando forma dentro de mim, na parte direita do crânio. A “locutora” não movera os lábios e, no entanto, recebi suas palavras de maneira clara, perfeitamente entendíveis, delineadas no meu cérebro como se ali tivessem sido mecanicamente impressas. Foi a minha primeira experiência no campo da telepatia. (TASCA, 2007, p. 65).

A conversa prosseguiu de forma telepática. Mal Tasca tinha tempo de formular, em sua mente, uma questão e a mulher já tratava de respondê-la, identificando-se assim como “Cabalá”, mensageira do mundo de Agali.

Tasca teria tido vontade fazer uma série de indagações, mas dizia que só lhe foi permitido mentalizar algumas delas. Ou seja, ele acreditava que o poder telepático de Cabalá era tamanho que podia, inclusive, controlar o que ele podia ou não perguntar. Ele não tinha dúvidas de que “uma poderosa força” o inspirava a fazer as questões, recebendo em troca respostas que continham somente as informações que Cabalá desejava transmitir a ele. Mesmo as respostas dela, no entanto, eram vagas, como ao revelar que estavam “no oceano, a 180 metros do nível do mar”.

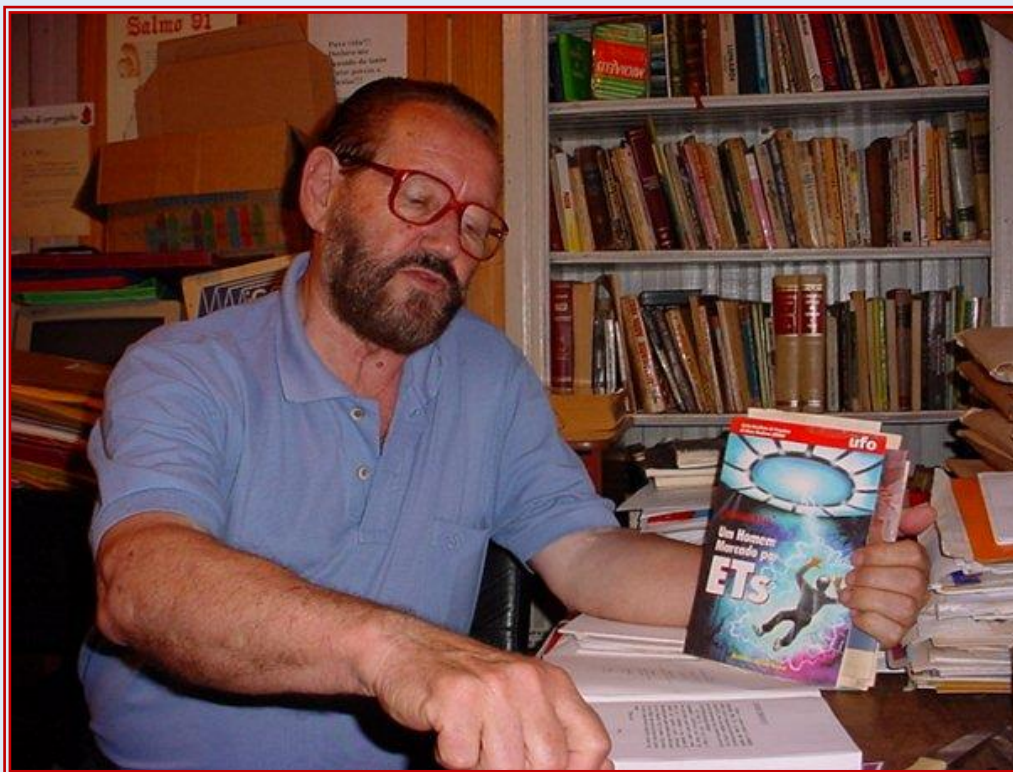
Sempre por meio da telepatia, Cabalá teria explicado a Tasca que ambos haviam sido escolhidos para cumprir uma missão. Esse objetivo se mostrou “genético”, pois Cabalá teve então uma relação sexual com Tasca. Até então, todas as comunicações que ele havia tido com a mulher se deram “com total ausência de sons vocais”. No entanto, após o ato sexual, Tasca pôde ouvir uma palavra pela própria boca de Cabalá: “Amór”, emitida como se tivesse um acento agudo (p. 77).

Essa seria a única palavra proferida por ela através da boca e de forma audível ao ouvido humano. O abduzido até ficou à espera de mais palavras, mas “Amór” foi tudo o que ela lhe disse.

Embora única, essa palavra representa algo de bastante significativo no que se refere à possibilidade de comunicação com alienígenas. Ela evidencia que os aliens podem, sim, falar usando a boca como os humanos e que podem, inclusive, falar a mesma língua que nós, embora com “sotaque”, visível na acentuação diferente da palavra amor. Por outro lado, nota-se que esta não é forma preferida por eles para se comunicar, o que nos leva à suspeita de que ela tenha limitações demais para ser usada rotineiramente.

Muito mais prática e eficiente parecer ser a comunicação telepática. O fato de Cabalá falar com sotaque ao verbalizar e tornar sonora a palavra amor, mas não se vislumbrar o menor indício de palavras pronunciadas de forma incomum na telepatia, faz crer que haja por trás da comunicação telepática algum sofisticado sistema de tradução, capaz de fazer com que o receptor da mensagem a compreenda perfeitamente em seu próprio idioma. Pode ser que os alienígenas, afinal, não saibam realmente falar a nossa língua e a língua dos outros povos com que lidam, mas apenas algumas palavras mais básicas.

Só que eles então se valeriam de um sistema de tradução que, este sim, expressaria fielmente o nosso idioma, garantindo que a comunicação acontecesse sem dificuldades. Esse sistema seria tão perfeito que não chegaria a ser percebido pelos próprios usuários. É basicamente o objetivo do Google com os seus mecanismos de tradução instantânea.



ANTÔNIO NELSO TASCA É ENTREVISTADO POR IVO HUGO DÖHL

Consumado o ato carnal, os dois voltaram a se comunicar telepaticamente. Cabalá avisou que o homem seria portador de uma mensagem para todos os povos da Terra, cabendo a ele divulgá-la sempre e sem desanimar. Tasca, no entanto, sabia que sua memória não era das melhores. Também para esse problema Cabalá tinha a solução. Após mexer em um painel, a agaliana fez surgir uma espécie de diadema. Ela o pegou, aproximou-se de Tasca e colocou-o sobre a sua cabeça. Seja lá o que fosse esse objeto, tinha a função de garantir uma memória perfeita. Cabalá afirmou que ele ouviria a mensagem duas vezes e o seu conteúdo nunca sairia de sua memória. Tasca destacou a autoridade com que tais palavras eram projetadas em sua mente, sendo absorvidas “de forma clara e indelével”.

Assim, exclusivamente via telepatia, Cabalá transmitiu a sua mensagem, a qual fazia uma série de exortações à humanidade, visando à paz, à justiça e à igualdade, a fim de que o mundo estivesse preparado para um período de acontecimentos extraordinários, levando a um novo tipo de sociedade, no qual o ser humano teria acesso às profundezas do Universo. Essa mensagem nunca foi esquecida por Antônio Nelso Tasca, provando que as palavras de Cabalá eram verdadeiras e o que o diadema funcionou corretamente.

Nota-se, portanto, que além de possuírem meios de garantir que a comunicação ocorra mesmo entre espécies que falam idiomas completamente diferentes, os alienígenas (ao menos os de Agali) também possuem tecnologia capaz de impedir que a informação se perca. É interessante que esse processo de memorização ocorra de forma física, isto é, por meio de um aparelho específico. Não se sabe se os alienígenas de Agali precisam, eles próprios, usar o tal diadema para memorizar ou se isso é algo necessário apenas aos povos menos desenvolvidos com quem eles interagem. Seja como for, a capacidade de nunca esquecer informação alguma é, certamente, um fato de enormes implicações para a sociedade que a possui. Mas para quem já se comunica via telepatia, podendo ler os pensamentos uns dos outros, essa capacidade de memorização deve ser mais natural.

Antônio Nelso Tasca foi devolvido a um local próximo ao de sua abdução e não teve mais notícias do “fruto” do seu relacionamento com Cabalá, ou seja, as filhas que dela nasceriam, como prometido, cujos nomes a mãe declarou: Mada e Madana. Entre as provas mais contundentes do seu relato está uma inexplicável marca de queimadura nas costas, que, mesmo analisada por médicos, não teve a origem determinada.

Essa marca se apagou com o tempo. Tasca seguiu a sua vida e, como ordenado a ele via telepatia, tratou de difundir a mensagem de Cabalá.

UM ALIEN FALANDO ALEMÃO

Podemos citar ainda outros casos curiosos ocorridos no Brasil, como o do gaúcho Artur Berlet, abduzido em 1958, mas que, contrariamente ao que normalmente se relata nos casos de abdução, permaneceu em poder dos alienígenas no planeta deles por oito dias. Ao passar por uma fazenda, viu uma luz que brilhava, aproximou-se dela e se deparou com vultos que projetaram um forte jato de luz na direção, fazendo com que perdesse os sentidos. Voltou a si já em uma sala semelhante a um quarto hospitalar, sendo depois levado para outro recinto, onde, após alimentado, tentou conversar com os aliens.

Berlet começou falando em português, mas os alienígenas não o entenderam. Resolveu passar então para o espanhol e o italiano, idiomas que sabia falar, mas o resultado não foi melhor: os alienígenas também não sabiam falar essas línguas. Foi quando ele se lembrou do alemão, língua familiar em cidades do interior do Rio Grande do Sul. Disse algumas palavras no idioma de Goethe e então um dos seres, identificado como Acorc, levantou-se e, com expressão de júbilo, perguntou: “Deutsche?”. A partir de então, pôde entabular uma conversa com os alienígenas... Em alemão! (SUENAGA, 2012). Não se cogita, nesse caso, em comunicação telepática de nenhum tipo.

Há outros episódios ufológicos no Brasil em que os abduzidos experimentaram diferentes línguas para se comunicar com os alienígenas. O professor João de Freitas Guimarães relatou ter sofrido uma abdução em 1956 ao passear por uma praia.

Um aparelho saiu da água e dois seres foram na sua direção. Pareciam humanos e o professor quis saber se houve algum acidente com a máquina ou se procuravam alguém. Falou em português, em francês, em inglês e em italiano. Nesse caso, no entanto, os aliens não responderam a nenhum dos idiomas. Limitaram-se a fazer gestos para que entrasse na máquina. Ao professor, pareceu que eles conversavam entre si por telepatia. E, de fato, depois seria também telepaticamente que ele se comunicaria com os aliens (REVISTA UFO, 1988).

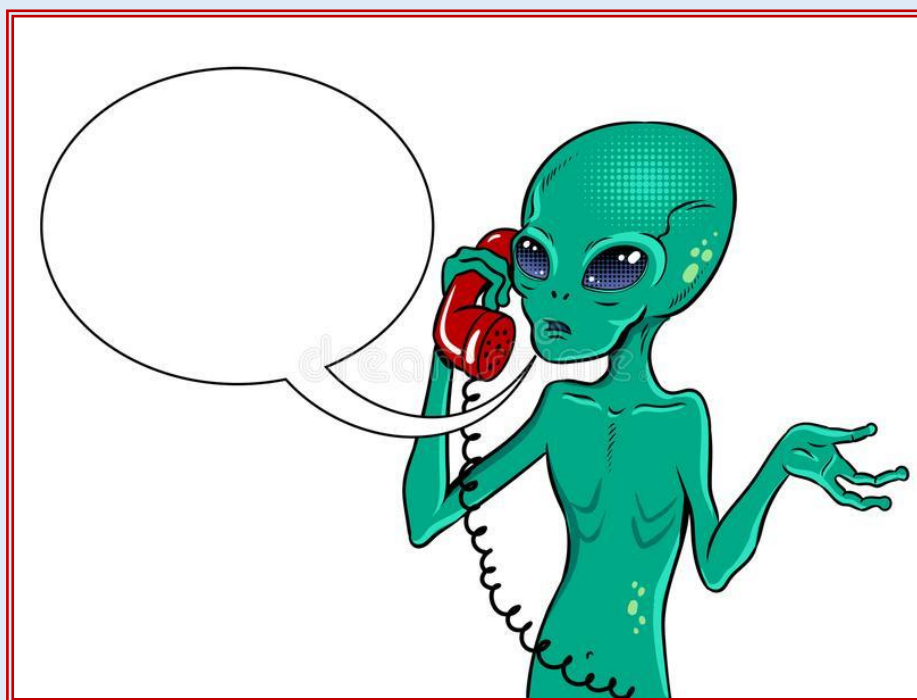
Há ainda casos com o de Luiz Henrique da Silva, ocorrido em São Paulo, no ano de 1959, o qual não chegou a ser levado para dentro de alguma nave. Ele teve a insólita experiência de receber bilhetes supostamente alienígenas, escritos em bom português, pedindo para que comparecesse em determinado horário para encontrá-los. Em um dos encontros, nos quais ele se sentia paralisado e testemunhava fenômenos exóticos, Luiz recebeu uma mensagem escrita em caracteres desconhecidos (REVISTA UFO, 1988).

UM DIÁLOGO CÓSMICO

O que se observa, a partir desses casos ufológicos ocorridos no Brasil, é que a questão da comunicação com alienígenas importa também para eles e que ela é conduzida de diferentes maneiras, conforme o abduzido ou conforme a raça alienígena. Sobressai-se o uso da telepatia, que parece ser o método mais eficiente de comunicação. Entretanto, a telepatia, por vezes, parece depender de alguma aparelhagem, como um capacete ou um tipo de implante no abduzido. Aparentemente, esses aparelhos atendem às dificuldades do ser humano, e não dos alienígenas, em se comunicar telepaticamente. Entre eles, a conversa telepática parece se dar de forma mais natural.

Os aliens demonstram saber ou, pelo menos, ter a capacidade de aprender os idiomas da Terra. Raramente, no entanto, a fala deles é oralizada. A comunicação verbal não parece ser muito prática para eles.

Presume-se, também, que existam dificuldades bastante significativas para compreender a linguagem de uma raça alienígena, que pode soar completamente absurda aos nossos ouvidos, sem que se consiga entender um único vocábulo. Entretanto, isso não parece ser um limitador para a comunicação, que pode ocorrer por outros meios, possivelmente envolvendo tradução simultânea. Também não se descarta a possibilidade de que um ser humano venha a aprender um idioma alienígena, seja pela experiência ou uso de algum recurso fornecido por aquela civilização. O que não se observa nas abduções são casos de conversas que deixaram de ocorrer porque os envolvidos falavam línguas diferentes. Os problemas de comunicação foram sempre resolvidos de algum modo. Isso pode ser visto até como um alento para a humanidade: não é impossível se comunicar com eles.



OS ALIENS QUEREM FALAR? | DREAMSTIME

O notável esforço que a humanidade vem apresentando para criar algo parecido com um “tradutor universal” pode ser algo pelo qual as civilizações alienígenas já passaram há muito tempo. Ao analisar como elas, supostamente, se comunicam conosco atualmente, podemos estar olhando para o nosso próprio futuro, em todas as suas potencialidades. A comunicação, entre nós mesmos, já está, aos poucos, deixando de ser o que era. Para que esse processo ocorra da melhor maneira e para que nos preparemos para o tipo de sociedade que certamente emergirá a partir de um contato extraterrestre mais formal, o estudo de áreas como a exossemiótica e a xenolinguística se mostra extremamente útil.

O nosso “diálogo cósmico” está apenas começando e não sabemos ainda quais são as bases sobre as quais ele se dará, mas a realidade que ele sugere já é fascinante e digna da atenção da humanidade. Convém que estejamos preparados para esse novo cenário.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Reginaldo de. Após abdução, nordestino fica amigo de alienígenas. **Revista UFO**, Curitiba, ed. 58, 01 jul. 2011. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/apos-abducao-nordestino-fica-amigo-de-alienigenas.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

BARBOSA, Pedro. Comunicação com seres alienígenas: uma abordagem exossemiótica. **Revista Cosmovni**, Pato Branco, n. 2, jun. 2021.

BORGES, Cláudia. Conheça o Caso Villas Boas: o relato de abdução mais famoso do Brasil. **Mega Curioso**, Curitiba, 04 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/misterios/57677-conheca-o-caso-villas-boas-o-relato-de-abducao-mais-famoso-do-brasil.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CRUZ, Bruna Souza. Sonho virando realidade: Google irá traduzir conversas em tempo real. **UOL Notícias**, São Paulo, 08 jan. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2019/01/08/sonho-virando-realidade-google-ira-traduzir-conversas-em-tempo-real.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

GOMES VEADO, Marco Aurélio. Será a telepatia o principal meio de comunicação no futuro? **Pensamentos Marcorelianos**, [S. l.]. Disponível em: <<https://pensamentosmarcorelianos.wordpress.com/2018/10/18/sera-a-telepatia-meio-de-comunicacao/>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

GRANCHI, Irene. Um sequestro múltiplo e surpreendente em Goiás. **Revista UFO**, Curitiba, ed. 58, 01 jul. 2011. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/um-sequestro-multiplo-e-surpreendente-em-goias.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

JACOBS, David E. Comunicação telepática entre humanos e extraterrestres. **Revista UFO**, Curitiba, ed. 62, 01 fev. 1999. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/comunicacao-telepatica-entre-humanos-e-extraterrestres.html>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

_____. **Infiltrados: O plano alienígena para controlar a humanidade**. Curitiba: UFO, 2017.

KLEINA, Nilton. Google quer construir o tradutor universal perfeito no futuro. **TecMundo**, Curitiba, 16 set. 2013. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/google-translate/44556-google-quer-construir-o-tradutor-universal-perfeito-no-futuro.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

LEIR, Roger K. **Implantes alienígenas: Somos cobaias de ETs?**. Campo Grande: UFO, 2002.

MAHON, Chris. *Noam Chomsky says alien language 'might not be so different from human language'*. **Outer Places**, [S.l.], 29 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.outerplaces.com/science/item/18517-noam-chomsky-alien-language>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

MEMORY Alpha. Enciclopédia sobre Star Trek, [s.d.]. Disponível em: <<http://memory-alpha.wikia.com/wiki/Portal:Main>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

PAIVA, Wayne. A evolução dos tradutores automáticos graças às redes neurais. **Blog Listen and Learn**, [S.l.], 17 set. 2018. Disponível em: <<https://www.listenandlearn.com.br/blog/evolucao-tradutores-automaticos-redes-neurais/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

PATTON, Paul. *Language in the Cosmos I: Is Universal Grammar Really Universal?*. *Universe Today*, [S.l.], 04 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.universetoday.com/139326/universal-grammar-really-universal/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

PETIT, Marco Antonio. Uma abdução que levou a um significativo despertar individual. **Revista UFO**, Curitiba, ed. 216, out. 2014. Disponível em: <<https://ufo.com.br/entrevistas/uma-abducao-que-levou-a-um-significativo-despertar-individual.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

REVISTA UFO. **Caso Hermínia e Bianca revisitado**. Curitiba, ed. 39, 01 jul. 1995. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/caso-herminio-e-bianca-revisitado.html>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

REVISTA UFO. **Contatos com extraterrestres no Brasil – Parte III**. Curitiba, ed. 3, 01 mai. 1998. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/contatos-com-extraterrestres-no-brasil---parte-iii/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. A incrível história do gaúcho que foi a outro planeta. **Revista UFO**, Curitiba, 01 mai. 2002. Disponível em: <<https://ufo.com.br/artigos/a-incrivel-historia-do-gaicho-que-foi-a-outro-planeta>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

TASCA, Antônio Nelso. **Um homem marcado por ETs: A verdadeira história de uma abdução alienígena**. Campo Grande: UFO, 2007.

**OS 40 ANOS DO INCIDENTE NA FLORESTA DE
RENDLESHAM, O ROSWELL BRITÂNICO**

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA

RESUMO

O Incidente na Floresta de Rendlesham é a ocorrência ufológica mais famosa do Reino Unido, comparada ao Incidente de Roswell dos Estados Unidos. A série de avistamentos no final de dezembro de 1980, perto das bases militares gêmeas de Bentwaters e Woodbridge, operadas pela USAF, incluiu dezenas de abalizadas testemunhas militares. Nas primeiras horas de 26 de dezembro de 1980, dois membros da USAF encontraram uma aeronave desconhecida, aparentemente desembarcada em uma pequena clareira na Floresta de Rendlesham. Um deles chegou a ver símbolos hieroglíficos no casco e até tocá-los, antes de a nave subir e desaparecer. Uma análise subsequente do local de aterrissagem mostrou marcas no chão formando um triângulo, sinais de queimaduras nas laterais das árvores e níveis de radiação maiores que o normal. Duas noites depois, o OVNI retornou e disparou raios de luz contra o vice-comandante da base e uma pequena equipe de homens que foram investigar. Para poder esclarecer melhor todos os pontos, a favor ou contra, foram examinados criticamente as várias teorias que tentam explicar os avistamentos em termos convencionais, como identificação errônea, fraude ou ilusão, sendo feita a revisão retrospectiva do incidente a partir de livros e documentos.

PALAVRAS-CHAVE

Casos Ufológicos. Floresta de Rendlesham. Roswell britânico.

SOBRE O AUTOR



Cláudio Suenaga diante do monumento megalítico de Ishi-no-Hoden, na cidade de Takasago, província de Hyogo, no Japão. Imagem: Alexandre Akio Watanabe.

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira dissertação de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Escritor com quatro livros publicados e vários ainda inéditos, possui vasta experiência na área jornalística, tendo colaborado com inúmeros veículos no Brasil e no exterior e publicado centenas de artigos em jornais e revistas. Desde março de 2016, Suenaga trabalha, pesquisa e reside na cidade de Osaka, no Japão.

Mídias e contato:

Site: <https://claudiosuenaga.yolasite.com/>

Blog: <https://claudiosuenaga.tumblr.com/>

Facebook (perfil): <https://www.facebook.com/ctsuenaga/>

Facebook (página): <https://www.facebook.com/clasuenaga/>

Instagram: <https://www.instagram.com/claudiosuenaga/>

Youtube: <https://www.youtube.com/c/ClaudioSuenaga>

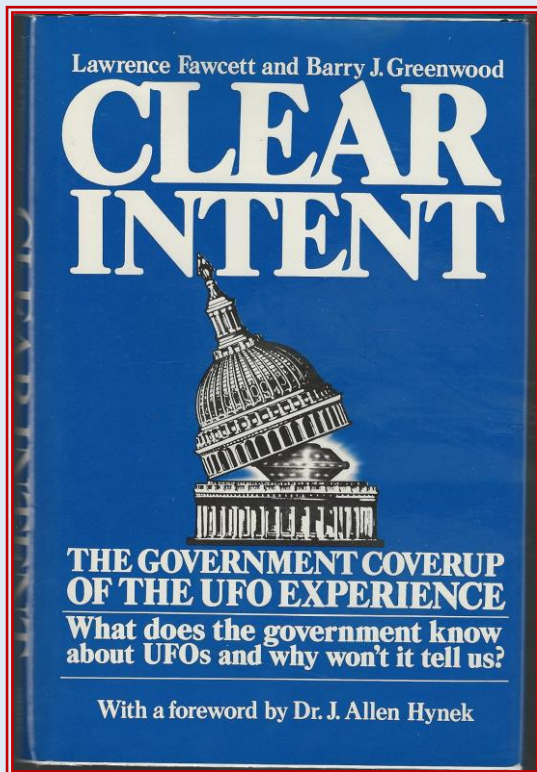
E-mail: claudiosuenaga@mail.com

OS CLAROS DESÍGNIOS DE UMA CONSPIRAÇÃO CÓSMICA

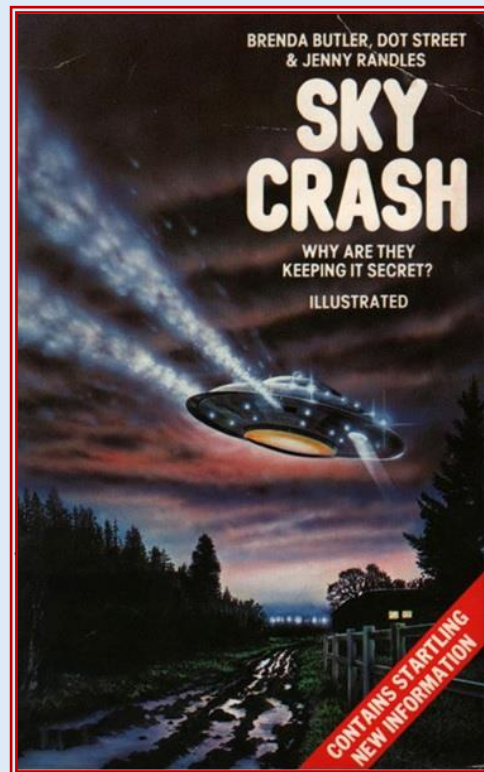


WATERFALLKK

Em 1984, a ufologia foi chacoalhada com o lançamento do livro *Clear Intent: The Government Coverup of the UFO Experience* (Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall), de Lawrence Fawcett e Barry J. Greenwood, ambos pertencentes à organização norte-americana CAUS (*Citizens Against UFO Secrecy*, ou Cidadãos Contra o Segredo dos OVNI), cuja árdua e heroica batalha para obter a verdade do governo norte-americano em relação a OVNI vinha mexendo fundo com os círculos governamentais daquele país. Com um prefácio do astrofísico J. Allen Hynek, o livro, cuja tradução é *Claros Desígnios: O Encobrimento Governamental da Experiência OVNI*, foi acompanhado por outro intitulado *Sky Crash: A Cosmic Conspiracy* (Sudbury, Suffolk, Neville Spearman), ou seja, *Desastre aéreo: Uma conspiração cósmica*, de Brenda Butler, Dot Street e Jenny Randles [nascida Christopher Paul Randles (1951-)].



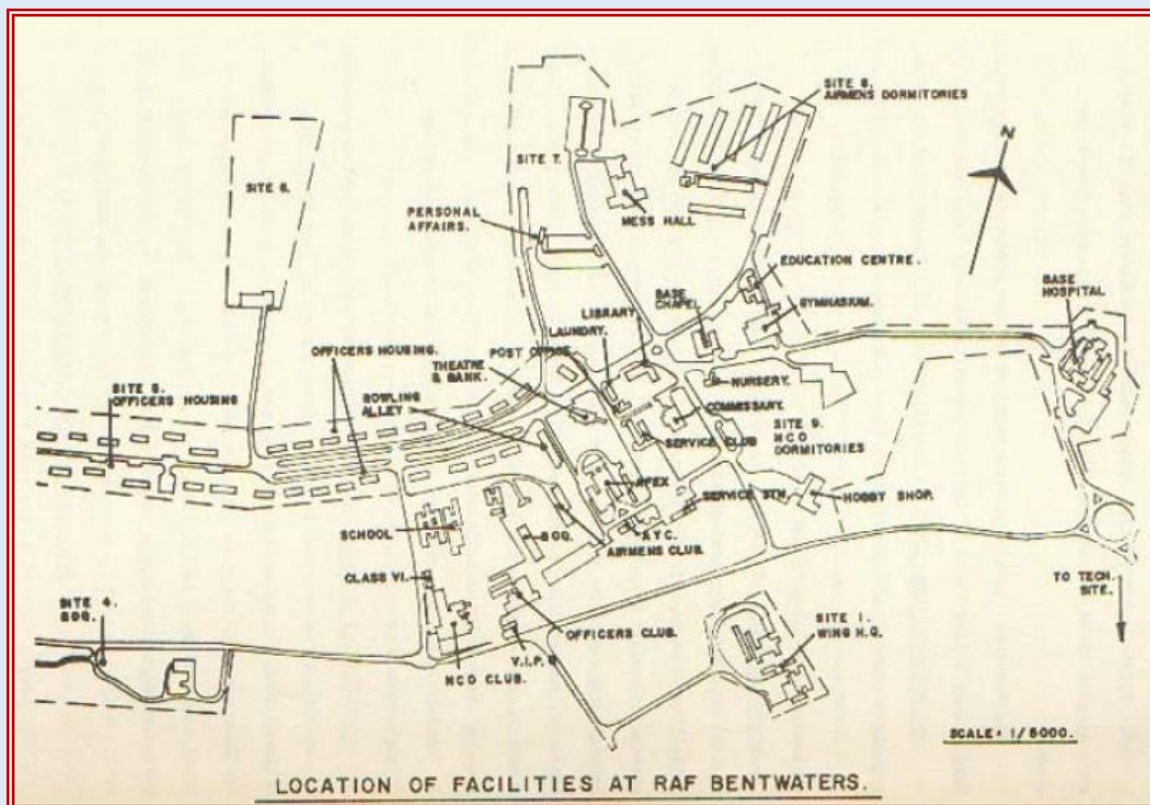
AMAZON



AFU SHOP

Ambos tratavam do escandaloso incidente ocorrido na Base da Real Força Aérea de Bentwaters (*Royal Air Force Bentwaters* ou simplesmente *RAF Bentwaters*), no sudeste da Inglaterra, a cerca de 130 km a nordeste de Londres e nas imediações da Floresta de Rendlesham, próxima de Woodbridge, em Suffolk, onde se erguiam um farol e alguns edifícios antigos destinados à pesquisa de equipamentos de radar. O nome da base foi tirado de dois chalés (*Bentwaters Cottages*) que estavam no local da pista principal durante a sua construção, em 1943. A estação foi usada pela RAF durante a Segunda Guerra Mundial e pela Força Aérea dos Estados Unidos [*United States Air Force (USAF)*] durante a Guerra Fria, com os campos de pouso de Bentwaters e Woodbridge sendo conhecidos pelos norte-americanos como “Twin Bases”.

É preciso deixar bem claro, no entanto, que os eventos ocorreram fora da RAF Woodbridge, que era usada na época pela USAF. Em *Clear Intent*, o caso foi abordado entre muitíssimos outros, mas em *Desastre Aéreo: Uma Conspiração Cósmica* foi o assunto central.



RAF BENTWATERS

MAR MELADO

O então tenente-coronel (hoje coronel aposentando) da USAF, Charles Irwin Halt (1939-), que havia servido no Vietnã, no Japão e na Coreia e fora recém-designado vice-comandante da base, escreveu um memorando (conhecido como “Memorando Halt”), sob o título “Luzes Inexplicadas”, em 13 de janeiro de 1981. Esse memorando foi posteriormente enviado ao Ministério da Defesa e liberado pelo governo norte-americano em 1983 sob a FOIA (*Freedom of Information Act*, ou Lei de Liberdade de Informação).

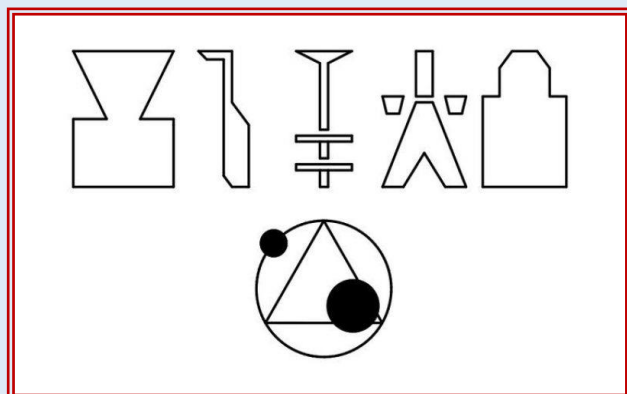
O atraso de duas semanas entre o incidente e o relatório pode ser responsável por erros nas datas e horas fornecidas, como veremos adiante. Posteriormente, a ufóloga inglesa Jenny Randles conseguiu uma carta do Ministério da Defesa Britânico [*Ministry of Defence (MoD)*], conhecido como SF4, admitindo a veracidade do caso e o fato de não terem explicações para ele.

Por volta das 3 horas da manhã de sexta-feira, 26 de dezembro de 1980 (relatado como 27 de dezembro por Halt em seu memorando ao Ministério da Defesa do Reino Unido), John Burroughs e Budd Parker, ambos patrulheiros da RAF, estavam vigiando o portão leste da RAF Woodbridge quando viram um objeto descer do céu e tocar o chão da vizinha Floresta Rendlesham sem fazer qualquer barulho. Podia-se ver apenas uma massa de luzes coloridas que, segundo eles, parecia-se com uma árvore de Natal. Essas luzes foram atribuídas por astrônomos a um pedaço de entulho natural visto queimando como uma bola de fogo no sul da Inglaterra naquela ocasião.



Os sargentos Jim Penniston (esq.) e John Burroughs afirmam que viram um OVNI pousando na floresta de Rendlesham em dezembro de 1980. Imagem: <https://www.thesun.co.uk/news/5331467/airmen-involved-in-british-roswell-incident-may-have-been-abducted-by-aliens-retired-us-colonel-reveals-in-secret-footage/>.

O sargento Burroughs ligou para a base e em poucos minutos o sargento patrulheiro de segurança James “Jim” Penniston dirigiu-se ao local em um jipe dirigido por Herman Kavanasac. Assim que se aproximaram, os dois militares viram as luzes entre as árvores e pensaram ser de uma aeronave abatida. Um campo elétrico parecia envolver o bosque, o que dificultava contatos por rádio. Penniston e Burroughs entraram sozinhos no bosque e, à medida que se aproximavam de uma clareira, notaram que o ar “transbordava” de energia. Tudo estalava e crepitava como se estivessem no meio de uma tormenta elétrica. Começaram a sentir um formigamento na pele e seus cabelos ficaram em pé. Na frente deles, estava o OVNI, o qual descreveram como um objeto cônico, metálico, do tamanho de um carro pequeno e que flutuava sobre feixes de luz – outras testemunhas relataram ter visto “pés finos” – a apenas 30 centímetros do chão. O OVNI estava envolvido por uma aura nebulosa e nas laterais ostentava marcas pretas que pareciam pintadas. Chegar perto do objeto era algo impossível, segundo os oficiais. Era como nadar em um “mar melado”. Eles queriam avançar, mas não conseguiam se mexer. Mesmo assim, Penniston garantiu ter chegado perto o suficiente para ver símbolos hieroglíficos estranhos no casco e tocá-los.



Símbolos visto por Jim Penniston no casco do OVNI.

Imagem: <http://conspiracyresearcher.blogspot.com/2012/09/rendlesham-forest-ufo-symbols.html>

Inesperadamente, o objeto emitiu uma luz e começou a se erguer, enquanto a fauna do bosque entrava em uma frenética atividade: pássaros voavam, cervos corriam para procurar esconderijo, etc. Animais de uma fazenda próxima também pareciam estar excitados ou irritados com o que estava acontecendo, pois demonstravam um comportamento anormal. Os dois homens continuaram em pé olhando fixamente para o céu até que o OVNI desaparecesse. Pouco depois das 4 horas, a Polícia de Suffolk foi chamada ao local, mas relatou que as únicas luzes que puderam ver foram as do farol de Orfordness, a alguns quilômetros de distância na costa.

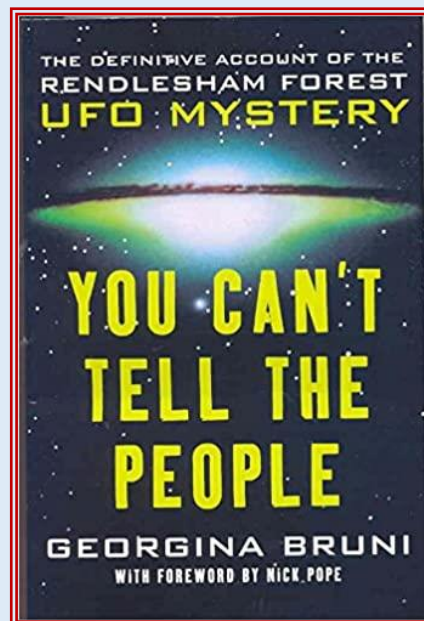
MARCAS DE POUSO E RADIAÇÃO

Ao amanhecer de 26 de dezembro, poucas horas depois do contato de Burroughs e Penniston, os militares voltaram a uma pequena clareira perto da borda leste da floresta e encontraram sinais inequívocos da presença do OVNI: três pequenas impressões no solo gelado em um padrão triangular, os quais coincidiam com a localização dos pés que os homens tinham visto debaixo do OVNI, assim como marcas de queimaduras e galhos torcidos e quebrados em árvores próximas. Um avião que sobrevoou o local captou sinais de radiação infravermelha na floresta. Às 10h30, a Polícia local foi chamada novamente, desta vez para ver as impressões, que eles pensaram que pudessem ter sido feitas por um animal.

A empresária e ufóloga britânica Georgina Bruni, em seu livro *You Can't Tell the People: The Definitive Account of the Rendlesham Forest UFO* (London, Pan Macmillan, 2001), publicou uma fotografia do suposto local de pouso tirada na manhã seguinte ao primeiro avistamento. Bruni teve acesso aos relatórios da Polícia, do Ministério da Defesa e de fontes militares dos Estados Unidos e seu livro revelou novas informações sobre o incidente, que para ela foi um indubitável encontro alienígena.

Ela incluiu entrevistas com os envolvidos, bem como resgatou outros incidentes nunca antes relatados na área.

No sábado, 27 de dezembro, durante uma festa de oficiais na Base de Bentwaters, o tenente Bruce Englund entrou na sala e notificou o vice-comandante da base, tenente-coronel Charles Halt, de que “aquilo” havia voltado. Halt reuniu seus oficiais de segurança e partiu rumo à região, disposto a investigar e solucionar o caso de uma vez por todas.



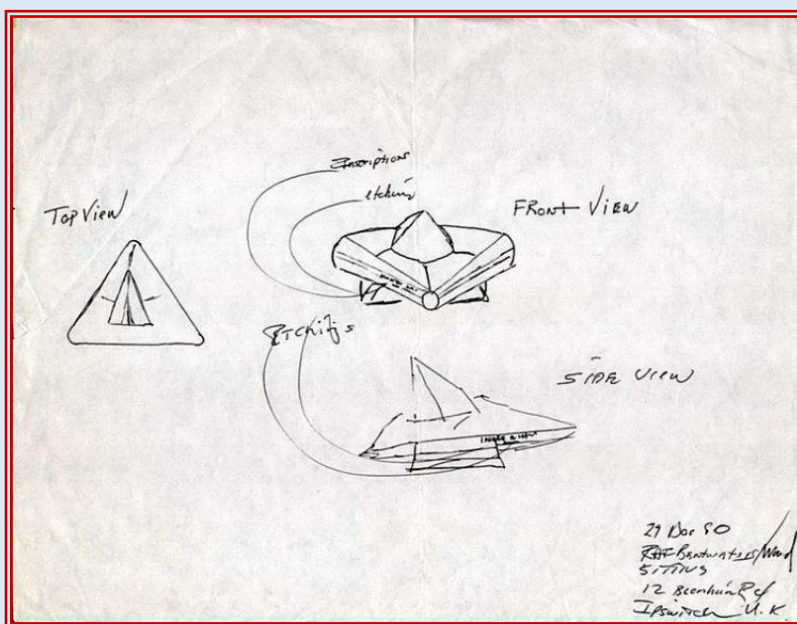
AMAZON

Assim é que, nas últimas horas de 27 de dezembro e no início da madrugada de 28 de dezembro (relatado como 29 de dezembro por Halt), o tenente-coronel Halt liderou uma patrulha para investigar o local de pouso de OVNI próximo à borda leste da Floresta Rendlesham. O patrulheiro Burroughs se uniu ao grupo. A primeira coisa que fizeram foi isolar a região para impedir a invasão de intrusos. Uma vez dentro da floresta, Halt não se surpreendeu ao descobrir que o OVNI já não podia ser visto. As lanternas começaram a falhar e o contato por rádio era difícil, como na noite anterior.

Eles fizeram leituras de radiação no triângulo de depressões e na área circundante usando um AN/PDR-27, um medidor de radiação militar padrão dos Estados Unidos. Embora tenham registrado 0,07 miliroentgens por hora, em outras regiões detectaram 0,03 a 0,04 miliroentgens por hora, em torno do nível de fundo. Além disso, eles detectaram uma pequena explosão semelhante a quase 1 km de distância do local de pouso.

Poucos segundos depois, estranhos ruídos começaram a vir de todas as partes. Halt ordenou a seus homens, pelo transmissor, que ficassem alertas. Foi durante essa investigação que eles testemunharam várias luzes não identificadas. A mais proeminente delas foi uma luz intermitente a leste, quase em linha com uma casa de fazenda, como as testemunhas haviam visto na primeira noite. O Farol de Orfordness é visível justamente mais a leste na mesma linha de visão.

Os que haviam adentrado mais profundamente na floresta – entre eles Burroughs e o sargento Adrian Bustinza – descreveram-na como uma luz brilhante que pousou sobre um pilar de neblina amarelada e se separou como se fosse um arco-íris produzido por um prisma. O objeto, que presumiram ser uma aeronave acidentada, foi descrito como sendo “metálico na aparência e triangular no formato”, com uma “luz pulsante vermelha no topo e uma fileira de luzes azuis embaixo”. Halt e sua equipe também não demoraram a ver a luz, até que o objeto disparou rumo ao céu. Depois de um momento de silêncio, viu-se um feixe luminoso se dirigindo à terra. Halt voltou a reunir sua equipe e tomou o caminho de volta.



Esboço do OVNI por Jim Penniston. Imagem:
<https://www.9news.com.au/world/rendlesham-forest-ufo-sighting-uk-roswell-investigation/ad10e726-d7ca-452f-9bec-321b54c1087b>

MEMORANDO HALT

Mais tarde, de acordo com o Memorando Halt, três luzes semelhantes a estrelas foram vistas no céu, duas ao norte e uma ao sul, cerca de 10 graus acima do horizonte. Halt disse que a mais brilhante delas pairou por duas a três horas e parecia irradiar um feixe de luz de vez em quando. Os astrônomos explicaram essas luzes como nada mais do que estrelas brilhantes.

Halt gravou os eventos em um gravador de microcassete. Em 1984, uma cópia do que ficou conhecido como “Fita Halt” foi liberada para os ufólogos pelo coronel Sam Morgan, que então havia sucedido Ted Conrad como superior de Halt. Esta fita narra a investigação de Halt na floresta em tempo real, incluindo leituras de radiação, o avistamento da luz piscando entre as árvores e os objetos parecidos com estrelas que pairavam e cintilavam.

O Memorando Halt foi enviado ao Ministério da Defesa Britânico junto com uma carta escrita pelo líder de esquadrão Donald Moreland, um oficial de ligação da RAF, que fazia referências a “algumas observações misteriosas”. Os cientistas que trabalhavam para o ministério disseram que não podiam oferecer qualquer explicação para o fenômeno da radiação. Gravações feitas por radar na noite em questão foram enviadas sob custódia para bases da RAF próximas para verificar se alguma evidência de invasão do espaço aéreo britânico havia sido registrada.

DEPARTMENT OF THE AIR FORCE
 HEADQUARTERS 81ST COMBAT SUPPORT GROUP (USAF)
 APO NEW YORK 09755



REPLY TO
 ATTN OF. CD

13 Jan 81

SUBJECT: Unexplained Lights

TO: RAF/CC

1. Early in the morning of 27 Dec 80 (approximately 0300L), two USAF security police patrolmen saw unusual lights outside the back gate at RAF Woodbridge. Thinking an aircraft might have crashed or been forced down, they called for permission to go outside the gate to investigate. The on-duty flight chief responded and allowed three patrolmen to proceed on foot. The individuals reported seeing a strange glowing object in the forest. The object was described as being metallic in appearance and triangular in shape, approximately two to three meters across the base and approximately two meters high. It illuminated the entire forest with a white light. The object itself had a pulsing red light on top and a bank(s) of blue lights underneath. The object was hovering or on legs. As the patrolmen approached the object, it maneuvered through the trees and disappeared. At this time the animals on a nearby farm went into a frenzy. The object was briefly sighted approximately an hour later near the back gate.

2. The next day, three depressions 1 1/2" deep and 7" in diameter were found where the object had been sighted on the ground. The following night (29 Dec 80) the area was checked for radiation. Beta/gamma readings of 0.1 milliroentgens were recorded with peak readings in the three depressions and near the center of the triangle formed by the depressions. A nearby tree had moderate (.05-.07) readings on the side of the tree toward the depressions.

3. Later in the night a red sun-like light was seen through the trees. It moved about and pulsed. At one point it appeared to throw off glowing particles and then broke into five separate white objects and then disappeared. Immediately thereafter, three star-like objects were noticed in the sky, two objects to the north and one to the south, all of which were about 10° off the horizon. The objects moved rapidly in sharp angular movements and displayed red, green and blue lights. The objects to the north appeared to be elliptical through an 8-12 power lens. They then turned to full circles. The objects to the north remained in the sky for an hour or more. The object to the south was visible for two or three hours and beamed down a stream of light from time to time. Numerous individuals, including the undersigned, witnessed the activities in paragraphs 2 and 3.


 CHARLES J. HALT, Lt Col, USAF
 Deputy Base Commander

Carta do tenente-coronel Charles Halt para o Ministério da Defesa do Reino Unido e que ficou conhecida como o "Memorando Halt". Imagem: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Halt_Memorandum.jpg

Mais de dois anos depois, em 1983, o Memorando Halt foi obtido por meio da FOIA, mas ficou retido pelo Ministério de Defesa Britânico, que só o liberou ao público em meados de setembro de 2001. De acordo com esses documentos, o relato feito pelo vice-comandante da Base Nuclear Norte-Americana em East Anglia colocou em alerta o Ministério da Defesa, que já andava preocupado com os rumores de que um “pouso alienígena” poderia estar encobrindo um acidente envolvendo armas nucleares, a queda de um protótipo de aeronave furtiva *stealth* ou a recuperação secreta de um satélite soviético. Ficaram tão preocupados que as equipes antinucleares foram alertadas para a presença de artefatos nucleares em Bentwaters. O incidente poderia estar encobrindo ainda outros fatos inusitados, uma vez que cinco documentos permaneceram retidos por conterem instruções confidenciais que afetariam a segurança nacional e as relações dos Estados Unidos com a Inglaterra, além de levantarem questões sobre como nossas defesas podem ser enganadas e subjugadas facilmente por uma força extraterrestre. O Ministério da Defesa do Reino Unido afirmou que o evento não representava nenhuma ameaça à segurança nacional e, portanto, nunca foi investigado como uma questão de segurança. Os céticos explicaram os avistamentos como uma interpretação errônea de uma série de luzes noturnas: uma bola de fogo, o Farol de Orfordness e estrelas brilhantes.

POPULARIZAÇÃO DO CASO

As notícias do evento vazaram lentamente, finalmente chegando às manchetes em outubro de 1983: “OVNI pousa em Suffolk – E isso é oficial”, foi a manchete de primeira página do *News of the World*, um tabloide popular do Reino Unido que pagou £ 12.000 pela história.

A Cable News Network (CNN) fez um documentário sobre o caso no outono de 1984 e que foi exibido em fevereiro de 1985. Apareceram dando declarações o capitão Mike Verrano, o sargento Bob Ball, o sargento Ray Guyllus, o aviador de 1ª classe Larry Warren e o aviador de 1ª classe Greg Bartram, além das testemunhas primárias Gerry Harris, Gordon Levett e Forrester Vince Thurkettle. Esse foi, na época, um dos programas de maior audiência na CNN.

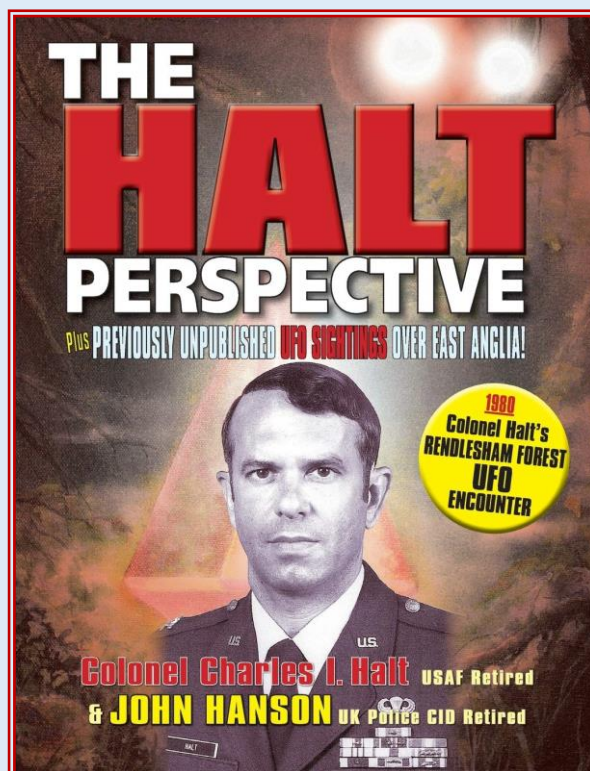
Em 1997, o pesquisador escocês James Easton obteve as declarações originais das testemunhas feitas pelos envolvidos nos avistamentos da primeira noite. Uma das testemunhas, Ed Cabansag, disse em seu depoimento: *“Imaginamos que as luzes vinham da floresta, pois nada era visível quando passamos pela floresta arborizada. Víamos um brilho próximo ao farol, mas, à medida que nos aproximamos, descobrimos que era de uma casa de fazenda iluminada. Chegamos a um ponto onde pudemos determinar que o que estávamos perseguindo era apenas um farol apagado à distância”*. John Burroughs referendou Cabansag: *“Vimos uma luz girando, então fomos em sua direção. O seguimos por cerca de 3 km antes de podermos [ver] que vinha de um farol”*.

Burroughs relatou um barulho “como se uma mulher estivesse gritando” e que “você podia ouvir os animais da fazenda fazendo muitos ruídos”. Halt ouviu os mesmos ruídos duas noites depois. Esse barulho poderia ter sido feito por cervos Muntjac na floresta, que são conhecidos por seu latido alto e estridente quando alarmados.

Depois de se aposentar da USAF, em 1991, Halt fez sua primeira aparição pública em um documentário de televisão, no qual confirmou a autenticidade do Incidente na Floresta de Rendlesham.

Em 1997, ele foi entrevistado por Georgina Bruni para um livro sobre o Incidente de Rendlesham, o já citado *You Can't Tell the People: The Definitive Account of the Rendlesham Forest*. Ele também apareceu em vários outros documentários de televisão, o mais notório deles o da History Channel, *UFO Files – Britain's Roswell*, que foi ao ar em 17 de dezembro de 2005.

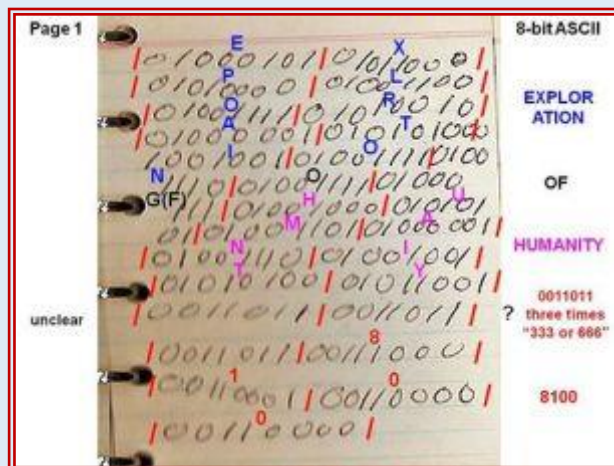
Em junho de 2010, o coronel aposentado Charles Halt assinou uma declaração juramentada autenticada na qual novamente resumiu o que tinha acontecido e afirmou que acreditava firmemente que o evento era extraterrestre e tinha sido encoberto pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos: *“Eu acredito que os objetos que vi de perto eram de origem extraterrestre e que os serviços de segurança dos Estados Unidos e do Reino Unido tentaram – tanto naquela época como agora – subverter a importância do que ocorreu na Floresta Rendlesham e na RAF Bentwaters pelo uso de métodos de desinformação bem praticados”*. Em 2016, Halt lançou um livro escrito com John Hanson intitulado *The Halt Perspective* (Haunted Skies Publishing). Contradições entre esta declaração e os fatos registrados na época no memorando de Halt e na gravação da fita foram apontadas.



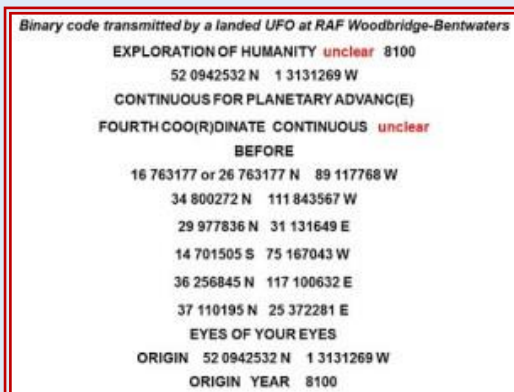
AMAZON

SÍMBOLOS E CÓDIGO BINÁRIO

Em 2010, o comandante da base, coronel Ted Conrad, forneceu uma declaração sobre o incidente ao jornalista investigativo britânico David William Clarke, interessado em folclore, fenômenos fortuanos e experiências pessoais extraordinárias. Conrad afirmou a Clarke, frequentemente consultado pela mídia nacional e internacional sobre lendas contemporâneas e OVNI e que atuou como curador para o Projeto OVNI dos Arquivos Nacionais de 2008 a 2013, que não haviam visto “nada que se parecesse com as descrições do tenente-coronel Halt no céu ou no solo” e que havia “pessoas em posição de validar a narrativa de Halt, mas nenhum deles pôde”. Conrad criticou Halt pelas alegações em seu depoimento, dizendo que “ele deveria estar envergonhado e embaraçado por sua alegação de que seu país e a Grã-Bretanha conspiraram para enganar seus cidadãos sobre esta questão”.



O código binário recebido por Jim Penniston por “telepatia”.
Imagem: <https://www.ufoeyes.com/2011/01/04/get-the-rendlesham-ufo-binary-code-here/>



A decodificação do código binário recebido por Penniston. Imagem: <https://utkarshideas.wordpress.com/2016/08/15/message-from-aliens/>

Conrad também contestou o testemunho do sargento Jim Penniston, que afirmou ter visto símbolos e tocado na espaçonave alienígena. Penniston havia afirmado ainda ter recebido uma longa mensagem em código binário daquela nave triangular pousada, por meio de telepatia mental: *“Com certeza foi telepático. Era como um quadro que rodava um filme em meu cérebro. Era uma coisa do tipo ‘olho da mente’. Estava piscando zeros e uns. Mais tarde, descobrimos que (a mensagem) era algum tipo de código binário. Para ser honesto com você, tenho problemas com álgebra. Não sou uma ‘pessoa matemática’ de forma alguma, muito menos um expert em computadores. E, em 1980, acho que nem tínhamos computadores que usássemos, então era estranho para mim”*. Penniston escreveu esse código binário em 16 folhas de papel, em um pequeno caderno, no dia seguinte. *“Não consegui tirar aquelas imagens – uns e zeros, zero-zero-zero-um – da minha cabeça. Por isso, senti-me compelido a anotá-los”*. Conrad, no entanto, disse quando entrevistou Penniston, na época, ele não mencionou tais fatos. Por fim, Conrad sugeriu que todo o incidente possa ter sido uma farsa.

ARMAS SECRETAS E ERROS DE INTERPRETAÇÃO

A propósito, a BBC relatou que um ex-policia de segurança dos Estados Unidos, Kevin Conde, assumiu a responsabilidade por criar luzes estranhas na floresta ao dirigir um veículo da polícia cujas luzes ele havia modificado. No entanto, não há evidências de que essa “pegadinha” tenha acontecido nas noites em questão.

Outras explicações para o incidente incluem um satélite espião soviético abatido, mas nenhuma evidência foi produzida para apoiar isso.

A explicação convencional mais provável é a de que o incidente envolveu um protótipo secreto de aeronave estratégica furtiva, provavelmente um Lockheed F-117 Nighthawk, ou ainda um *drone*. No entanto, nenhuma dessas teorias é conclusiva.

A explicação cética mais plausível é que os avistamentos foram devidos a uma combinação de três fatores principais. O avistamento inicial às 3 horas de 26 de dezembro, quando os aviadores viram algo aparentemente descendo para a floresta, coincidiu com o aparecimento de uma bola de fogo brilhante sobre o sul da Inglaterra e essas bolas de fogo são uma fonte comum de relatos de OVNI. As supostas marcas de pouso foram identificadas pela polícia e engenheiros florestais como escavações de coelhos. Nenhuma evidência surgiu para confirmar que algo realmente pousou na floresta.

De acordo com os depoimentos das testemunhas de 26 de dezembro, a luz piscante vista da floresta estava na mesma direção do Farol de Orfordness. Quando as testemunhas tentaram se aproximar da luz, perceberam que estava mais distante do que pensavam. Uma das testemunhas, Ed Cabansag, descreveu-o como “um farol apagado ao longe”, enquanto outro, John Burroughs, disse que era mesmo “um farol”. Os tempos na gravação de Halt durante seu avistamento em 28 de dezembro indicam que a luz que ele viu, que estava na mesma direção da luz vista duas noites antes, piscava a cada cinco segundos, que era a taxa de *flash* do Farol de Orfordness.

Os objetos parecidos com estrelas que Halt relatou pairando baixo ao norte e ao sul são considerados por alguns céticos como interpretações errôneas de estrelas brilhantes distorcidas por efeitos atmosféricos e ópticos, outra fonte comum de relatos de OVNI.

A mais brilhante delas, ao sul, combinava com a posição de Sirius, a estrela mais brilhante no céu noturno.

Em 2005, a Comissão Florestal usou os recursos da Loteria para criar uma trilha na Floresta Rendlesham devido ao interesse público e a apelidou de “Trilha UFO”. Em 2014, o Serviço Florestal contratou um artista para criar uma obra que foi instalada no final da trilha. O artista afirma que a peça é modelada em esboços que supostamente representam algumas versões do OVNI alegadamente visto em Rendlesham.

A Floresta de Rendlesham é propriedade da Comissão Florestal e consiste em cerca de 15 km² de plantações de coníferas, intercaladas com cinturões de folhas largas, charnecas e áreas úmidas. Ela está localizada no condado de Suffolk, cerca de 13 km a leste da cidade de Ipswich. O incidente ocorreu nas proximidades de duas antigas bases militares: RAF Bentwaters, que fica ao norte da floresta, e RAF Woodbridge, que se estende para a floresta a partir do oeste e é delimitada pela floresta em suas bordas norte e leste. Na época, ambas estavam sendo usadas pela USAF e sob o comando do comandante de ala, coronel Gordon E. Williams. O comandante da base era o coronel Ted Conrad e seu vice o tenente-coronel Charles Irwin Halt.

Os principais eventos do incidente, incluindo o suposto pouso, ocorreram na floresta que começa na extremidade leste da pista de base, ou cerca de 500 metros a leste do Portão Leste da RAF Woodbridge, de onde os seguranças notaram pela primeira vez luzes misteriosas parecendo descer para a floresta. A floresta se estende a leste por cerca de 1,6 km além do Portão Leste, terminando no campo de um fazendeiro em Capel Green, onde eventos adicionais ocorreram.

Em 2010, Jenny Randles, que relatou o caso pela primeira vez no *London Evening Standard* em 1981 e foi coautora com os pesquisadores locais que descobriram os eventos do já citado primeiro livro sobre o caso em 1984, *Sky Crash: A Cosmic Conspiracy*, enfatizou suas dúvidas anteriormente expressas de que o incidente tenha sido causado por visitantes extraterrestres. Embora sugerindo que um fenômeno atmosférico não identificado e de origem desconhecida possa ter desencadeado partes do caso, ela observou: “Embora alguns quebra-cabeças permaneçam, provavelmente podemos dizer que nenhuma nave sobrenatural foi vista na Floresta de Rendlesham. Também podemos ter certeza de que o foco principal dos eventos era uma série de percepções errôneas de coisas cotidianas encontradas em circunstâncias menos que cotidianas”.

Em dezembro de 2018, David Clarke relatou uma versão de que o incidente foi armado pelo SAS (Special Air Service, a unidade de forças especiais do Exército Britânico formada em 1941) como um plano de vingança contra a USAF. De acordo com essa versão, em agosto de 1980, o SAS saltou de paraquedas na RAF Woodbridge para testar a segurança nuclear do local. A USAF havia recentemente atualizado seu radar e detectado os paraquedas pretos dos homens do SAS enquanto eles desciam para a base. As tropas SAS foram interrogadas e espancadas, com o último insulto de que foram chamadas de “alienígenas não identificados”. Para cumprir sua vingança, o SAS “deu” à USAF sua própria versão de um evento alienígena: “*Com a aproximação de dezembro, luzes e sinalizadores coloridos foram instalados na floresta. Balões de hélio preto também foram acoplados a pipas de controle remoto para transportar materiais suspensos para o céu, ativados por controles remotos*”.



O almirante Peter John Hill-Norton. Imagem:
<https://www.imdb.com/name/nm2855541/>

Peter John Hill-Norton, o barão Hill-Norton (1915-2004), oficial sênior da Marinha Real, um almirante aposentado de 5 estrelas que foi ex-chefe do CDS (*Chief of the Defence Staff* ou Chefe do Estado-Maior de Defesa), um cargo no Reino Unido equivalente ao cargo de Presidente do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, e ex-presidente do Comitê Militar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), avaliou assim o caso:

“Minha posição privada e pública expressa nos últimos 12 anos ou mais é que existem apenas duas possibilidades:

a) Uma invasão de nosso espaço aéreo e um pouso de aeronaves não identificadas ocorreram em Rendlesham, conforme descrito.

ou,

b) O vice-comandante de uma base operacional da Força Aérea dos Estados Unidos, com armas nucleares, na Inglaterra, e um grande número de homens alistados, estava alucinando ou mentindo.

Qualquer um deles simplesmente deve ser ‘de interesse do Ministério da Defesa’, que tem sido repetidamente negado, exatamente nesses termos”.

Ian William Ridpath, escritor e radialista inglês conhecido como popularizador da astronomia, biógrafo da história das constelações e cético ufológico, concluiu que o caso todo não passou de uma série de confusões e interpretações errôneas com objetos conhecidos (estrelas e luzes comuns, principalmente a do Farol de Orfordness). Quanto às alegações dos militares de que o objeto se afastou como se estivesse sob controle inteligente e das marcas de pouso que foram encontradas no solo, das queimaduras em árvores próximas e traços de radiação, atribuiu tudo ao exagero.

No artigo recente que publicou em seu site (<http://www.ianridpath.com/ufo/rendlesham1b.html>), Ridpath conta ter entrevistado o guarda florestal Forrester Vince Thurkettle, que morava a menos de um quilômetro do local de pouso do OVNI (e que agora vive em Norfolk), o qual lhe teria dito, ao ser perguntado sobre o caso: “*Não conheço ninguém por aqui que acredite que algo estranho aconteceu naquela noite*”. Então, o que era a luz estranha? “*É o farol*”, afirmou ele. O Farol de Orfordness, que os céticos identificam como a luz piscante vista na costa pelos aviadores, está na mesma linha de visão cerca de 8 km mais a leste da borda da floresta. Naquela época, era um dos faróis mais brilhantes do Reino Unido.

Thurkettle traçou em um mapa a direção em que os militares relataram ter visto seu OVNI piscando e constatou que estavam olhando diretamente para o feixe do farol.

Ridptah visitou a Floresta de Rendlesham no final de 1983 em busca de respostas e constatou que as marcas de pouso há muito haviam sido destruídas quando as árvores foram derrubadas. Vince Thurkettle as tinha visto e para ele as três depressões, que eram de forma irregular e nem mesmo formavam um triângulo simétrico, não passavam de escavações para coelhos, com vários meses de idade e cobertos por uma camada de agulhas de pinheiro caídas.

Quanto às marcas de queimadura nas árvores, não passavam de cortes de machado na casca, feitos pelos próprios silvicultores como um sinal de que as árvores estavam prontas para serem derrubadas. Ridptah viu vários exemplos em que a resina de pinheiro, borbulhando no corte, dava a impressão de uma queimadura.

Já os policiais que visitaram o local relataram que não viram nenhum OVNI, apenas o Farol de Orfordness. Como Vince Thurkettle, eles atribuíram as marcas de aterrissagem aos animais.

ANTECEDENTE: O INCIDENTE DE LAKENHEATH-BENTWATERS

Nas noites de 13 e 14 de agosto de 1956, ou seja, pouco mais de 24 anos antes, um incidente ufológico conhecido como o de Lakenheath-Bentwaters já havia ocorrido praticamente no mesmo local e envolvido militares da Força Aérea Real.

O Projeto Blue Book investigou e a Comissão Condon, posteriormente, analisou a série de contatos visuais e por radares, concluindo que “a probabilidade de que ao menos um OVNI tenha realmente sido avistado é alta”, com a ressalva de que poderia ser explicada simplesmente como uma falha no radar e a identificação de um fenômeno astronômico, já que havia um grande número de estrelas cadentes associadas à chuva de meteoros Perseidas.

O cético Philip J. Klass (1919-2005) classificou o incidente como nada mais do que uma combinação de falhas no radar e equívocos com os meteoros Perseidas.

O incidente começou na Base da RAF em Bentwaters, em Suffolk, na noite de 13 de agosto. Às 21h30, os operadores de radar da base rastrearam um alvo, aparentando ser semelhante a um retorno normal de uma aeronave, aproximando-se da base do mar a uma velocidade de vários milhares de quilômetros por hora. Eles também rastrearam um grupo de alvos movendo-se lentamente para o nordeste, os quais se fundiram em um único alvo muito grande antes de sair do escopo para o norte.

Um T-33 do esquadrão de interceptação, tripulado pelos primeiros tenentes Charles Metz e Andrew Rowe, foi direcionado para investigar os objetos que estavam no radar, mas não viram nada. Nenhum avistamento dos objetos foi feito em Bentwaters nesse período, com exceção de um objeto que parecia uma estrela, mas que foi posteriormente identificado como sendo o planeta Marte.

Às 22h55, um alvo foi detectado aproximando-se de Bentwaters vindo do leste em uma velocidade estimada em torno de 3.000 a 6.000 km/h. Desvaneceu-se do espaço quando passou sobre a base e reapareceu no oeste.

O piloto de um C-47 a 4.000 metros sobre Bentwaters informou que uma luz semelhante havia passado por baixo de sua aeronave. A essa altura, Bentwaters alertou a Base Lakenheath da RAF, 40 km a noroeste, para localizar os alvos. O pessoal em Lakenheath fez avistamentos de vários objetos luminosos, incluindo dois que chegaram, fizeram uma mudança acentuada no curso e apareceram para se fundirem antes de partir.

O último a avistar os objetos foi Forrest Perkins, que era o supervisor do radar no Centro de Controle de Tráfego Aéreo de Lakenheath e que descreveu seu relato diretamente ao Relatório Condon, em 1968. Perkins alegou que dois interceptadores De Havilland Venom DH 112 foram direcionados a um dos objetos. O piloto do primeiro Venom alcançou o objeto, mas então percebeu que o alvo manobrou atrás dele, perseguindo a aeronave por um período de cerca de 10 minutos, apesar de o último tomar ação evasiva violenta; Perkins disse que o piloto estava “*preocupado, agitado e igualmente consideravelmente assustado*”. O segundo Venom foi forçado a retornar à sua estação de repouso devido a problemas de motor; Perkins afirmou que o alvo permaneceu nas telas dos radares por um curto período antes de sair em rumo ao norte.

No final dos anos 1970, um artigo a respeito, intitulado “*The UFO Conspiracy*”, na revista britânica *Sunday Times* de autoria do já mencionado cético Ian William Ridpath, produziu mais testemunhas. O tenente de vôo Freddie Wimbledon escreveu ao *Sunday Times* em 19 de março de 1978 contestando a declaração de Ridpath de que o incidente fora efetivamente explicado por Klass. Wimbledon tinha sido o controlador de radar de plantão na base de Neatishead na época dos avistamentos. Apesar de sua concordância com Perkins em alguns detalhes, incluindo a aeronave Venom sendo aparentemente perseguida pelo objeto, ele afirmou que tinha sido, de fato, a sua equipe que dirigiu os dois Venom para a interceptação.

Quatro pesquisadores britânicos, David Clarke, Andy Roberts, Martin Shough e Jenny Randles, realizaram um estudo que indicou que o incidente, ou incidentes, era muito mais complexo do que o Relatório Condon havia sugerido. Mais significativamente, as tripulações originalmente envolvidas no incidente foram localizadas e entrevistadas. As tripulações disseram que as aeronaves decolaram às 2h e às 2h40 em 14 de agosto – cerca de duas horas depois das interceptações alegadas por Wimbledon e Perkins. Em contraste com os relatórios fornecidos na mensagem original de teletipo classificada e nos depoimentos de Wimbledon e Perkins, as tripulações de ambos declararam que os contatos de radar obtidos não eram impressionantes e que não havia “cauda” ou qualquer ação por parte do alvo. Eles também afirmaram que nenhum contato visual foi feito. O primeiro piloto, Chambers, comentou que *“meu sentimento é de que não havia nada lá, foi um tipo de erro”*, enquanto Ivan Logan, o segundo navegador do Venom, afirmou que *“tudo o que vimos foi um erro que indicava um alvo estacionário”*. Na ocasião, o Esquadrão 23 inferiu que o contato do radar não tivesse sido nada mais do que um balão meteorológico.

Para agregar à natureza contraditória das entrevistas, outra equipe de Venom foi rastreada e disse que as naves tinham decolado muito mais cedo naquela noite. Os pilotos Leslie Arthur e Grahame Scofield não foram informados sobre a natureza do seu alvo e foram obrigados a retornar à base depois que os tanques de combustível da aeronave não funcionaram; Scofield lembrou-se de ouvir as comunicações de rádio dos pilotos interceptantes enquanto voltava a Waterbeach mais tarde. O relato de Scofield sobre as transmissões de rádio ouvidas é compatível, de forma enigmática, com os de Wimbledon e Perkins.

A nova pesquisa, além disso, revelou que o comandante, A. N. Davis, também havia sido orientado a investigar o objeto enquanto voava em um Venom. Como a interceptação do objeto teria ocorrido ao mesmo tempo em que a descrita por Wimbledon e Perkins, sugeriu-se que Davis e o outro piloto eram os dois descritos em seus relatos.

REFERÊNCIAS

BRUNI, Georgina. *You Can't Tell the People: The Definitive Account of the Rendlesham Forest UFO*. London: Pan Macmillan, 2001.

FAWCETT, Lawrence & GREENWOOD, Barry J. *Clear Intent: The Government Coverup of the UFO Experience*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

HALT, Charles & HANSON, John. *The Halt Perspective*. Haunted Skies Publishing, 2016.

RANGLES, Jenny. *Sky Crash: A Cosmic Conspiracy*. Sudbury, Suffolk: Neville Spearman, 1984.

A COMPROVAÇÃO DE VIDA INTELIGENTE EM OUTROS PLANETAS E O IMPACTO NAS RELIGIÕES E NA CIÊNCIA

MARCO AURÉLIO GOMES VEADO

RESUMO

Há muita resistência das religiões e da ciência mais ortodoxa em admitir a possibilidade de que exista vida inteligente como a nossa em outros pontos do Universo. Para as religiões, essa descoberta impactaria o papel “exclusivo” que tradicionalmente elas acreditam que foi atribuído aos seres humanos por um Ser Supremo. A ciência, por sua vez, até admite que microrganismos alienígenas existam, mas vê com ceticismo a hipótese de que seres de outros planetas possam transpor distâncias imensuráveis do espaço para visitar a Terra. Há setores que refutam de forma tão veemente a hipótese alienígena que provavelmente desacreditariam mesmo se um ser de outro planeta fizesse um discurso oficial na ONU. Setores da ufologia menos preocupados em conhecimento também devem ser impactados pela revelação da vida alienígena. A crença é um dos principais obstáculos para a prática de uma ufologia consciente. Ao longo da história, percebe-se que a tecnologia foi o meio mais eficaz de modificar crenças equivocadas. A ufologia não deve tentar suplantar a ciência, mas usar os seus métodos para validar os resultados, apresentados de maneira compreensível aos leigos.

PALAVRAS-CHAVE

Ufologia. Ciência. Religião. Crenças.

SOBRE O AUTOR



MARCO AURÉLIO GOMES VEADO é escritor, tradutor e membro da Academia de Letras de Formiga/MG.

Também é autor dos blogs:

PENSE MAIS VERDE: <https://usegreenco.com.br/blogs/pense-mais-verde>

THINK GREEN: <https://usegreenco.com/blogs/think-green?page=1>

PENSAMENTOS MARCORELIANOS:
<https://pensamentosmarcorelianos.wordpress.com/>

FORMIGA E SEUS CAUSOS: <https://formigaseuscausos.wordpress.com/>

IDENTIFICADO!: <https://identificadoladob.wordpress.com/>

IDENTIFIED!: <https://identifiedsideb.wordpress.com/>

Contato: marcoaurelio@usegreenco.com

RESISTÊNCIAS E MUDANÇAS

Existem resistências, até certo ponto, inquebrantáveis com relação à vida pensante – como a nossa – em outros planetas. As religiões mais tradicionais têm sua maneira velada de comentar sobre a vida extraterrestre. Jamais o fazem de maneira clara e aberta, sob pena de “perderem os clientes”, porque, se admitirem os extraterrestres, o ser humano perderá a sua exclusividade com o decantado Ser Supremo.

Por outro lado, a ciência ortodoxa ainda refuta a possibilidade dos extraterrestres pensantes, pois não consegue conceber uma vida igual a nossa em outros planetas – pelo menos, perto de nós. Para a maioria dos cientistas, poderiam existir, sim, apenas microrganismos. Seres inteligentes viajando distâncias imensuráveis “apenas” para visitar o nosso planeta seria algo distante da realidade, segundo pressupõe a maioria dos cientistas ortodoxos. Esquecem, porém, que não necessariamente a constituição orgânica dos alienígenas teria que ser a mesma dos terráqueos. E por aí vai.

Obviamente, existe o lado positivo dos frutos a serem colhidos com a presença oficial de extraterrestres no planeta. Isso, claro, se pensarmos pela tecnologia avançada que os extraterrestres poderiam legar à humanidade. Mas talvez só isso, pois pregar o amor e a boa vontade, como poderiam igualmente fazer esses seres, seria repetir uma retórica milenar que, convenhamos, jamais foi seguida pela maioria.

O sustento das religiões é, como todos sabem, a crença ou a fé depositada em um ser todo poderoso (antropomórfico ou não) que estaria “vigiando” cada um de nós com mão de ferro e olhos onipotentes.

Quem se desviar do caminho será devidamente castigado. Uma rédea curta que até funciona. Melhor do que nada, senão a desordem seria ainda maior. A descoberta da vida pensante em outros planetas, porém, representará uma mudança drástica de crenças, valores, posturas, comportamentos e, para reforçar a palavra da moda, “paradigmas”, com consequências que seriam quase desastrosas para a humanidade.

Paradoxalmente, isso também se pode vaticinar com relação à ciência ortodoxa. Como mencionado, existem setores cujos cientistas refutam veementemente a possibilidade de vida inteligente como a nossa em outros pontos do Universo. O radicalismo é tanto que eles seriam capazes de refutar até mesmo se vissem, em cores e ao vivo, um ser extraplanetário fazendo o seu primeiro discurso na ONU.

Essa incoerência merece um exemplo. É o caso do fenômeno conhecido como “visão remota”. Para quem não está familiarizado com o assunto, trata-se do indivíduo que consegue “enxergar” à distância, sem sair do lugar, apenas tendo consigo as coordenadas do seu “alvo”. O problema é que a visão remota começou a ser tratada como um fenômeno paranormal, coisa que não é, pois qualquer um é capaz de utilizá-la, desde que, é claro, siga os protocolos para tal. Recomendo uma pesquisa para quem deseja conhecer e entender melhor sobre o tema.

Já existem escolas especializadas que ensinam a visão remota, habilidade – adormecida – que, como dito, qualquer um possui. A ciência ortodoxa, contudo, contesta a realidade da visão remota, embora existam inúmeras provas registradas, principalmente na época da Guerra Fria, quando o a CIA e a KGB se digladiavam em busca da captação de informações cruciais, por serem altamente secretas.

Em síntese, os religiosos mais conservadores, diante da aparição de um extraterrestre discursando à humanidade, iriam dizer que se trataria de um demônio travestido de humano, ao passo que os cientistas ortodoxos, certamente, especulariam que se trataria de um engodo monumental, nada mais do que um humano que se diria habitante de outros mundos.

Por outro lado, os conspiradores de plantão se dividiriam entre contar vitória ou não. Os que imaginavam os extraterrestres com boas intenções iriam se vangloriar, mas os que profetizam o fim dos tempos ficariam frustrados após tomarem conhecimento dos objetivos pacíficos e solidários da entidade do outro mundo.



ACERVO DO AUTOR

E QUANDO OS ALIENS ESTIVEREM ENTRE NÓS?

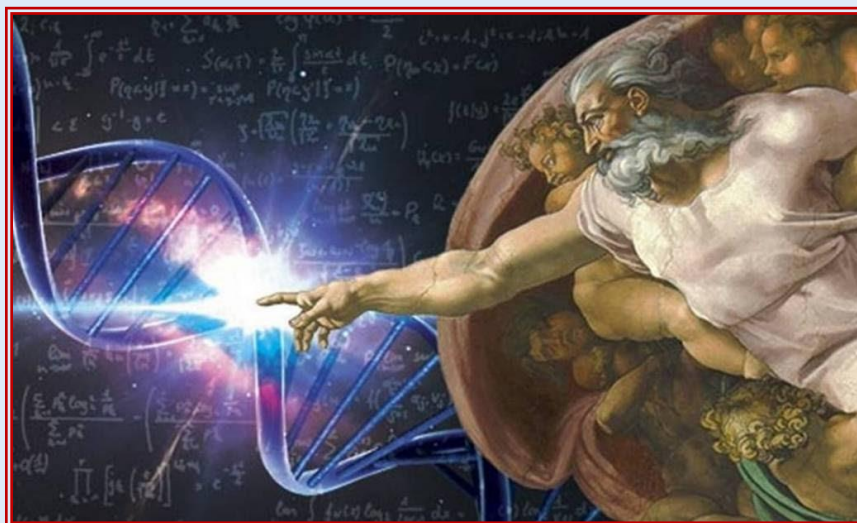
E como a ufologia procederia? No caso da ufologia, poderia ser feita uma distinção. Aquela ala que trata o assunto de maneira séria e coerente não ficaria alarmada com o evento. Mas o contrário iria acontecer com aqueles setores que tratam a ufologia como se fosse uma religião.

Os próprios “fabricantes de notícias falsas” na ufologia também sofreriam um impacto e perderiam seu quinhão de fazer dinheiro à custa da credulidade das pessoas incautas.

A ufologia começou a ficar decadente a partir do momento em que passou a ser encarada como um meio de ganhar dinheiro. Mas quando ela é tratada como uma pesquisa séria, a presença oficial de um alienígena na Terra seria comemorada aos quatros ventos.

Se encarada com seriedade e como estudo científico somente, a ufologia pode complementar a pesquisa em várias áreas, como astronomia, engenharia nuclear, mecânica, física, química, matemática, biologia e muitas outras afins às pesquisas.

Outro fator que corrompe os propósitos sérios da ufologia é a crença de que ela deve suplantar a ciência. Esse eterno embate, por sinal, é o maior entrave que emperra a evolução deste e de vários segmentos que exigem uma pesquisa séria e isenta. A crença, portanto, é um dos maiores obstáculos que impede a prática de uma ufologia consciente e sem as amarras do conservadorismo!



O GLOBO

CRENÇA X CIÊNCIA: UMA “BRIGA” ANTIGA

Platão, há 24 séculos, debatia com seus pupilos que uma opinião é apenas o fruto de uma consciência incerta confinada ao íntimo da pessoa e, portanto, sujeita a mudanças ou deturpações. Por outro lado, o conhecimento, para se cristalizar e perenizar, sempre será resultado de pesquisas fundamentadas no empirismo. A superstição, por sua vez, é a base de origem de toda crença que se cristalizou

Toda superstição é uma crença que se perpetua, geralmente, por causa do medo. Assim nascem as lendas e os mitos, tão comuns também na ufologia. O medo é um estímulo ou instinto inerente não somente ao ser humano, mas a qualquer ser vivo. Os animais e as plantas também possuem essa reação de autoproteção contra qualquer mal iminente.

Um exemplo interessante que pode ilustrar como é criada a superstição é o de um veado que tem pavor quando as folhas de uma árvore fazem barulho. Ele se sente ameaçado e tem medo de ser morto por um leão faminto. Por que isso acontece? As folhas das árvores fizeram barulho por causa do vento. O veado ouviu e logo depois viu um leão ameaçador. A partir de então, o veado sempre associou o barulho ao leão faminto. O evento vira superstição, fruto do medo.

Na ufologia, uma espécie de superstição é criada, por exemplo, quando se avista uma luzinha estranha no céu que, de repente, vira uma nave de outro planeta. Ninguém se dá ao trabalho de, primeiro, pesquisar se, naquele momento, o tráfego aéreo estava consistente com o objeto avistado, além de outros parâmetros meteorológicos que pudessem dar consistência científica ao avistamento.

SÓ A TECNOLOGIA PODE DERRUBAR A CRENÇA!

Copérnico foi acusado de heresia depois de anunciar que o Sol era o centro do sistema planetário e que a Terra girava em seu entorno. Ele deu início a um confronto explícito da ciência contra a crença. Além da perseguição que sofreu, ele foi duramente contestado por outros cientistas (provavelmente, aliados da igreja ou interessados na vida fácil, sendo que qualquer semelhança com os dias atuais não será mera coincidência). A teoria de Copérnico batia de frente com a teoria de Ptolomeu – apoiado pela Igreja –, que colocava a Terra como o centro do Sistema Solar.

E até hoje esse tipo de reação continua, pois aqueles que combatem os mitos e outras crenças, como no caso da ufologia, sofrem carga pesada de quem tem "outros" interesses. A melhor arma para derrubar esse mal é a tecnologia.

Foi o que aconteceu com Copérnico, o qual, mais tarde, seria perdoado pela Igreja, sob a alegação de que houve um “erro de interpretação”. Na verdade, o pedido de desculpas não seria possível se não fosse a invenção do telescópio, pois não havia como contestar o óbvio: os instrumentos demonstraram que as ideias de Copérnico procediam.

Qualquer teoria tem que, obrigatoriamente, passar pelo crivo científico antes de ser considerada um postulado definitivo e sem margem às especulações. Para alcançar esse crivo, uma teoria deve ser repetida mediante experimentos, feitos por cientistas diferentes, em ocasiões e locais igualmente distintos. Caso alcance então a unanimidade, a teoria se materializa como ciência credenciada.



CIO

O método científico tradicional é fundamental para o credenciamento de qualquer hipótese! A replicabilidade entre os pares assegura o resultado da experiência, evitando que se torne algo exclusivo a um determinado experimentador em um único local e em uma única ocasião. Ou seja, são necessárias condições controladas, a fim de eliminar a influência de fatores estranhos que possam prejudicar o resultado imparcial.

Modelo idêntico deveria ser “replicado” na ufologia quando fosse discutido algum assunto menos complicado, exatamente para se poder chegar à compreensão das pessoas leigas. Por sinal, qualquer pesquisa ou experimento que queira chegar a todas as camadas da população deve ser simples. Em outras palavras, "quanto menor a complicação, com mais facilidade será obtido o resultado esperado".

DESCOMPLICANDO

Obviamente, certos assuntos ligados à ufologia são difíceis de simplificar, dada a sua complexidade, o que também acontece em outras áreas do conhecimento. Mas, geralmente, quando existe simplicidade na explicação, o seu entendimento é, evidentemente, mais fácil.

Isto é, quanto menos forem os questionamentos e as dúvidas, mais rápida será a sua difusão e menor a chance de haver deturpação das informações.

Essa “descomplicação” faz lembrar da “Navalha de Ockham”, princípio criado pelo filósofo Guilherme de Ockham, no século XIV. O princípio da "Navalha de Ockham" sustenta que entidades teóricas não devem ser multiplicadas sem necessidade. Teorias complicadas, de difícil entendimento, podem ser deixadas de lado, mas, se elas forem explicadas de forma simples e direta, seu resultado irá aumentar as chances de sucesso, porque seu alcance será mais amplo.

Grandes descobertas e inventos nunca teriam sido realizados se não tivessem sido, antes, teorizados de forma simples e direta. Muitas vezes, a crença supera a ciência porque é muito mais cômodo acreditar no que foi já dito ou pregado – mesmo sem provas – do que ter que fazer ginásticas mentais para decifrar um teorema complicado. Então, quando a teoria é fácil de entender, o comodismo peculiar do crente não vai prevalecer.

Muitas credices podem envolver elementos de “desonestidade” na reunião de provas ou em uma falha lógica na resposta a problemas teóricos. Falsificar provas, forjando um fenômeno, infelizmente, virou prática corriqueira dos “montadores de mentiras”.

A única forma de evitar práticas perniciosas como a montagem de eventos ufológicos de qualquer natureza é, antes de tudo, respeitar os pré-requisitos da metodologia científica, isto é, acatar a lógica que espreita o evento.



RIO EXPERT

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a Ufologia só terá pleno sucesso depois que a ciência suplantar a crença, e não ao contrário. Certamente, se um extraterrestre resolvesse “dar as caras” oficialmente à humanidade ele só o faria se as pesquisas ufológicas – dentre outras situações – estivessem nesse ponto. Caso contrário, obviamente, ele iria preferir continuar no seu planeta, porque tentar "corrigir" a Terra é, praticamente, impossível a essa altura dos acontecimentos.

Aguardemos o porvir...

**A ABDUÇÃO DO PROFETA ELIAS:
AS CARRUAGENS DE FOGO**

BËN MÄHREN QADËSH

RESUMO

O texto bíblico narra o episódio em que o Profeta Elias teve uma experiência com carruagens de fogo e foi levado aos céus em um redemoinho. Embora esse relato seja frequentemente utilizado para atestar que as abduções alienígenas já ocorriam nos tempos bíblicos, geralmente não são apresentadas outras explicações e evidências para o fenômeno além da mera tradução dos textos sagrados. Existe, contudo, um meio de atestar de forma mais fidedigna a veracidade desse relato, isto é, a partir de suas evidências criptológicas. Trata-se do que se entende por “criptoufologia”, ciência que analisa fenômenos encriptados e os relaciona com fenômenos ufológicos, além de decodificar mensagens de civilizações extraterrestres. Na experiência do Profeta Elias, a análise criptoufológica revela que ele foi abduzido por um aparato físico extremamente brilhante, em um feixe de energia. Além disso, constatou-se, em intervalos equidistantes, o uso do termo hebreu para UFO, característica cuja explicação não parece ter sido o mero acaso. Questões como o corpo bioluminoso de Elias e as carruagens de Eliseu também são analisadas sob a ótica da criptoufologia, que se mostra hábil para desvendar mistérios ufológicos nas narrativas bíblicas.

PALAVRAS-CHAVE

Criptologia. Criptoufologia. Abduções bíblicas.

SOBRE O AUTOR



BËN MÄHREN QADËSH (PAULO SERGIO BATALINI) é Embaixador Universal da Paz (Diplomado – França/Suíça), Criptoanalista hebreu, Especialista em Ufocriptologia, Consultor da Revista UFO.

Contatos:

fenomenoufo538@gmail.com

ufologiaqabalistica@gmail.com

www.shaonhourglass.com

O TEXTO E SEUS MISTÉRIOS

“E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que uma carruagem de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho”.

“Va'yehi hemáh holchim haloch ve'daber, hinêh rakav-êsh ve'susei êsh, va'yapridú ben sheneihem, va'ya'al eliahu, ba'se'ará, ha'shamayim”.

וַיְהִי הַמָּחָה הַלְכִים הַלֹּךְ וְדַבֵּר וְהִנֵּה רֶכֶב-אֵשׁ וְסוּסֵי אֵשׁ

וַיַּפְרִדוּ בֵּין שְׁנֵיהֶם וַיַּעַל אֱלִיהוּ בַּסַּעֲרָה הַשָּׁמַיִם:

II° Reis 2 verso 11

O que abduziu o Profeta Elias aos céus? Essa carruagem de fogo era um aparato físico ou meramente espiritual?

Não é possível responder à questão ufológica usando textos traduzidos da Bíblia. A resposta sobre se determinados eventos narrados na Bíblia foram ou não episódios ufológicos somente pode ser conhecida pela Criptologia, mais especificamente pela Criptoufologia. Qualquer pessoa que tente responder a essa questão usando excertos traduzidos produzirá uma interpretação imperfeita e favorecerá uma consciência defeituosa sobre essa tão importante questão. Mas o que é a Criptoufologia?

“Criptoufologia: Ciência que trata da busca de descoberta de fenômenos encriptados e sua análise com fim de produzir evidências sobre os fenômenos ufológicos e ou decodificar mensagens deixadas por civilizações extraterrestres.”

Vamos iniciar nossa investigação pelo termo hebraico usado no verso original e que foi traduzido para “carruagem”. É o termo "rakav (bkr)", que indica uma máquina física. Um exemplo que podemos usar é o do trem, um meio de transporte para o qual hoje, no hebraico moderno, é usado o termo “rokevét (רִכְבֵּת) – uma máquina física de transporte”.



Claro que essa máquina física poderia ser também um ser biológico, como uma Ophan (אופַן), mas não o foi, pois o termo não foi usado no verso como o foi em Ezequiel capítulo 1º.

וְאֵרָא חֲסִיּוֹת וְהִנֵּה אֹפָן אֶחָד בְּאָרְץ אֶצֶל חֲסִיּוֹת לְאַרְבַּעַת פָּנָיו:

Também não foi uma carruagem espiritual, pois não encontramos no passuq (verso) a palavra Merkavah (מֵרְכָבָה), como em 2º Samuel 15, versículo primeiro:

וַיְהִי מֵאַחֲרָי בֶן וַיַּעַשׂ לוֹ אֲבִשָׁלוּם מֵרְכָבָה וְסָסִים וְחֲמֹשִׁים אִישׁ רִצִּים לְפָנָיו:

Fica evidente que Elias foi abduzido por um aparato físico chamado de Rakav-Êsh, cuja gematria (criptonumerologia) é 523, o mesmo valor de "Meir Nehorai (מֵאִיר נְהוֹרָאִי)", que pode ser compreendido esotericamente como algo "extremamente luminoso". Além disso, Nehorai foi um Taná (sábio) citado no Talmude e no Zôhar como um dos que tiveram um contato imediato de 3º grau com uma civilização extraterrestre submarina.

O Zôhar é obra fundamental na literatura do pensamento místico judeu conhecido como Cabala, sendo o livro secreto do Profeta Daniel mencionado no capítulo 12, versículo 3, e que ele escondeu. Rabi Shimeon Bar Yochai foi quem o descobriu escondido em uma caverna em Pella.

O Rabino Nehorai teve contato com seres de estatura mediana subaquática. Ele foi levado, depois que seu barco naufragou, a uma cidade construída no fundo do oceano e, depois de contemplá-la, foi devolvido à superfície. Evidente fica que Elias foi abduzido e elevado aos céus por uma carruagem extremamente brilhante em alguma espécie de "feixe de energia".

Por que usei a expressão "feixe de energia"? A palavra usada para redemoinho no original hebraico foi "searáh (סְעָרָה)". A numerologia hebraica de "se'arah" é 335, a mesma de "somech be'ór (סוּמַךְ בְּאוֹר)", que pode ser compreendido como "sustentado/amparado pela luz", ou seja, em algum feixe de energia.

Fica claro que o Profeta Elias foi abduzido por uma nave, carruagem de luz, e levado deste mundo. Existem muitas pessoas ditas "ufólogos" que usam este verso traduzido para afirmar isso, mas sem uma explicação consistente ou exposição de evidências ou apresentação de provas criptográficas. São apenas copiadores egóicos querendo aparecer como ufologistas.

A EVIDÊNCIA CRIPTOGRÁFICA

Dentro do Capítulo 2º de Melachim Beit (מְלָכִים), descobri, a cada sete intervalos equidistantes (SAEs, ou seja, saltos alfabéticos de igual distância), o termo hebreu para UFO/OVNI, ou *FLYING SAUCER*, no inglês. Veja no verso abaixo:

וַיְהִי הַמָּה הַלְכִים הַלֹּזֶה וְדַבַּר וְהִנֵּה רֶכֶב-אֵשׁ וְסוּסֵי אֵשׁ
וַיִּפְרְדוּ בֵּין שְׁנֵיהֶם וַיַּעַל אֱלֹהֵיוּ בַּסַּעֲרָה הַשָּׁמַיִם:

O termo está codificado nas palavras "va'ya'al (וַיַּעַל)", be'se'ará (בַּסַּעֲרָה) e ha'shamayim (הַשָּׁמַיִם)", ou seja, a letra "Ayin (ע)" de "va'ya'al (וַיַּעַל)", a letra "veit (ב)" de "ba'se'ará (בַּסַּעֲרָה)" e, finalmente, a letra "Mem (מ)" de "shamayim (הַשָּׁמַיִם)". Juntando essas três palavras, temos: "va'ya'al (e elevou-o/ascencionou-o)" – "ba'se'ará (num redemoinho)" – “ha'shamayim (aos céus)" e as letras mencionadas dentro destas palavras se juntam para revelar OVNI/UFO (עב"ם). Isto é tão verdadeiro que, em um enigmático verso em Deuteronômio, encontramos o termo plural hebraico para UFOs. Segue abaixo:

“Ein ka’Ēl Yeshurun rokév shamayim be’ezrêcha u’vê’gavatô shechakim”.

אֵין כְּאֵל יִשְׁרוּן רֶכֶב שָׁמַיִם כְּעִזְרְךָ וּבְגֹאֲוָתוֹ שְׁחָקִים:

“Não há como D’us de Yeshurun que cavalga os céus para te auxiliar com sua sapiência em shechakim”.

Deuteronômio 33:26

Dentro deste verso, junto com o termo “céus” temos criptografado “OVNIs”. Sobre esse mistério e evidência ufológica explanarei em capítulo apropriado.

Fica evidente então que, sem dúvida alguma, Elias foi abduzido por um UNIDENTIFIED FLYING OBJECT (UFO).

Acima de tudo, perguntamos: qual a possibilidade de o termo hebraico para UFO (עב"ם) estar codificado nas palavras "e ascendeu num redemoinho aos céus", por acaso ou permitido pela lei do randomismo?

וַיְהִי הַמָּטָה הַלְּכִים הַלּוֹךְ וְדָבַר וְהִנֵּה רֶכֶב-אֵשׁ וְסוּסֵי אֵשׁ
וַיִּפְרְדוּ בֵּין שְׁנֵיהֶם וַיַּעַל אֱלֹהֵינוּ בַּסַּעֲרָה הַשְּׁמַיִם:

עב"ם

A resposta seria a mesma para um problema estatístico, como o de estar andando na rua e encontrar na calçada uma pilha de moedas, dez, para ser mais exato, uma sobre a outra, e questionar, por exemplo, qual a possibilidade de terem caído de um bolso furado e formado uma pilha.

A Criptologia da QABALAH é a maior ferramenta que nos foi dada para descobrirmos os mistérios por trás das palavras do TANA'K (acrônimo de Torá, Profetas e Escritos).

O código também diz que esse Objeto Voador Não Identificado retornou para o Portão (*Stargate*) com as palavras hebraicas "Shuv be'Sha'ar (שוב ב"שער)".

O TRAJE BIOLUMINOSO DE ELIAS

No final, Elias ganhou um traje luminoso, conforme revelado pelo Zôhar quando diz que Eliahu tem dois corpos, um com o qual é visto abaixo, entre os humanos (carne e ossos), e outro com o qual é visto acima, pelos seres angélicos (luminoso). Eu já havia publicado sobre este mistério. no artigo "O traje bioluminoso de Elias" (disponível em <<http://comunidadedodeserto.blogspot.com.br/2013/08/o-traje-bio-luminoso-de-elias.html>>).

Passados alguns meses da publicação desse artigo sobre a abdução do Profeta Elias, descobri, estudando o Sha'ar ha'Guilgulim (Portão Das Reencarnações, compilado e publicado em 1613 por Samuel Vital, filho do rabino Chaim Vital), uma enigmática citação sobre os corpos de Elias. Ela:

"Rabi Shimeon Bar Yochai, disse: "Eu descobri um segredo no LIVRO DE ADÃO (Sipra d'Adam Qadmaá she'nathan lo Raziel há'Malach, sendo Raziel um príncipe alienígena que ensinou a Adão os segredos divinos no Jardim do Éden), o primeiro homem, que dizia: Entre os descendentes que devem surgir no mundo haverá um certo Ruach (Espírito) que descerá para o mundo sobre a terra, e que deve se revestir dentro de um corpo – seu nome é Eliahu. E com este corpo ele deixará o mundo. E ele deverá se despir de seu corpo e permanecer em um redemoinho (se'ará), e um outro corpo de luz ele deve adquirir para residir entre os anjos (seres de outros mundos e universos). Quando ele descer a este mundo, ele deve se revestir com aquele corpo que permaneceu ali, ou seja, no redemoinho, e deverá ser visto com ele".

Rabi Shimeon continua sua explanação, dizendo: *"Quem ascendeu aos céus"* – este é Elias – *"e desceu"* – este é Jonas, que foi engolido pelo Grande Peixe e levado para o abismo profundo do oceano.

Sobre o mistério de Jonas e o Grande Peixe que o abduziu e o levou as profundezas do oceano, irei discorrer em publicações futuras.

O que nós compreendemos deste mistério citado por Rabi Shimeon? Que existe um lugar secreto onde o corpo de Elias permanece em animação suspensa e preservado da deterioração e quando Elias desce ao mundo e toma esse corpo ele é chamado Jonas. Vejam como o mistério de Jonas se liga com o mistério de Elias. Os dois foram abduzidos.

Outra questão que nos vem à mente é a de que este vórtice/redemoinho/tempestade (hrvs) é um vórtice contínuo, porque mantém preservado da morte e deterioração o corpo do Profeta, ou seja, mantém-no vivo dentro do vórtice. Uau, que mistério.

Agora, é tão verdadeiro que Elias e Jonas são um e o mesmo que encontramos este segredo na própria narrativa do Livro de Jonas. No capítulo 2º no 2º passuq (versículo), lemos:

"E orou Jonas ao SENHOR, seu Deus, das entranhas do peixe".

Jonas 2:2 (Hebraico)

Dentro do verso no original hebraico, o que descobrimos ao investigá-lo? Os nomes de Jonas (Yonáh) e Elias (Eliahu) juntos, conectados. Veja abaixo:

"Vai tefalël Yonáh el Adonai Elohaiv mimey, ha'dagáh".

וַיִּתְפַּלֵּל יוֹנָה אֶל־יְהוָה אֱלֹהָיו מִמֶּשֶׁתְּ הַדָּגָה׃

Yonáh 2:2

Destacado e clareado dentro do verso, temos "Yonáh-Eliahu (יוֹנָה אֶל־יְהוָה אֱלֹהָיו)", preservando as vogais originais, sendo que Eliahu está com suas letras em outra ordem, bastando serem permutadas. Se olharmos de outro modo, através do "Skip Code" (Saltos Alfabéticos), veremos isto claramente.

A conclusão é que ambos, tanto Elias como Jonas, foram abduzidos por máquinas alienígenas e “intramares”, além de possuírem o mesmo corpo e a mesma alma.

OS DOIS ELIAS

Um foi o Elias que subiu, cujo corpo permanece no vórtice, que foi vestido em um traje de luz para poder estar entre os seres dos céus, que se chama Eliahu ha'tishbi (אֱלִיהוּ הַתִּשְׁבִּי) – o Elias que retorna – e que era da Tribo de Gad, e o outro foi o que ficou e se chama Eliahu de Benjamim, mencionado no versículo 27 de Devarei ha'Iamim (1º Crônicas), capítulo 8.

Um encontrou descanso na caverna no Monte Horeb (Sinai) – a montanha que foi palco do maior evento ufológico já testemunhado, até que ele subiu em um vórtice de tempestade para o Céu (feixe de energia). Este foi Elijah, o Tishbita, da tribo de Gad, o que ascendeu ao Céu e não descendeu novamente. No entanto, o Elias da tribo de Benjamim reencarnou-se no mencionado no versículo: "Jaareshia, Elias e Zichri eram filhos de Jeroham" (Crônicas 8:27). Mais tarde, quando ele morreu, subiu para se juntar ao Elias que havia ascendido.

E é o Elijah da tribo de Benjamim que ascende e descende constantemente para realizar milagres pelos justos e falar com eles (Shaar Ruach ha'Qodesh). É esse Elias que foi transformado no ser angélico chamado Sandalfon, cuja representação ficava sobre a Arca da Aliança na forma de um Qeruv, junto com Metatron (Enoch), outro que foi abduzido e vestido com as vestes angélicas (traje de luz) de Metatron.

AS CARRUAGENS DE ELISEU

O profeta Elias foi abduzido deixando para trás seu principal discípulo: o Profeta Eliseu.

Em um evento claramente ufológico, Elisha (Eliseu) pede a D'us que abra os olhos do seu servo para que ele veja as “Carruagens dos Deuses” que estavam ao redor deles cercando o acampamento:

"E orou Eliseu, e disse: Adonai, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E Adonai abriu os olhos do jovem, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, ao redor de Eliseu".

וַיִּתְפַּלֵּל אֵלִישָׁע יֹאמֵר יְהוָה פָּקַח־נָא אֶת־עֵינַי וַיִּרְאֶה וַיִּפְקַח יְהוָה אֶת־

עֵינָיו הַנֶּעֱרַר וַיִּרְא וְהִנֵּה הָהָר מְלֵא סוּסִים וְרֶכֶב אֵשׁ סָבִיבַת אֵלָיוֹעַ:

II° Reis 6:17

O que eram esses cavalos e carruagens de fogo? Este é um episódio semelhante ao "rapto" do profeta Elias, sendo que Elishá (Eliseu) foi discípulo de Eliahu Ha'Novi.

Aparições de OVNI's têm sido relatadas sobre os céus da Terra Santa deste a antiguidade e, atualmente, com o uso de câmeras e *smartphones*, muitos desses avistamentos têm sido testemunhados.

Recentemente, o periódico Maariv, um jornal israelense em língua hebraica, publicou o testemunho de uma destas aparições.



BLOGGER

No artigo publicado no Maariv, o repórter Yossi Eli trata da aparição de "OVNIs sobre o Muro Ocidental" e também de dois videoclipes que mostram luzes estranhas que se deslocam nos céus da capital de Israel.

Já demostrei com evidência criptográfica que esses cavalos e carruagens de fogo são UFOs (עצם בלתי מזוהה) e que o acróstico hebraico (עב"ם), equivalente ao inglês, está escondido dentro do passuq (versículo) que narra a abdução de Eliahu nas palavras "va'ia'al (וַיַּעַל) – “e o levitou” –, ba'seará (בַּסְּעָרָה) – “no vórtice” – e ha'shamyim (הַשָּׁמַיִם) – “aos céus” (IIº Reis 2:11). A cada sete letras (saltos equidistantes) a partir da letra "ayin (ע)" de "va'ia'al (וַיַּעַל)", nós descobrimos criptografado "UFO (עב"ם)".

No evento com Eliseu, o mesmo “notarikon” (método de criptografia hebraica de derivar uma palavra, usando cada uma de suas letras iniciais – “roshei teivot” – ou finais – “sofei teivot” –, semelhante ao que conhecemos como acrônimo) também está criptografado dentro do verso que narra a aparição dos cavalos e carruagens de fogo, dentro das palavras "sussim (סוּסִים) – “cavalos” –, “sevivót” (סְבִיבֹת) – “ao redor” – e Elisha (אֵלִישָׁע) – “Eliseu”.

As letras "mem sofit (מ)" de "sussim", o "veit (ב)" de "sevivot" e a letra "ayin (ע)" de Elisha se juntam para formar "UFO (עב"ם)".

No episódio de Eliahu (Elias), o criptograma surge no sentido da direita para a esquerda (עב"ם), com um intervalo equidistante de sete em sete letras e, no caso de Elisha (Eliseu), ele está no sentido inverso, da esquerda para a direita (עב"ם), com um intervalo equidistante de oito em oito letras. Qual o mistério dessa inversão? No caso de Elias, teria o UFO vindo de um passado ou dimensão alternativa, passado para o presente desta realidade e por isso o código estaria da direita para a esquerda? E teria o UFO de Eliseu vindo de um futuro ou dimensão alternativa para esta nossa realidade? Aqui, nós só podemos especular mesmo, uma vez que ainda não descobrimos elementos para teorizar a partir de criptoevidências.

Pode-se questionar ainda que, em ambos os episódios, não foi visto apenas um cavalo e uma carruagem de fogo, mas "cavalos" e "carruagens". Nas aparições verídicas, em sua maioria, grandes UFOs sempre são vistos com "objetos" menores ao seu redor. Isso não é novo, mas vem ocorrendo desde os primórdios dos tempos.

A criptoufologia é a ferramenta perfeita para evidenciarmos verdadeiros episódios de aparições e abduções, porque, em cada evento, impressões ou assinaturas são deixadas para comprovarmos se tais aparições e abduções são verdadeiras ou não.

**LALIBELA: O REI USADO POR UM
PROJETO DE ENGENHARIA SOCIAL ALIENÍGENA**

RUDINEI CAMPRA

RESUMO

Entre as estruturas construídas por civilizações antigas e que foram preservadas até os dias de hoje, existem aquelas de pedra talhada com centenas de toneladas, trabalhadas de tal forma que seria impossível reproduzi-las mesmo com o atual nível tecnológico. A complexidade de tais estruturas sugere o uso de uma tecnologia superior à nossa. Há pelo menos algumas décadas, argumenta-se que civilizações antigas podem ter tido o auxílio de alienígenas para tais empreitadas. Um dos argumentos que são usados por tradicionalistas para refutar a hipótese alienígena é de que não existiriam registros escritos sobre a construção de tais estruturas. Na Etiópia, contudo, há onze igrejas lapidadas em pedra que foram construídas na Idade Média e que, além de desafiarem o conhecimento moderno, contam com um relato manuscrito em que é narrada a sua construção. O relato indica que o rei Lalibela contou com a milagrosa ajuda de “anjos” para concluir a sua obra. Uma série de paralelos pode ser feita entre esse evento e a literatura ufológica. Ao que parece, houve ali a tentativa de implantar projeto alienígena de engenharia social de humanos, mas que, por motivos incertos, parece não ter tido o êxito que se esperava.

PALAVRAS-CHAVE

Alienígenas antigos. Igrejas de pedra de Lalibela. Engenharia social.

SOBRE O AUTOR



RUDINEI CAMPRA é professor e tradutor de francês. Já colaborou com a Revista UFO e com o pesquisador Sérgio Russo. É cofundador do PATOVNI, primeiro coordenador e atual diretor cultural do grupo. Pioneiro na arte ufológica com dezenas de quadros sobre o tema.

“Vivemos na superfície de um planeta que nunca nos pertenceu e não temos a menor ideia de qual seja o nosso real propósito aqui”.

Contato com o autor: leio@hotmail.com

TEMPOS ANTIGOS

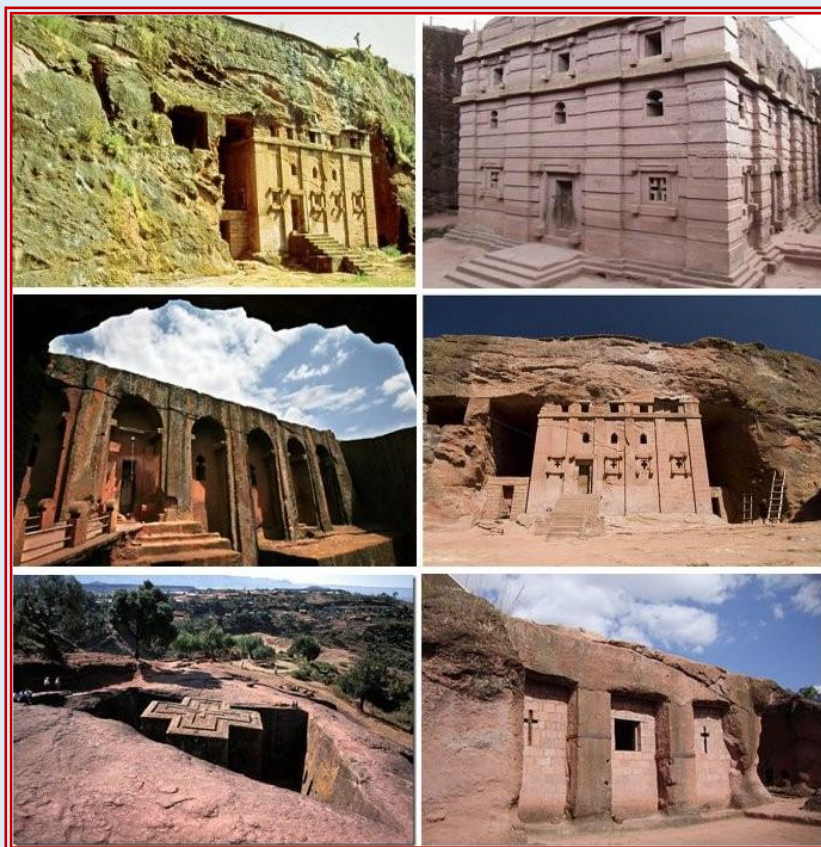
Sabe-se que muitas antigas civilizações humanas foram capazes de feitos notáveis, realizando obras grandiosas cuja execução não é entendida, e muito menos reproduzida, mesmo com as tecnologias modernas. Com o passar do tempo, e conforme novas evidências surgiam, tornou-se aceitável a teoria de que esses povos receberam, em algum momento do passado, a visita de seres do espaço que os ajudaram em suas empreitadas. Essa teoria se tornou bastante popular a partir da publicação de Däniken (1968), em que o autor cogitava, já a partir do título, se “Eram os deuses astronautas?”.

Como esses seres do espaço detinham uma tecnologia que em muito excedia a dos habitantes da Terra, e como esses não tinham o conhecimento científico necessário para entender a origem natural desses seres, em outros planetas do Universo, as antigas civilizações arrumaram explicações de cunho religioso para os eventos extraordinários que estavam presenciando. Em consequência, são feitas frequentes alusões a deuses e anjos que, em verdade, podiam ser “apenas” alienígenas com tecnologias superiores. Na verdade, é possível que os próprios alienígenas vissem como conveniente a criação de religiões na Terra, como forma de fixar regras para os humanos.

Embora frequentemente esses relatos digam respeito a eventos que teriam ocorrido milênios antes do nascimento de Cristo, também há casos na Idade Média que permitem, no mínimo, especular que tenha havido uma intervenção alienígena que, contudo, ganhou uma interpretação religiosa, a qual possivelmente era interessante aos propósitos dos seres do espaço.

IGREJAS MEDIEVAIS

Um caso notável com essas características é que o diz respeito às igrejas escavadas na rocha de Lalibela, na Etiópia. O sítio arqueológico de Lalibela conta com 11 igrejas lapidadas em pedra, por dentro e por fora. A sua história e magnificência não são ainda tão conhecidas como as obras das pirâmides do Egito, por exemplo, mas, ao se adentrar em seus detalhes, percebe-se que essas igrejas merecem toda a admiração da humanidade, além da atenção da comunidade ufológica, devido a detalhes sugestivos, a indicar que um projeto de engenharia social com os humanos esteve em curso. A construção dessas estruturas teve a sua história contada em um antigo manuscrito localizado no Museu Britânico e disponível na Gallica, a biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França (PERRUCHON, 1892).

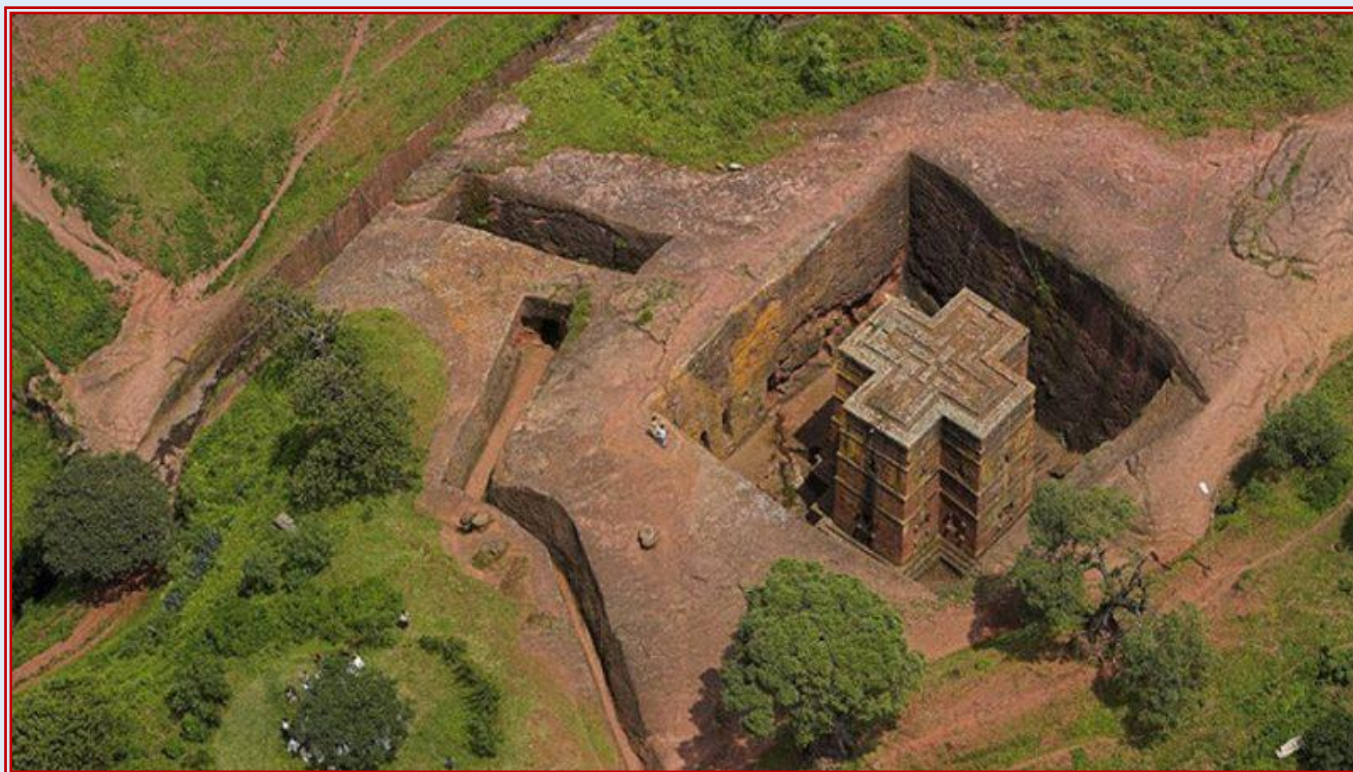


EPOCH TIMES

A construção foi conduzida pelo rei Lalibela. Durante o dia, cerca de 400 homens trabalhavam nas obras. Somente depois de 23 anos eles terminaram esse incrível empreendimento. Seria um desafio para a nossa humanidade, atualmente, reproduzir tal feito com esse número de pessoas e nesse espaço de tempo, mesmo utilizando o maquinário mais moderno.

O detalhe que chama a atenção aqui é que o manuscrito antigo relata que essa construção foi um “milagre”, sugerindo que, durante a noite, os próprios “anjos” trabalhavam, além de que essa obra teria sido feita para atrair pessoas para aquele lugar, que seria uma “Nova Jerusalém” cristã.

Mas, primeiramente, devemos conhecer melhor o conteúdo do manuscrito e a história do idealizador da obra. As pessoas com um mínimo de leitura ufológica perceberão similaridades com relatos contemporâneos.



EPOCH TIMES

REALEZA PROFETIZADA

O rei Lalibela nasceu século XII da era cristã em Roha (atualmente, Lalibela, na Etiópia). Como, ao nascer, a criança havia sido cercada por abelhas, a sua mãe lhe deu o nome de Lalibela, que significa “as abelhas reconheceram sua graça”. Esse evento ficou conhecido por todos daquele reino. Enquanto Lalibela crescia, o trono era ocupado pelo seu irmão Harbâye. A irmã por parte de pai de Lalibela chegou a tentar envenená-lo, mas um servo bebeu antes o veneno destinado a ele e morreu em seu lugar.

Sentindo-se culpado pela morte do servo, porém, Lalibela resolveu beber também a taça envenenada. Consta que sentiu febre, mas sobreviveu e viu em transe o que acreditou ser um anjo lhe levar para aquilo que julgou ser o céu. Lá, mostraram-lhe dez igrejas em pedra, de diferentes tamanhos e cores, e ele também viu diversos tipos de anjos e ambientes luminosos, além de ouvir sons estranhos e muito altos, que nunca tinha ouvido na vida.

Disseram a ele que seria rei e que em seu governo seriam construídas as dez igrejas que viu em transe. Em seguida, foi conduzido ao seu corpo novamente. Lalibela esteve fora do corpo por três dias. Consta que o seu funeral já estava sendo preparado, mas ninguém ousava tocar seu corpo, pois ainda estava quente. Ao despertar, seus servos disseram que ele havia “ressuscitado” após três dias, exatamente como Jesus Cristo, e o chamaram então de “Gabra Masqal”, isto é, “Servidor da Cruz”.

Sentindo-se maltratado por seu irmão, porém, Lalibela retirou-se para o deserto, onde um anjo apareceu e revelou que lhe seria enviada uma jovem, preparada para ele pelos anjos.

Ele tentou resistir, mas acabou aceitando. O pai da jovem sabia que a filha havia sido instruída por um anjo e concedeu a mão dela a Lalibela. Entretanto, Lalibela foi acusado de se casar com uma mulher prometida a outro.

Seu irmão (o rei) acreditava que ele queria destroná-lo e convocou Lalibela. Embora desconfiasse das intenções de seu irmão, Lalibela decidiu comparecer perante o rei. Lá, porém, foi castigado com golpes nas costas, mas sem sofrer nenhum mal, pois um anjo de luz havia descido e protegido Lalibela. Ao ver que ele nada havia sofrido, seu irmão o soltou.

Lalibela e sua esposa voltaram então ao deserto e, certa noite, estavam passando fome em uma caverna. Depois de pedirem a Deus, uma ave apareceu para os alimentar. Emissários do rei passaram a procurar o casal para matar os dois, mas o anjo Gabriel apareceu para avisá-los e os levou para um lugar no Oriente. A mulher de Lalibela deveria ficar lá protegida pelo anjo Miguel, enquanto Lalibela seria levado a Jerusalém.

Voltando de Jerusalém, Lalibela e sua mulher se reuniram com os anjos Gabriel e Miguel e falaram sobre a visita de Lalibela a Jerusalém e sobre sua missão de construir as igrejas de pedra na Etiópia. O casal, na verdade, havia tido a mesma visão, embora separados por centenas de quilômetros.

Os anjos levaram, em seguida, o casal até a Etiópia. Durante a noite, Jesus apareceu ao rei e mandou que entregasse o trono a Lalibela, para que ele construísse as igrejas em peças únicas de pedra. O rei deveria se dirigir até o local em que estava o seu irmão e lhe entregar o trono. Após dar essas orientações, Jesus desapareceu.



EPOCH TIMES

O rei ficou aterrorizado com a aparição e contou a todos o que viu. Depois foi ao encontro de Lalibela, implorou pelo seu perdão e contou sobre a sua visão. Em seguida, entregou a ele o trono, chamando-lhe de Gabra Masqal. Depois de empossado rei, Lalibela entrou em uma dieta rigorosa que consistia em três pedaços de pão e um copo de água por dia.

OBRA ORDENADA PELA DIVINDADE

Somente no final do manuscrito é que se descreve como as igrejas foram construídas, pois boa parte do texto é usado para justificar que Lalibela já havia nascido destinado a construí-las, como um escolhido por Deus devido a sua humildade.

Lalibela reuniu vários homens e pagou o salário que pediram, fabricando ainda diversos instrumentos em ferro para o trabalho. Também comprou o terreno em que seriam feitas as igrejas, mesmo sendo rei e podendo desapropriar a área que lhe interessava.

O trabalho, como dito, reuniu cerca de 400 homens e foi concluído em 23 anos, algo impossível até com nosso maquinário moderno. Na página 125 do manuscrito (PERRUCHON, 1892), lemos:

“Os anjos estavam trabalhando com eles durante o dia e sozinhos durante a noite ”.

A cada avanço que os trabalhadores faziam durante o dia, os anjos avançariam mais do que dobro durante a noite. O próprio autor do manuscrito reconhece que a construção dessas igrejas, em um único bloco de pedra talhada cada uma, é um verdadeiro milagre. Isso desafiaria inclusive a engenharia moderna.



EPOCH TIMES

Lalibela não quis passar o trono para seu filho, considerando que só havia sido coroado rei pela vontade dos anjos. Doou então tudo que tinha e viveu na pobreza até o fim de seus dias. O manuscrito, além de reconhecer como milagre as igrejas em pedra, revela que, segundo o próprio Lalibela, elas teriam sido feitas para provocar fé nas pessoas.

Como qualquer pessoa pode conferir em *sites* que tratam dessas estruturas de Lalibela, a Igreja Cristã etíope possui uma Bíblia com 81 livros e embasa muito de sua fé nessas estruturas de pedra que, como visto, tiveram uma construção misteriosa e mesmo “milagrosa”, posto que são impossíveis de serem reproduzidas mesmo com a engenharia moderna.

Pertinente, contudo, observar que essas estruturas estão muito longe de terem se tornado uma “Nova Jerusalém” cristã. Mesmo sendo um “milagre”, a sua construção não abala a fé de cristãos ortodoxos, protestantes e católicos. Se as religiões foram realmente criadas por inteligências alienígenas para que tivéssemos regras, podemos supor que diversas equipes estão envolvidas nesse processo de engenharia social, mas que, por alguns motivos, esses planos são falíveis.

Pode ter sido o caso desse projeto das igrejas de Lalibela, que, orientadas de fato por alienígenas, teriam um objetivo específico de influência na humanidade, valendo-se de nossas religiões, mas por alguma razão o objetivo não foi alcançado. Contudo, o que realmente foi conseguido com a construção dessas igrejas já é matéria mais que suficiente para merecer a atenção de pesquisadores sérios e independentes, dadas as espantosas características do projeto.

CONCLUSÃO

Existe a possibilidade dessas estruturas terem sido feitas como um tipo de experimento social dos extraterrestres, alguma espécie de ordenamento de peregrinações, mas até hoje elas estavam quase que somente restritas aos cristãos etíopes, com poucos turistas estrangeiros se deslocando até lá.

Digo que “estavam” porque rebeldes da região do Tigré tomaram o controle da região onde ficam as igrejas em pedra no dia 5 de agosto de 2021 (ADEBA, 2021).

Importante lembrar que essas estruturas do Século XII são tombadas desde 1978 como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Em 2019, o presidente francês Emmanuel Macron prometeu financiar a restauração das igrejas, que estavam desde 2008 com tetos improvisados para evitar a erosão causada pelas chuvas, as quais estão danificando muito a estrutura das igrejas (GRAZIANI, 2019).

Aparentemente, quando foram construídas para serem uma “Nova Jerusalém” cristã, ninguém previu que o clima seria tão duro com as estruturas e tampouco que toda a região seria vítima da pobreza, do abandono e de conflitos armados.

É verdade que muitas estruturas de difícil explicação para a ciência moderna podem sempre ser atribuídas a uma incrível engenhosidade dos antigos, com os detalhes técnicos tendo se perdido para sempre, como no caso do fantástico templo de Kailasa, na Índia.

No caso das igrejas de pedra de Lalibela, porém, o próprio rei afirma que foram construídas por anjos, baseadas em outras estruturas que ele viu no “céu” durante um transe e que o objetivo específico era fazer as massas humanas se dirigirem para lá, criando talvez um ambiente de “controle populacional” ou mesmo para comunicação, talvez dando origem a um novo “povo eleito”. Mas ou o projeto foi abandonado ou não surtiu o efeito esperado. Admitindo que, como parece, a explicação seja realmente alienígena, essa teria sido uma das últimas intervenções diretas de extraterrenos em larga escala na história documentada de nossa civilização.

Importante ser dito que esse manuscrito sobreviveu, mas em outras regiões, que acabaram tendo um peso geopolítico diferente, fontes documentais como essa sumiram ou foram confiscadas, sugerindo que as intervenções alienígenas tenham sido até mais frequentes, e a não existência de documentos é fator insuficiente para descartar tal teoria.

O Pentágono recentemente admitiu a existência dos OVNIS (algo que não achava que veria em vida), mas o reconhecimento de que outras civilizações interferem diretamente nos rumos da pobre humanidade é uma graça que (devo admitir com pesar), aparentemente, terminarei meus dias sem ver.

O caso das igrejas de Lalibela, contudo, permanece como uma das possíveis evidências dessa interferência e convém que especialistas, bem como a humanidade em geral, detenham-se sobre o seu mistério e, ao mesmo tempo, busquem garantir a preservação de tão valioso patrimônio.

REFERÊNCIAS

ABEBA, Adis. Tropas do Tigré tomam Lalibela, patrimônio cultural da humanidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 ago. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/08/tropas-do-tigre-tomam-lalibela-patrimonio-cultural-da-humanidade.shtml>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

DÄNIKEN, Erich Von. **Eram os deuses astronautas?**. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

GRAZIANI, Cyril. Éthiopie: Emmanuel Macron fait de la “diplomatie culturelle” sur le site des églises de Lalibela. **France Inter**, Paris, 12 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.franceinter.fr/monde/ethiopie-emmanuel-macron-fait-de-la-diplomatie-culturelle-sur-le-site-des-eglises-de-lalibela>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

PERRUCHON, Jules François Célestin. **Vie de Lalibala, roi d'Éthiopie**: texte éthiopien publié d'après un manuscrit du musée britannique et traduction française avec un résumé de l'histoire des Zagüés et la description des églises monolithes de Lalibala. Paris: Ernest Leroux Éditeur, 1892. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2033004.r=Vie%20de%20Lalibala?rk=21459;2>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

O UNIVERSO E SUA IMENSIDÃO

DOUGLAS ALBRECHT

RESUMO

Conforme o ser humano começa a prestar atenção em tudo o que existe no Universo, ele passa também a especular sobre o que mais pode existir em toda a imensidão do Cosmos. Na verdade, a própria extensão do Cosmos é uma questão que surge frequentemente. Por mais difícil que seja responder a perguntas como essas, pesquisas científicas nas últimas décadas já foram capazes de estimar o diâmetro, o número de galáxias e o número de estrelas existentes no Universo observável, alcançando, inclusive, resultados que impressionam as pessoas comuns, pois os números são tão elevados que é difícil até de imaginá-los. Além do tamanho “colossal” que o Universo parece ter, deve-se considerar a sua expansão, pois é sabido que ele segue se expandindo e, conforme faz isso, também nos distancia de eventuais civilizações alienígenas já mais afastadas, talvez a ponto de inviabilizar a comunicação com elas. No entanto, é possível que a energia escura represente um papel-chave para se admitir as viagens interplanetárias e intergalácticas realizadas por seres de outros planetas. Todas essas considerações nascem a partir das reflexões do autor sobre o momento em que dependeu da luz de uma vela para conseguir escrever.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmologia. Tamanho do Universo. Expansão cósmica.

**SOBRE O AUTOR**

DOUGLAS ALBRECHT, paulista radicado no Paraná, é graduado em Agronomia pela UDESC (2002) e em Engenharia Civil pela UDC (2014), com especialização em Análise de Estruturas (2018). Morador da cidade maravilhosa de Foz do Iguaçu, terra das cataratas, hoje se considera um legítimo pé vermelho. Atuou por 17 anos no Paraguai como engenheiro agrônomo, atendendo a produtores de soja e milho, e hoje atua como engenheiro calculista e estruturalista, prestando serviços a diversas empresas do ramo da construção civil. Durante seus dois períodos acadêmicos, foi bolsista de iniciação científica CNPq, tendo como área de estudo gênese e fertilidade do solo. Espírita há 10 anos, é colaborador voluntário no CEAE (Centro Espírita Aprendizes do Evangelho) e também é membro voluntário no IPATI (Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental), capitaneado pela Dra. Sônia Rinaldi. Estuda e conhece as obras do Dr. Hernani Guimarães Andrade, eminente cientista espírita que, na década de 60, publicou obra ímpar (“Teoria Corpuscular do Espírito”), a qual jogou luz sobre os conhecimentos sobre o espírito, sua formação e influência na matéria.

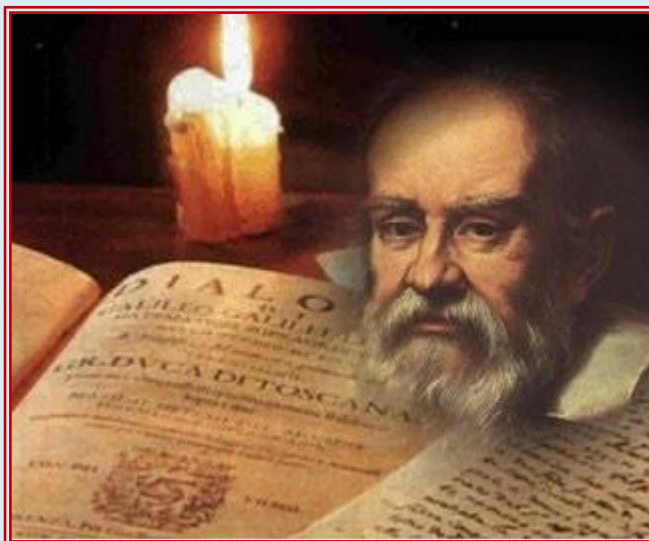
Em 2016, participou e realizou trabalho de pesquisa no agrolífo de Prudentópolis, onde coletou amostras de folhas e solo, e empreendeu estudo que gerou informações até então inéditas sobre o fenômeno.

É Conselheiro do PATOVNI.

Contato: albrechtengenharia77@outlook.com.

REFLEXÃO À LUZ DE VELA

Escrevo este artigo sob a luz de uma vela. Como antigamente, como nos tempos de Copérnico, Galileu e outros grandes percursores das ciências astronômicas e cosmológicas. Não faço isso por opção, mas por determinação das condições meteorológicas desse dia.



A LUZ DO HELIOCENTRISMO | BRASIL ESCOLA - UOL

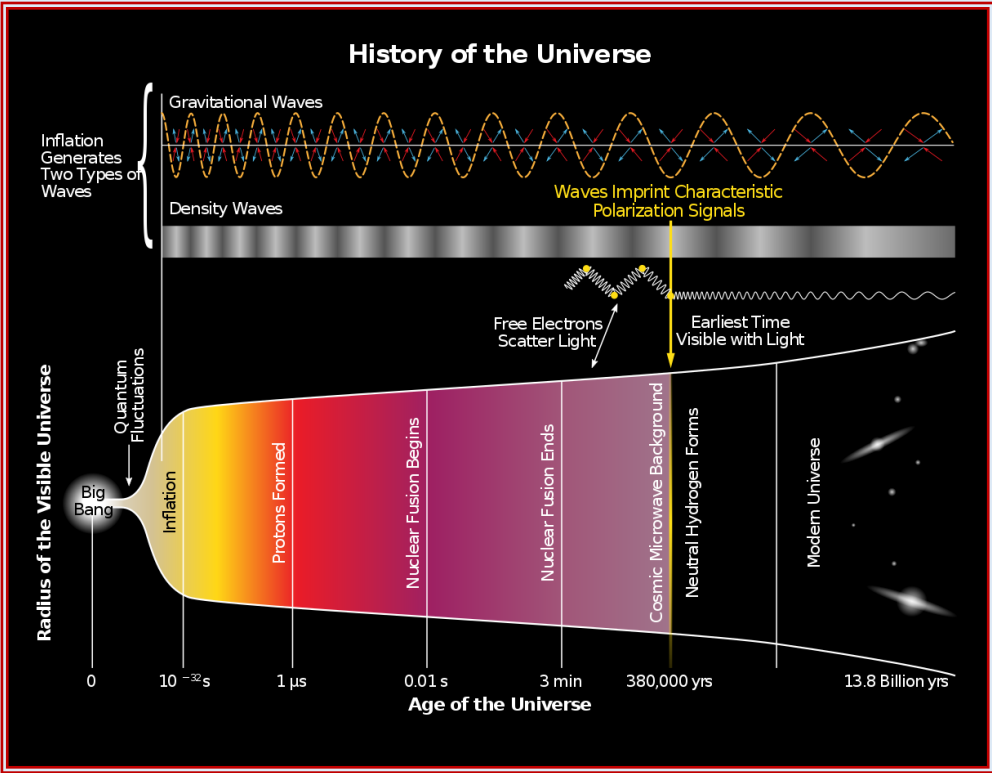
É justamente a luz dessa vela o ponto crucial deste artigo. É ela que nos guiará no entendimento da vastidão do Cosmos. O quão grande é o Universo? Quais seriam as suas medidas de ponta a ponta? E quantas civilizações existiriam nesses limites?

Para responder a essas perguntas, devemos começar a entender sobre o Universo cognoscível. O Universo cognoscível é aquele observável, ou, em outras palavras, é toda luz passível de captação, que um dia foi emitida e hoje consegue nos alcançar.

Os fótons que hoje excitam os bastonetes em nossa retina tiveram origem há muito tempo e só após a era da recombinação eles foram liberados para percorrer as grandes distâncias do Cosmos em expansão. Antes dessa era, o Universo era opaco, e até mesmo o tempo ainda não existia da forma como conhecemos hoje.

A ERA DA RECOMBINAÇÃO

A era da recombinação teve início 380 mil anos após o Big Bang. Trata-se do momento em que partículas elementares, como elétrons, quarks, glúons e mais um “zoológico” inteiro de outras variantes, estavam dispersas, sendo que os fótons (luz) apenas podiam saltar de uma a outra partícula, percorrendo curtas distâncias.



A HISTÓRIA DO UNIVERSO | WIKIPEDIA

Ao registrar esses sinais, simplesmente estamos captando os sinais mais antigos do Universo.

Parte dessa luz nos atinge atualmente na forma de RCF (radiação cósmica de fundo), na faixa de micro-ondas.

Foi somente após a era da recombinação, depois da formação de átomos, que a luz parou suas interações de curta distância e passou a percorrer livremente o Cosmos, marcando definitivamente o início do tempo como conhecemos hoje.

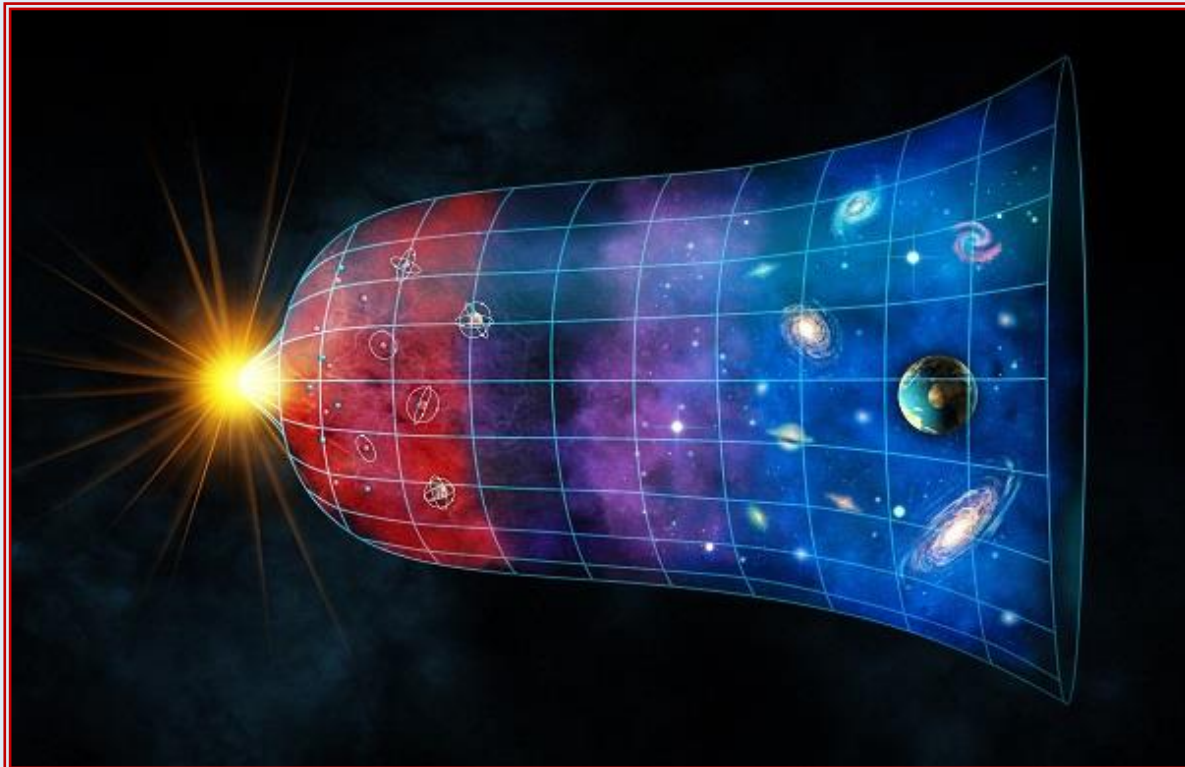
O conhecimento sobre o tamanho do Universo é muito recente. Um trabalho de Gott III *et. al.* (2005) calculou o raio do universo observável. Os pesquisadores concluíram que tal raio, equivalente a toda a luz que um dia foi emitida após a era da recombinação e hoje chega a nós, é de 46,6 bilhões de anos luz.

De ponta a ponta, o Universo tem cerca de 93 bilhões de anos luz de diâmetro. Tais informações nos permite concluir que: o Cosmos é infinito, mas o Universo observável é finito e mede 93 bilhões de anos-luz. Estabelecer esse limite é importante, pois fica mais difícil acreditar que, com um campo de visão de 93 bilhões de anos luz de diâmetro, estejamos realmente sozinhos. O que nos leva a outro dado dessa pesquisa.

UNIVERSO EM EXPANSÃO

No mesmo artigo, Gott e seus colaboradores estimaram que, dentro dessa vastidão cósmica, existam aproximadamente 170 bilhões de galáxias, (170.000.000.000), e cerca de 60 sextilhões de estrelas (60.000.000.000.000.000.000). Nos dias atuais, outros trabalhos atualizaram esse número para 1 trilhão de galáxias (1.000.000.000.000) e mais de 100 sextilhões de estrelas (100.000.000.000.000.000.000). São números além da capacidade de imaginação das pessoas, porém, para quem estuda ufologia, é um dado importante, pois nos estimula a especular quantas civilizações podem caber nessa vastidão toda e quantos tipos de civilizações podem ser encontrados nesses limites.

Mas a questão não termina aqui. Conhecer agora, como conhecemos, o tamanho do Universo não é suficiente. É preciso colocar outra questão na mesa: a expansão do Universo.



UNIVERSO EM EXPANSÃO | MUNDO EDUCAÇÃO - UOL

O estudo da expansão do Universo começou com uma competição de duas equipes de pesquisadores em 1990. As equipes competiram para descobrir a taxa de aceleração ou desaceleração, como era defendido na época, do Universo. A equipe *Supernova Cosmology Project*, instalada no laboratório nacional Lawrence em Berkeley- Califórnia, e a equipe *High-Z Supernova Search*, instalada no Mount Stromlo Observatory, na Austrália, trabalhavam de forma independente e buscavam em seus observatórios explosões de supernovas do tipo Ia em galáxias distantes. Esse tipo de supernova é conhecido como a explosão mais comum e apresenta uma liberação colossal de energia muito mais padronizada do que outras supernovas.

Após alguns anos de análises, as duas equipes incrédulas concluíram que o Universo está se expandindo, e de forma rápida.

Isso significa que, além dos números colossais para a quantidade de galáxias e estrelas dentro desse limite observável finito de 93 bilhões de anos-luz, o limite do não observável, e mesmo chamado de “infinito”, aumenta a cada segundo que passa, tornando cada vez mais distante as civilizações contidas nesse diâmetro observável. Em outras palavras, o Universo se expande e cria espaço para a luz percorrer livremente, sem nunca chegar ao fim ou a um ponto final.

PARA REFLETIRMOS

Mas o que está provocando essa expansão? E essa expansão tornará o contato com alienígenas cada vez mais difícil? Ela sempre marcará um limite para o contato entre as civilizações?

A resposta já existe e a responsável é a energia escura, que parece ser a chave para se entender sobre as viagens interplanetárias e intergalácticas realizadas por nossos irmãos cósmicos. Afinal, manter a expansão do Universo, superando a força gravitacional de tudo que nele contém, por si só, já demonstra o poder dessa tal energia escura. Porém, isso é tema para outro artigo.



ENERGIA ESCURA? | HUBBLE SPACE TELESCOPEY

Por aqui, a energia elétrica já foi restabelecida e conto agora com os fótons da velha e boa lâmpada elétrica, fótons esses que, desde o começo da leitura deste artigo, percorrem uma distância maior no Universo, pois seu tamanho já não é o mesmo, e assim o será para sempre.



AVE HUBBLE – OLHO CÓSMICO
THE EUROPEAN SPACE AGENCY

REFERÊNCIA

GOTT III, J. Richard; JURIC, Mario; SCHLEGEL, David; HOYLE, Fiona; VOGLEY, Michael; TEGMARK, Max; BAHCALL, Neta; BRINKMANN, Jon. A map of the Universe. **The Astrophysical Journal**, [S.l.]. v. 624, n. 2. Disponível em: <<https://iopscience.iop.org/article/10.1086/428890/pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2021.